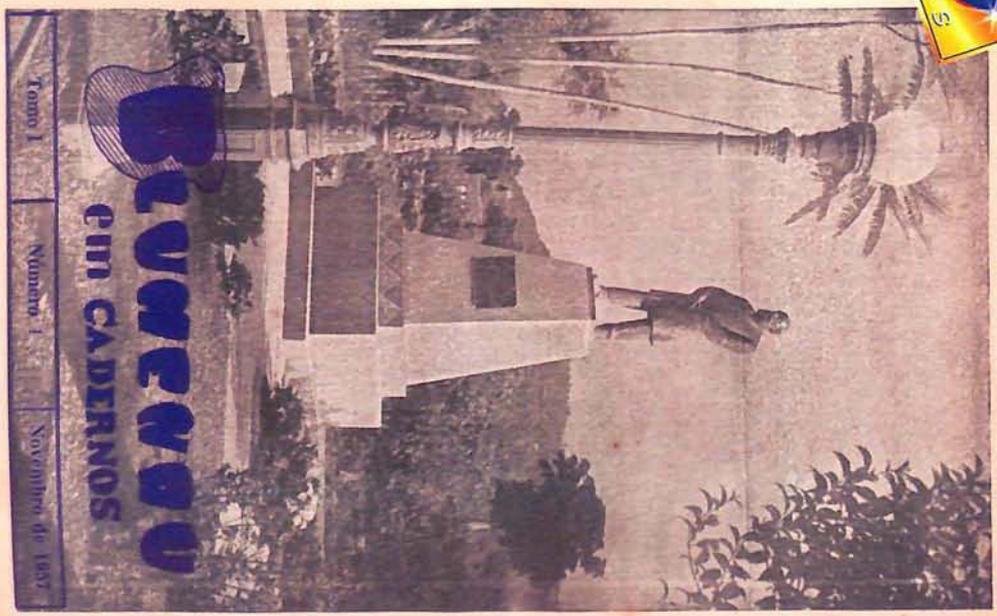




# BLUMENAU em Cadernos

ISSN 0006-5218



50 ANOS  
 TOMO XLVIII  
 Nº 12  
 Novembro de 2007

## PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU

*J. P. Kleinübing*  
João Paulo Kleinübing  
*Prefeito Municipal*

*E. Brunstfeld*  
Edson Brunstfeld  
*Vice-Prefeito*

## FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Marion Bubeck Willecke  
*Presidente*

Iúry Bugmann Ramos  
*Diretor Administrativo-Financeiro*

Sueli M. V. Petry  
*Diretora Histórico-Museológica*

Rafaela Hering Bell  
*Diretora do Museu de Arte de Blumenau – MAB*

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Sueli Petry  
*Diretora*

## CONSELHO EDITORIAL

Annemarie Fouquet Schünke (*Presidente*)

Cristina Ferreira

Gervásio Tessaleno Luz

Ivo Marcos Theis

Marcos Schroeder

Roberto Marcelo Caresia

Urda Alice Klueger

Viegas Fernandes da Costa

# BLUMENAU

*em Cadernos*

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



**Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,**  
na Área de História – edição 1998, concedido  
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina  
**Prêmio Destaque - 2002**  
concedido pela Academia Catarinense de Letras.

© 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

**BLUMENAU EM CADERNOS**

Expediente: Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - 89015-010 - Blumenau (SC)

Fone (0\*\*47) 326-6990 - E-mail: [arquivohistorico@fcblu.com.br](mailto:arquivohistorico@fcblu.com.br)

Capa: Capa da revista "Blumenau em Cadernos" (1957).

Silvio Roberto de Braga

Revisão: Valdir A. Petry

Digitação: Elton Cardoso

Secretária: Mirela Nolasco



**EDITORA CULTURA EM MOVIMENTO**

Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - 89010-001 - Blumenau - SC

Fone (0\*\*47) 326-7511 - E-mail: [editora@fcblu.com.br](mailto:editora@fcblu.com.br)

<http://www.fcblu.com.br>

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller - Blumenau - SC

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (06) 1957 -

II.

Bimestral

ISSN 0006-5218

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907  
© Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial pela Editora Cultura em Movimento  
"Impresso no Brasil / Printed in Brazil"

## SUMÁRIO

### Documentos Originais - *Biografia*

#### 17. Sua Posição Honrosa

*Pe. Estanislau Schütte e Pe. Eloy Dorvalino Koch scj - Tradutor* ..... 09

### Artigos

#### Blumenau, início do século XX:

##### O investimento sobre uma concepção de cidade

*Ricardo Machado* ..... 54

### Burocracia & Governo

Transcrições de Documentos Extraídos de Fontes Originais localizadas  
no Acervo do Arquivo Público do Estado ..... 74

### Entrevista

História de vida: América Schroeder ..... 91

### Crônicas do Cotidiano

#### Encontro com a infância

*Urda Alice Klueger* ..... 117

### Autores Catarinenses

#### Mestres da crítica catarinense

*Enéas Athanázio* ..... 120



## Apresentação

Iniciamos o ano de 2007, partilhando com todos a alegria de estar registrando ao longo deste ano o cinquentenário de **Blumenau em Cadernos**. Mantida pelos assinantes e colaboradores, a revista vem desempenhando o seu papel como um instrumento divulgador da historiografia regional e catarinense dentro do cenário nacional.

A caminhada até aqui não foi fácil. *Blumenau em Cadernos* é uma das poucas publicações que, pela sua abrangência regionalizada, ostenta uma durabilidade tão longa. Idealizada pelo pesquisador e historiador José Ferreira da Silva, este periódico é, sem dúvida, uma inesgotável fonte para a pesquisa do cotidiano, das relações de gênero, biografias, política, educação, sociedade e registro documental relacionado a questões da História Regional.

Assim, iniciamos o bimestre de Janeiro/Fevereiro com a coluna bilíngüe **Documentos Originais – Biografia**, na qual finaliza-se a extensa biografia do “*Pe. José Maria Jakobs*”, escrita pelo Pe. Estanislau Schütte na década dos anos vinte. O meticuloso trabalho da tradução foi realizado pelo Doutor em Educação na área de Filosofia e História, Pe. Eloy Dorvalino Koch.

O Mestre em História pela Universidade Santa Catarina, Prof. Ricardo Machado, publica, na coluna **Artigos**, o texto “*Blumenau, início do século XX: o investimento sobre uma concepção de cidade*”. No seu teor, o autor trabalha as primeiras décadas do início do século XX, momento em que surgiram em Blumenau novas formas de investimento na vida dos indivíduos e, naturalmente, estas implicaram em novos problemas para a gestão do espaço da cidade.

Com a finalidade de socializar aos leitores e pesquisadores informações contidas em cópias de documentos depositados no acervo do Arquivo Histórico, publica-se em **Burocracia & Governo** transcrições documentais da administração pública. Os originais encontram-se no acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

Na seção **Entrevistas**, o depoimento concedido pela Senhora Amé-rica Schroeder ao Centro de Memória Oral e Pesquisa – CEMOP, da FURB, através da professora doutora Maria Luiz Renaux, revela um registro dos mais significativos e ricos que diz respeito à história dos costumes na região do Vale do Itajaí.

Urda Alice Klueger, ao escrever para a seção **Crônicas do Cotidiano**, buscou nas lembranças de criança a inspiração para construir o texto que se intitula “Encontro com a Infância”.

Finalizando a edição bimestral, o escritor Enéas Athanázio, ao escrever em **Autores Catarinenses**, *“Mestres da crítica Catarinense”*, tece comentários sobre alguns autores catarinenses, bem como de obras lançadas em diferentes tempos na literatura catarinense.

Aos interessados em escrever na revista, deixamos aqui o convite para os memorialistas, historiadores e pesquisadores remeterem seus textos para as colunas Artigos, História & Historiografia, Memórias e Crônicas do Cotidiano.

Sueli M. V. Petry  
*Diretora da Revista Blumenau em Cadernos*

# Pe. José Maria Jakobs

Pe. Estanislau Schätte <sup>2</sup>

Pe. Eloy Dorvalino Koch scj - Tradutor <sup>3</sup>

Documentos  
Originais -  
*Biografia*

**Sua posição  
Honrosa<sup>1</sup>**

Em passado recente, um dos grandes comerciantes de Blumenau assim falava a quem escreve estas linhas: “Pe. Jakobs, em geral, realizou um grande bem à nossa Colônia. A ponto de fazer jus a um monumento”.

Para o Governo Imperial, ele era o seu Homem de Confiança e, em geral, a sua palavra era a decisão. Era muito considerado nos meios do Governo Provincial. Fato muitas vezes comprovado pelo Visconde Alfredo Escragnolle Taunay.

Para as necessidades e interesses da Colônia, e indiferente a diferenças de Religião, ele sempre tinha os ouvidos atentos e uma boa vontade decidida a auxiliar.

1 Continuação do texto publicado na revista de Novembro/Dezembro: Tomo XLVII p. 10-83, 2006

2 Pe. Estanislau Schätt. Natural da Alemanha. Ordenou-se sacerdote no Brasil (1902). Dedicou grande parte da sua vida à educação: Trabalhou no Colégio S. Antônio de Blumenau, como professor (20 anos. Diretor entre os anos (1912-32). Faleceu em Petrópolis (RJ), /1960. O artigo foi publicado na Revista mensal *Der Wegweiser* (Indicador de Rumo), pelos Padres Dehonianos SCJ de Brusque, nos meses de Junho, Julho e Agosto de 1930.

3 Doutor em Educação pela USP, na área de Filosofia e História; e Diretor do Arquivo Provincial Padre Lux (Appal - Brusque). - Digitação da Historiadora e Secretária do Appal: Karina Santos Vieira.



### Seine geachtete Stellung

Pe. Estanislau Schütte<sup>1</sup>

Einer der Grosskaufleute Blumenaus sagte kürzlich zum Schreiber dieser Zeilen: "P. Jakobs hat im allgemeinen viel Gutes für unsere Kolonie bewirkt. Er verdiente, dass ihm ein Denkmal gesetzt würde".

Die kaiserliche Regierung betrachtete ihn als ihren Vertrauensmann und sein Wort brachte gewöhnlich die Entscheidung. In den Kreisen der Provinzialregierung war er hochgeachtet, was der Visconde Alfredo Escragnolle Taunay öfters bewies.

Für die Nöte und Anliegen der Kolonisten, ohne Unterschied der Religion, hatte er stets ein offenes Ohr und zeigt energische Bereitwilligkeit zum Helfen. So kam eines Tages Ferdinand Braatz zu ihm, der sich in grosser Verlegenheit befand. Er sollte eine hohe Strafsumme an die Munizipalkammer zahlen, hatte aber nicht die Mittel dazu, glaubte auch, dass die Gerechtigkeit nicht genügend sei beobachtet worden. Er erzählte dem P. Jakobs sein Anliegen; dieser ging sofort mit ihm zur Kammer und erledigte den Fall zur Zufriedenheit aller.

Als man in Blumenau einmal das Schützenfest feierte, fragte P. Jakobs seinen Lehrer Karl Krämer: "Sollen wir dort einen kurzen Besuch machen?" "Gewiss! Das wird die Leute freuen"; sagte dieser. Und beide gingen hin. Es entstand ein allgemeiner Jubel, als Pastor Jakobs erschien, durch den Garten wandelte und von Tisch zu Tisch seine Bekannten begrüste.

Die ältesten Leute von Blumenau sprechen heute noch mit Begeisterung von diesen tüchtigen, tatkräftigen und uneigenützigem Mann.

### Seine Schwierigkeiten

Die ununterbrochene Last stets dringlicher Arbeit macht nervös. Die Gewohnheit, vieles schnell entscheiden zu müssen, bewirkt, dass der Ausdruck der Sprache kurz und herrisch sich anhört. Dies konnten manche nicht vertragen. Der Schulinspektor, der den Titel *delegado literário* führte, versagte es ihm, die für die Regierung bestimmten Schülerlisten zu

---

<sup>1</sup> Pe. Estanislau Schütt. Natural da Alemanha. Ordenou-se sacerdote no Brasil (1902). Dedicou grande parte da sua vida à educação: Trabalhou no Colégio S. Antônio de Blumenau, como professor (20 anos. Diretor entre os anos (1912-32). Faleceu em Petrópolis (RJ), /1960. O artigo foi publicado na Revista mensal *Der Wegweiser* (Indicador de Rumo), pelos Padres Dehonianos SCJ de Brusque, nos meses de Junho, Julho e Agosto de 1930.

Foi assim que, em certa ocasião, Fernando Braatz veio ter com ele. Encontrava-se em grandes apuros, pois devia pagar uma grande multa, e sem ter como. Também achava que a Justiça não tinha sido muito correta com ele. Apresentou o caso a Pe. Jakobs, que logo se dirigiu com ele à Câmara, e o caso foi resolvido a contento para ambas as partes.

Por ocasião de uma Festa dos Atiradores, em Blumenau, Pe. Jakobs perguntou ao Prof. Carlos Krämer: “Não seria interessante fazermos uma rápida visita ao Clube?” “Sem dúvida. Isso vai alegrar o pessoal”, disse o Professor. E para lá se foram eles. Dito e feito: a turma exultou, quando Pe. Jakobs apareceu, e andava pelo jardim e, de mesa e mesa, cumprimentava os conhecidos.

Ainda hoje, as pessoas mais antigas de Blumenau falam entusiasmadas desse homem competente, ativo e desinteressado.

## 18. Seus Problemas

O constante fardo de trabalho urgente é enervante. O hábito de, por necessidade, resolver muita coisa em cima da hora, faz com que a própria expressão da linguagem pareça lacônica e prepotente. Coisa que alguns não podiam suportar.

O Inspetor Escolar, então conhecido como “Delegado Literário”: negou-se a dar ao Pe. Diretor o reconhecimento das listas de alunos, exigido pelo Governo. Pois pretendia-se que o Colégio São Paulo perdesse a subvenção anual. O então Deputado Estadual de Itajaí, A..., alcançou o desiderato.

O jornal “Regeneração” (31/10/1886) assim escreveu sobre o caso: “Para a nossa Província, era uma honra subvencionar o Colégio do Pe. Jakobs, o qual já tanto benefício prestou à juventude. Mas os conservadores odeiam-no: procuram contrariá-lo, e levar o seu Colégio à ruína. Cortaram-lhe a subvenção, não alcançando, porém, o que pretendiam. Pe. Jakobs é a tal ponto desinteressado que, não obstante os grandes sacrifícios, consegue manter o seu Instituto. Não foi, pois, o espírito de poupança pública que negou a subvenção, mas tão somente uma aversão perversa”.

Aos 18 de junho de 1889, Pe. Jakobs escreveu ao Inspetor Escolar de Blumenau em exercício: “Com a presente, comunico-lhe que ainda conti-

beglaubigen. Das St. Paulskolleg sollte nämlich die jährliche Unterstützung verlieren. Der damalige Staatsdeputierte aus Itajahy A...erreichte dies tatsächlich.

Darüber schreibt die Zeitung "Regeneração" vom 31. Oktober 1886: "Es war eine Ehre für unsere Provinz, das Kolleg des P. Jakobs zu unterstützen, das der Jugend schon soviel Gutes geleistet hat. Aber die Konservativen hassen ihn und suchen ihn zu ärgern und sein Kolleg zu Falle zu bringen. Sie haben ihm die Unterstützung gestrichen, aber doch nicht erreicht, was sie wollten. P. Jakobs besitzt so grosse Uneigennützigkeit, dass er doch sein Institut, wenn auch mit grossen Opfern, unterhält. Nicht der Geist der Sparsamkeit war es, der die Unterstützung verweigerte, sondern boshafte Abneigung".

Am 18. Juni 1889 schrieb P. Jakobs an den damaligen Schulinspektor in Blumenau: "Hierdurch teile ich Ihnen mit, dass ich heute noch Ihre Bescheinigung über die Monate Februar, März, April und Mai des laufenden Jahres benötige. Dreimal sandte ich Ihnen einen meiner Lehrer mit der diesbezüglichen Bitte, aber jedesmal weigerten Sie sich. Deshalb ersuche ich Sie, mir eine offizielle, schriftliche Erklärung zu geben, ob Sie mir die Bescheinigung über den Schuldienst meines Kollegs geben wollen oder nicht.

Ich füge hinzu, dass die Provinzialbehörde mich benachrichtigte, dass sie auch ohne die Unterschrift des Schulinspektors die Zahlung der Unterstützung leisten werde, was für den Monat Januar schon geschehen ist.

Ferner teile ich Ihnen mit, dass der offizielle Titel meines Instituts nicht ist "Escola Particular do Padre" sondern "*Collegio S. Paulo, Blumenau*".

Zur Kenntnisnahme schreibe ich Ihnen aus den Gesetzen und Beschlüssen der Provinz Santa Catharina aus dem Jahre 1888 den Artikel 27 nieder, der lautet: "Es ist aufgehoben das Gesetz 1132 vom 22. September 1886 und deshalb die Unterstützung von 1:200 \$ 000 rs. jährlich für das *Colleg S. Paulo in Blumenau*, geleitet vom P. Joseph M. Jakobs, wieder bewilligt".

Später wechselte man den Schulinspektor, aber die Gesinnung blieb dieselbe. Der Schulinspektor hatte ein wachsames Auge auf den P. Jakobs und sein Kolleg. Die Republik beobachtete nicht mehr, wie früher, die katholischen Feiertage. P. Jakobs musste sie natürlich halten.

Am Feste Mariae Verkündigung war der Pfarrer in seiner Kirche. Um

nuo necessitado de seu certificado referente aos meses de fevereiro, março, abril e maio do corrente ano. Já por três vezes enviei-lhe um dos meus professores com o respectivo pedido. Mas o Senhor, toda vez, recusou-lhe atendimento. Rogo-lhe, pois, remeter-me uma explicação oficial, por escrito, sobre se o Senhor quer ou não quer dar-me o certificado referente ao magistério do meu Colégio.

Acrescento, outrossim, que a Autoridade Provincial me informou no sentido de que poderá efetuar o tal pagamento de subvenção, também sem a assinatura do Inspetor Escolar; tal como já ocorreu no mês de janeiro.

Também lhe comunico o seguinte: A designação oficial do meu Instituto não é “Escola Particular do Padre”, mas “Colégio S. Paulo, Blumenau”.

Para seu conhecimento, transcrevo-lhe o artigo 27 das Leis e Resoluções da Província de Santa Catarina de 1888, que reza: Foi revogada a Lei 1132 de 22 de setembro de 1886 e, conseqüentemente, a subvenção de 1:200\$000 anuais para o Colégio São Paulo, Blumenau, dirigido pelo Pe. José M. Jakobs, é novamente autorizada”.

Posteriormente, o Inspetor Escolar foi substituído. Mas a animosidade continuou a mesma. O novo Inspetor tinha os olhos vigilantes sobre o Pe. Jakobs e seu Colégio. A República não mais respeitava os dias Santos da Igreja Católica. Mas ao Pe. Jakobs cumpria-lhe guardá-los. De modo que, na Festa da Anunciação de Nossa Senhora, o Vigário estava na sua Igreja. Às 8h30min, o Padre foi surpreendido com esta notícia: “O Inspetor Escolar está no Colégio, e quer aplicar exames”. Pe. Jakobs mandou avisar: “Só poderei comparecer após a santa missa”. Quando então chegou à Escola, o Inspetor já desaparecera, fazia tempo, e esbravejando. De imediato, o Inspetor encaminhou queixa contra o Pe. Jakobs.

A segunda reclamação ocorreu no 21 de abril, dia da morte de Tiradentes. Pe. Jakobs somente recebeu à noite o respectivo Decreto de feriado nacional. Mas o Inspetor Escolar enviou ao Governo Estadual a sua queixa contra o Padre.

Também se formou um forte contraste entre o Superintendente do Município e o Pe. Jakobs. Aquele era um médico bondoso, e benfeitor de pobres. Mas não conseguia entender-se com o Vigário Católico. A razão residia na visão divergente da Religiosidade.

O Superintendente iniciou um conflito por causa de uma faixa de

8.30 Uhr wurde er überrascht von der Nachricht: "Der Schulinspektor ist im Kolleg und will Prüfung halten". "Ich kann erst nach Beendigung des Gottesdienstes kommen", liess P. Jakobs ihm sagen. Als er endlich anlangte, war der Schulinspektor schon lange schimpfend weggegangen. Sofort reichte er eine Klage gegen den P. Jakobs ein.

Die zweite Beschwerde folgte am 21. April, dem Todestage des Tiradentes. P. Jakobs erhielt abends die Regierungsverordnung, dass der 21 April Nationalfeiertag sei. Die Nachricht war zu spät eingetroffen, aber der Schulinspektor liess seine Anklage gegen den Pater an die Staatsregierung abgehen.

Ein scharfer Contrast bildete sich aus zwischen dem Superintendenten des Munizips und dem P. Jakobs. Ersterer war ein menschenfreundlicher Arzt und Wohltäter für manche Arme. Aber mit dem katholischen Pfarrer konnte er sich nicht verständigen. Der Grund lag in der Verschiedenheit der religiösen Ansichten.

Der Superintendent begann einen Streit mit dem Pfarrer bezüglich eines Streifen Kirchenlandes, welcher zwischen der Hauptstrasse und dem Flusse lag, oben schmal war und abschüssig sich dem Flussbett zuwandte, ganz aber zum Kirchengrundstück n<sup>o</sup>53 gehörte. Neben dem Kirchenlande war östlich eine Strasse ausgelegt, die am Fluss einen erweiterten Hafenplatz haben sollte, so dass die eine Grenzlinie in schräger Richtung das Kirchenland berührte und ein Stück abschnitt. Alles war noch von Urwald bedeckt.

Im Jahre 1885 baute P. Jakobs sein geräumiges, neues Kolleg. Auf der Flusseite liess er Steine brechen. Dafür belegte ihn der Superintendent mit 20\$000 rs. Strafe am 12. Juni 1885. P. Jakobs zahlte gleich, jedoch unter Protest.

Damals gab es noch tüchtige Männer, die treu dem Pfarrer zur Seite standen. Zu diesen gehörte Heinrich Reuter aus Indayal. Im Auftrage des Pastors machte er eine Reise zur Staatshauptstadt und fand dort im Regierungsarchiv, dass das Grundstück n.53 ganz der katholischen Kirche gehöre, auch der Streifen zwischen Strasse u. Fluss. Darüber liess er sich eine offizielle Bescheinung ausstellen, die er dem P. Jakobs übergab. Am 13. August 1885 erbat und erhielt dieser die Rückzahlung der fälschlich ihm auferlegten Geldstrafe.

Peinlich war der Streit zwischen Superintendent, Dr. Bonifácio da Cunha u. Pastor Jakobs im Jahre 1891. Ersterer liess den Zaun am

terra da Igreja, situada entre a Rua Principal e o Rio: que, mais acima, era estreita, e se dirigia em declive para o leito do Rio. Mas que, sob o nº 53, pertencia, por inteiro, ao terreno da Igreja. Ao lado deste terreno havia, a leste, uma estrada, a qual, já perto do Rio, deveria alargar-se numa praça de porto. De tal sorte, que uma destas linhas-limites seguiria oblíqua, tocando e, em parte, cortando o terreno da Igreja. Tudo ainda estava coberto de mata virgem.

Em 1885, Pe. Jakobs construiu o seu espaçoso Colégio. No lado fluvial da Rua, ele mandou britar pedras. O Superintendente o multou em 20\$000 Rs. O Padre logo pagou a multa, mas sob protesto.

Naquele tempo, ainda havia homens de valor que tomavam a defesa do Vigário. Entre esses contava-se Henrique Reuter, de Indaial. Incumbido pelo Vigário, viajou à Capital do Estado. No arquivo do Governo, encontrou esta confirmação: o terreno sob nº 53 *pertence inteiramente à Igreja Católica*; também aquela faixa de terra entre a Rua e o Rio. Sobre isso o Sr. Reuter providenciou um certificado oficial, por ele entregue ao Pe. Jakobs. De modo que, aos 12 de agosto de 1885, o Padre requereu e conseguiu a devolução daquela multa injusta.

Foi deplorável o conflito entre o *Superintendente* Dr. Bonifácio da Cunha e o *Padre Jakobs*, em 1891. O Doutor mandou arrancar a cerca no terreno da Igreja, situado à beira do Rio. O Padre logo mandou recolocar a cerca. Esse jogo se repetiu algumas vezes. No dia 17 de outubro, apareceu o Dr. Cunha com um policial, e mandou levar preso o trabalhador, a quem o Padre encarregara de consertar a cerca. Pe. Jakobs estava presente, e se opôs à prisão do seu empregado. Naturalmente, deve ter havido uma troca de palavras pouco amenas.

Assim que, aos 19 de outubro, o *Promotor Público*, Francisco Antônio Oliveira Margarida, encaminhou um processo contra o *Vigário*, e determinou fosse aplicada a penalidade média contra o desacato à dignidade do Intendente Municipal. Para a primeira audiência, foram convocadas as seguintes testemunhas: Germano Baumgarten, Guilherme Murphy, Gustavo Baumgarten, Frederico Rabe e Henrique e João Steinert.

Entrementes, porém, Pe. Jakobs encaminhou um requerimento seu para melhor saber como defender-se. Também anexou um documento, pelo qual o Coletor Estadual declarava que todo o terreno nº 53 pertence à

Kirchenland an der Flussseite abreissen, doch P. Jakobs gab sofort den Auftrag, ihn wieder herzustellen. Dieses Spiel wiederholte sich mehrere Male. Am 17. Oktober erschien Dr. Cunha mit einem Polizeisoldaten und wollte den Arbeiter festnehmen, der im Auftrage des Pfarrers den zerftörten Zaun ausbesserte. P. Jakobs war gegenwärtig und widersetzte sich der Gefangennahme seines Arbeiters. Natürlich wurden auch einige Worte gewechselt.

Der Promotor Público Francisco Antônio Oliveira Margarida leitete am 19. Oktober den Prozess gegen den Pfarrer ein und beantragte, das mittlere Strafmass anzuwenden gegen denjenigen der die Würde des Municipalsuperintendenten nicht genügend geachtet haben sollte. Für das erste Verhör wurden als Zeugen geladen Hermann Baungarten, Wilhelm Murphy, Gustav Baumgart, Friedrich Rabe, Henrich und Johann Steinert.

Am 22. Oktober wurden die Aussagen zu Papier gebracht. Eine Woche später erklärte der Promotor, dass sich aus den Berichten der Zeugen keine Schuld des P. Jakobs ableiten lasse.

Doch hatte P. Jakobs inzwischen sein Gesuch eingereicht, um sich gründlicher verteidigen zu können. Er legte gleich ein Dokument bei, wonach der Staatskollektor erklärte, das ganze Grundstück n.53 gehöre der katholischen Kirche; zudem verlangte er die Berufung von fünfzehn Zeugen. Der Richter stimmte zu und so gab es denn am 29. Oktober sehr viele Arbeit. Sämtliche Zeugen machten ihre eidliche Aussagen. Darunter der bekannte, tüchtige Landmesser Emil Odebrecht. Er sagte, dass er persönlich das Grundstück ausgemessen und seine Grenzen festgelegt habe und dass der Streifen zwischen Strasse und Fluss immer dazu gehört habe.

Dasselbe bezeugten der Architekt Heinrich Krohberger, Wilhelm Engelke, Heinrich Reuter und noch elf andere. Aus ihren Berichten liess sich nicht feststellen, dass P. Jakobs den Superintendenten sollte grob beleidigt haben. So mussten denn der Promotor und Rechtsrichter die Freisprechung des P. Jakobs formulieren. Dies geschah am 30. Oktober 1891. Doch verpflichtete man den Pfarrer, die Unkosten, die seine weitgehende Verteidigung verursacht hatte, selbst zu bezahlen.

Genau ein Jahr vorher lief ein Beleidigungsprozess, den Domenico Adami aus Rodeio gegen den P. Jakobs angestrengt hatte. Die Sachlage war folgende: Di ersten republikanischen Wahlen standen am 15. September 1890 bevor. Die brasilianischen Bischöfe hatten am 19. März 1890 in einem

Igreja. Além disso, o Padre exigiu a convocação de 15 testemunhas. Inclusive o conhecido e competente agrimensor Emílio Odebrecht, que afirmou o seguinte: “Eu pessoalmente medi o terreno, e fixei os seus limites; e a faixa de terra entre a Rua e o e o Rio sempre dele fizeram parte”.

O mesmo testemunharam o arquiteto Henrique Krohberger, Guilherme Engelke, Henrique Reuter e outros 11. De suas informações não foi possível deduzir que Pe. Jakobs tivesse desacatado grosseiramente ao Superintendente. De sorte que o Promotor e o Juiz tiveram que formular a absolvição do Pe. Jakobs. Tal ocorreu aos 30 de outubro de 1891. Mas obrigaram o Vigário a pagar as despesas exigidas pela ampla defesa.

Há exatamente um ano atrás, corria um processo de injúria, que Domênico Adami, de Rodeio, movera contra Pe. Jakobs. Eis a situação então reinante. As primeiras eleições republicanas estavam marcadas para 15 de setembro de 1890.

Na Carta Pastoral de 19 de março de 1890, os Bispos Brasileiros haviam alertado os católicos para os seus deveres. No Rio de Janeiro, o Diretório Geral do Partido Católico promovia uma forte propaganda no sentido de, olhos fitos na Constituinte, fossem votados Deputados Católicos para o Congresso. No Desterro, já havia um Diretório Central. E no dia 15 de agosto, Pe. Jakobs fundou o Partido Católico em Blumenau. A essa 1ª Reunião compareceram 250 cidadãos. Todo entusiasmo, o Padre Vigário pronunciou o discurso de esclarecimento. A seguir, conduziu a eleição do Diretório, que se constituiu assim:

Presidente: Guilherme Engelke.

Vice-Presidente: Henrique Reuter.

1º Secretário: Elesbão Pinto da Luz.

2º Secretário: Guilherme Murphy.

Tesoureiro: João Hostert.

Na manhã do mesmo dia, espalhou-se, com presteza, um panfleto com a epígrafe:

Em cima da Hora,

*ao Partido Católico.*

O autor escondeu-se no anonimato. E assim se refere à *Reunião Católica*: “O autor tentou, mediante colossal folha de papel, capturar patetas. Sua conclamação serviu apenas para o geral divertimento”.

Hirtenschreiben die Katholiken auf ihre Pflichten aufmerksam gemacht. In Rio de Janeiro ging von dem General-Direktorium der katholischen Partei eine lebendige Propaganda aus, um für die Beratung der Verfassung katholische Deputierten in den Congress zu wählen. Ein Zentral-Vorstand bestand schon in Desterro und P. Jakobs ging am 15. August zur Gründung der Katholischen Partei in Blumenau über. In der von 250 Bürgern besuchten Bersammlung hielt er begeistert die erklärende Rede und leitete die Wahl des Vorstandes, der sich bildete aus folgenden Herren:

Präsident: Wilhelm Engelke.

Vizepräsident: Heinrich Reuter

erster Sekretär: Elesbão Pinto da Luz

Zweiter Sekretär: Wilhelm Murphy

Schatzmeister: Johann Hostert

Am Morgen desselben Tages wurde fleissig ein gegnegrisches Flugblatt verbreitet mit der Überschrift: "Zu rechter Zeit".

An die katholische Partei!

Der Verfasser gab seine Unterschrift nicht her, und im Bericht über die Versammlung liest man: "Der scharfsinnige Verfasser versuchte darin mittels einer kolossalen Zeitungsentee Gimpel zu fangen. Sein Aufruf diente zur allgemeinen Erheiterung".

Die Gründung der katholischen Partei, die im Auftrage des Bischofs geschehen war, brachte nur Feindschaft gegen den Pfarrer hervor. Ein frecher Witzbold verfasste ein Spottlied, das nach der Melodie: "Heil Dir im Siegerkranz" gesungen wurde und von dem die erste Strophe lautete:

"Maria Himmelfahrt

Allhier gegründet ward

Eine Partei.

Kirche ist in Gefahr,

Macht man den Dummen klar,

So ruft die Klerisei

Und macht Geschrei".

Die leitenden Männer, die seit dem Sturze des Kaisertums die politische Führung übernommen hatten, fürchteten den Einfluss des P. Jakobs auf die grosse Masse des Volkes und sehnten einen Augenblick herbei, um gegen ihn vorgehen zu können. Eine solche Gelegenheit fand sich leider am 14. Oktober 1890, als P. Jakobs in Rodeio das Fest der schmerzhaften Mutter

A Fundação do Partido Católico, aliás, por ordem do Senhor Bispo, só provocou inimizades contra o Vigário.

Um cara insolente compôs uma sátira, que foi cantada segundo a melodia do "A ti, na Coroa da Vitória". Eis a 1ª estrofe:

"Maria da Assunção.  
Está fundado um partido.  
A Igreja em perigo,  
Basta esclarecer os bobos,  
Eis o clamor da cleresia  
Que faz barulhão".

A partir da Queda do Império, os novos dirigentes da Política temiam a influência do Pe. Jakobs na grande massa popular. E espreitavam o momento azado para enfrentar o Padre. Lamentavelmente, essa oportunidade lhes foi proporcionada aos 14 de outubro de 1890, por ocasião da Festa de Nossa Senhora das Dores, presidida pelo Padre Jakobs, no assentamento de Rodeio. Na sua pregação, o Padre referia-se à obrigação de os católicos aceitarem as exortações da Igreja, inclusive quanto ao direito de votar.

A seguir, o Vigário mencionou o caso de um colono que, na última eleição, combatera vigoroso contra o Partido Católico, e que, há mais tempo, vivia afastado da Igreja. Separando-se da Comunidade Eclesial, teria votado com a Maçonaria, com a qual, observou, não deveriam manter relações.

Ao término da santa missa, Pe. Jakobs rezou, com a Comunidade, pela Conversão desse extraviado.

Uma pregação que, certamente, não foi feliz. O referido colono, sem perda de tempo, foi a Blumenau, e procurou o advogado Filipe Doerck contra o Pe. Jakobs. No dia 27 de outubro, o Advogado já encaminhava o processo ao Juiz. No dia 31, já ocorreu a 1ª audiência. Pe. Jakobs e seu advogado Paulo Schwarzer a ela assistiram. Apresentaram-se três testemunhas adversárias, e que ainda falavam a sua língua materna, o italiano. A ponto de ser necessário, a toda hora, um intérprete intervir em perguntas e respostas.

A 2ª audiência teve lugar no dia 7 de novembro. E mais um adversário do Pe. Jakobs veio como testemunha. A seguir, apresentaram-se 4 testemunhas de defesa.

feierte. In der Predigt sprach er von der Pflicht der Katholiken, auf die Ermahnungen der Kirche zu hören und auch in ihrem Sinne das Wahlrecht auszuüben.

Dann erwähnte er einen Kolonisten, der bei der letzten Wahl eifrig gegen die katholische Partei aufgetreten und schon längere Zeit der Kirche entfremdet sei. Dieser hätte sich von der Gemeinschaft der Kirche ausgeschlossen und mit den Freimaurern gewählt; mit demselben sollten sie keinen Umgang pflegen.

Am Schlusse der Messe betete P. Jakobs gemeinschaftlich mit den anwesenden Gläubigen für die Bekehrung dieser Verirrten.

Eine solche Predigt war sicher nicht angebracht. Der bezeichnete Kolonist ging bald nach Blumenau und nahm sich den Herrn Philipp Doerck als Advokaten gegen den P. Jakobs. Am 27. Oktober leitete Doerck durch seine Eingabe an den Rechtsrichter den Prozess ein und am 31. Oktober war schon das erste Verhör. P. Jakobs und sein Advokat Paul Schwarzer wohnten demselben bei. Es traten drei gegnerische Zeugen auf; alle redeten noch ihre italienische Muttersprache und ein Dolmetscher musste forwährend Fragen und Antworten vermitteln. Das zweite Zeugenverhör fand statt am 7. November. Noch ein Gegner des P. Jakobs machte seine Aussagen; dann traten vier Entlastungszeugen auf.

Schon am 13. November fällte der Munizipalrichter Dr. Manoel Cavalcanti de Arruda Camara das Urteil nach dem Höchstmass der zulässigen Strafe. Es lautete auf drei Monate Haft. Geldstrafe nach der Hälfte der Zeit und die Zahlung der Gerichtskosten. Das Gefängnis in Blumenau wurde bezeichnet, um die Strafe abzubüssen.

Natürlich konnte sich der Verurteilte mit diesem Richterspruch nicht einverstanden erklären. Advokat Paul Schwarzer reichte die Appellation an den Rechtsrichter Dr. Pedro Celestino Felicio de Araújo ein und am 6. Dezember eine ausgezeichnete Verteidigung. Aus den vorliegenden Akten bewies er klar, dass eine Beleidigung im Sinne der Klage nicht vorliege und das Mindestmass der Zeugen für eine Verurteilung nicht vorhanden sei.

Der Rechtsrichter gab seine Meinung ab am 30. Dezember 1890. Auf elf langen Seiten bestätigte er das erste Urteil und verpflichtete den P. Jakobs, die Gerichtskosten der Appellation auch noch zu zahlen im ganzen 186\$700 rs. Erst am 10. Februar 1891 wurde das Urteil den Advokaten der beiden Parteien mitgeteilt durch den Gerichtsschreiber Fides Deeke.

Já no dia 13 de novembro, o Juiz Municipal, Dr. Manoel Cavalcanti de Arruda Câmara, pronunciou a sentença segundo a máxima severidade permitida. Isto é: três meses de detenção; multa, a ser paga depois da metade do prazo; e o pagamento dos custos judiciários. A detenção prisional em Blumenau foi indicada para expiar a pena.

Era natural que o Condenado não poderia concordar com tal sentença judicial. O advogado Paulo Schwarzer encaminhou a apelação ao Juiz de Direito, Dr. Pedro Celestino Felício de Araújo. E no dia 6 de dezembro, fez uma excelente defesa. A partir dos autos presentes, ele provou claramente, que o desacato, no sentido da acusação, não ocorrera. E que não constava um mínimo de testemunhas para uma condenação.

O Juiz de Direito deu a sua sentença no dia 30 de dezembro de 1890. Em 11 extensas laudas, homologou a 1ª sentença, e obrigou o Pe. Jakobs a pagar, inclusive, os custos judiciários da apelação, num total de 186\$700 Rs. Sentença que, somente aos 10 de fevereiro de 1891, foi comunicada aos advogados das duas partes, por intermédio do Escrivão de Justiça, Fides Deeke.

Depois disso, parece que tudo foi sumindo na areia do esquecimento. Em todo o caso, sabe-se, com certeza, que Pe. Jakobs não foi parar na prisão. Ainda vive o advogado Filipe Doerck. Conta este que o condenado nem sequer pagou os custos judiciários; e que ele, o advogado, em amigável encontro num jogo de bolão, lhe chamou, gracejando, de “homem-pão-duro”.

O 3º Processo contra o Padre causou-lhe muito desgosto. Mas acabou num grande benefício para a vida da Igreja em geral. Tratava-se do seguinte: “Pode o casamento religioso preceder o contrato civil?” O *Estado de Santa Catarina* havia incluído em sua legislação a seguinte determinação: “O contrato civil deve preceder o casamento religioso”. A *Constituição Federal*, porém, deixava aos noivos a opção de quando ou em qual seqüência realizar o casamento religioso e o contrato civil. De sorte que, aos 15 de abril de 1891, o Ministro da Justiça dava um aviso claro sobre o cumprimento das leis.

Mas os juizes de Blumenau não aceitaram a referida explicação oficial, e ameaçavam o Pe. Vigário com penalidades. Experiências desagradáveis que o Padre tratou de comunicar à sua Autoridade Eclesiástica no Rio de Janeiro.

Es scheint, dass die Sache dann im Sande verlaufen ist. Jedenfalls weiss man sicher, dass P. Jakobs nicht ins Gefängnis abgeführt wurde. Der gegenwärtig noch lebende Advokat Philipp Boerk erzählt dass der so Verurteilte auch die Gerichtskosten nicht bezahlt und er ihn einmal im freundschaftlichen Verkehr beim Kegelspiel deshalb einen "geizigen Menschen" genannt habe.

Der dritte Prozess gegen den P. Jakobs brachte viel Verdruss für ihn und eine grosse Wohltat für das kirchliche Leben im allgemeinen. Es handelt sich um die Streitfrage: *Darf die kirchliche Heirat vor dem Civilakt sein?* Der Staat Santa Catharina hatte unter seine gesetzlichen Vorschriften die Bestimmung aufgenommen: "Der Civilakt muss vor der religiösen Heirat stattfinden". Die Bundesverfassung dagegen überliess es den Brautleuten, wann und in welcher Reihenfolge sie die kirchliche Heirat und den Civilakt machen wollten. So gab der Justizminister am 15. April 1891 darüber an die Staaten einen klaren Avis zur guten Befolgung der Gesetze.

Die Blumenauer Richter nahmen jedoch diese offizielle Erklärung nicht an, sondern bedrohten den P. Jakobs mit Strafen. Dieser berichtete über seine unangenehmen Erfahrungen an seine kirchliche Behörde in Rio de Janeiro, welche sich mit dem Justizminister in Verbindung setzte.

Am 20. Juni 1891 erliess letzterer ein Schreiben an den Governador von Santa Catarina von folgendem Wortlaut: "Ich empfehle Ihnen, dass Sie dem Rechtsrichter von Blumenau zu verstehen geben, dass die kirchliche Heirat irgend einer Religion kann geschlossen werde vor oder nach dem Civilakt, so wie es den Brautleuten gutscheint, und dass dies schon durch den Cirkular-Avis vom 15. April 1891 bestimmt worden ist".

Antonio L. Affonso de Carvalho.

Der Staatsgovernador machte am 8. Juli dem Friedensrichter von Blumenau die kurze Mitteilung: "Am heutigen Tage erkläre ich dem Friedensrichter der Pfarrei Blumenau, dass er nicht verbieten kann, die kirchliche Heirat vor dem Civilakt zu machen".

Der P. Jakobs bekam am 29. Juli 1891 vom Governador dieselbe Mitteilung, mit dem Bemerken: "Ebenso erklärt Ihnen der Justizminister, dass Sie wegen der kirchlichen Heiraten keine Verfolgung zu befürchten brauchen".

Aber der Blumenauer Richter ruhte nicht. Er sandte seinen Protest an den Justizminister in Rio de Janeiro, indem er angab, dass ein Minister

ro, a qual entrou em contato com o Ministro da Justiça.

Aos 20 de junho de 1891, o Ministro enviou ao Governo de Santa Catarina um ofício do seguinte teor: “Recomendo-vos que faça o Juiz de Direito de Blumenau entender que o Casamento Religioso, de qualquer Religião, *pode realizar-se antes ou depois do Contrato Civil*, de acordo com a opção dos noivos, sendo que o mesmo já foi assim determinado pelo Aviso Circular de 15 de abril de 1891.”

(ass) Antônio L. Affonso de Carvalho.

Aos 8 de julho, o Governador do Estado, por sua vez, enviou o seguinte comunicado *ao Juiz de Paz de Blumenau*: “Na presente data, faço saber ao Juiz de Paz da Paróquia de Blumenau, que *não lhe é permitido proibir o Casamento Religioso antes do Contrato Civil*”.

Aos 29 de julho de 1891, Pe. Jakobs recebeu do Governador o mesmo comunicado, com a seguinte observação: “De igual modo, o Ministro da Justiça lhe assegura que não precisa temer perseguição devido a casamentos religiosos”.

Mas o Juiz de Blumenau não sossegava. Enviou o seu protesto ao Ministro da Justiça no Rio de Janeiro. Argumentava no sentido de que um Ministro não tem poder para alterar a Constituição de um Estado, que seria da atribuição do Congresso. Então o Ministro, aos 28 de agosto de 1891, remeteu o referido protesto, acompanhado de explicações, ao Congresso para resolver o caso.

Enquanto isso, no dia 12/07/1891, a Autoridade Eclesiástica do Rio de Janeiro escreveu ao Pe. Jakobs: “Vossa Revma. erra por consciência escrupulosa ou por timidez. Nossa Constituição eliminou a cláusula segundo a qual o Contrato Civil devia preceder o Casamento Religioso. Eis a razão de todos os Vigários realizarem os Casamentos Religiosos de seus paroquianos, ainda que não haja precedido o Contrato Civil. Ademais, o Ministro da Justiça, aos 15 de abril, deu liberdade total aos noivos de escolherem quando fazer o Casamento Religioso e o Contrato Civil. Com um Juiz como o de Blumenau, seria o caso de V. Revma. nem mais falar com ele nenhuma palavra sequer”.

Numa situação como esta, seria de supor-se que Pe. Jakobs pudesse, despreocupadamente, realizar casamentos religiosos em sua Paróquia. Ledo

keine Staatsverfassung ändern könne, sondern der Congress dies tun müsse. So gab dann der Minister am 28. August 1891 diesen Protest mit seinen Erklärungen an den Congress weiter zur Erledigung des Falles.

Inzwischen schrieb die kirchliche Behörde von Rio de Janeiro am 12.7.1891 an den P. Jakobs: "Ew. Hochwürden verfehlen sich durch skrupulöse Gewissenhaftigkeit oder Ängstlichkeit.

Unsere Verfassung hat die Klausel fallen lassen, dass der Civilakt der kirchlichen Heirat vorangehen müsse. Deshalb schliessen alle Pfarrer die kirchlichen Ehen ihrer Pfarrkinder, auch wenn diese vor dem Civilgericht nicht verheiratet sind. Zuden hat ja der Justizminister am 15. April völlige Freiheit gewährt, wann die Brautleute die kirchliche Heirat und den Civilakt machen wollen. Mit einem Richter, wie Sie ihn in Blumenau haben, sollten Ew. Hochwürden eigentlich kein Wort mehr sprechen".

Bei einer solchen Sachlage sollte man vermuten, dass P. Jakobs ohne jede Beunruhigung in seiner Pfarrei die kirchlichen Ehen hätte schliessen können. Aber der Promotor und Rechtsrichter hielten sich an dem Strohalm, der darin bestand, dass der Staat Santa Catharina die Vorschrift noch nicht zurückgenommen hatte.

Ende November 1891 besuchte P. Jakobs die Kapellen in Ascurra und S. Paulo und kam am 2. Dezember zurück so ermattet, dass er am folgenden Tage nicht imstande war, die heilige Messe zu feiern. Inzwischen hatte der Promotor Francisco Margarida ausgekundschaftet, dass zwei Heiraten waren geschlossen worden ohne vorherige Civilehe und zwar am 11. August die Heirat vom August Radtke und am 23. November die des Heinrich Baader. Am 5. Dezember reichte er dem Rechtsrichter seine Anklageschrift darüber ein und schlug vor, den Pfarrer mit der höchsten Strafe, die für diesen Fall zulässig war, zu belegen.

Dann folgte bald das Zeugenverhör. Dabei sagte Michel Schmitz, dass P. Jakobs zweimal von der Kanzel verkündet habe, die Brautleute möchten die Civilehe vor der kirchlichen Heirat machen.

August Radtke erklärte seinen Fall wie folgt: Für den 9. August 1891 hatte er mit dem Friedensrichter die Civilehe vereinbart und die kirchliche Heirat für den 11. August morgens 6.30 Uhr festgesetzt. Am 9 kam er mit Braut und Zeugen zum Friedensrichter, der war aber abwesend. Er wurde nun bestellt auf den 11. August, morgens 6.30 Uhr. Pünktlich war er da, doch jetzt fehlte der Schreiber. Kurz vor 6.30 Uhr begab sich Radke in die

engano. O Promotor e o Juiz de Direito se prendiam a este fio de segurança: o Estado de Santa Catarina ainda *não havia revogado* a sua prescrição.

Já no fim de novembro de 1891, Pe. Jakobs visitou as Capelas de Ascurra e de São Paulo, voltando aos 2 de dezembro. Mas tão esgotado, que lhe foi impossível, no dia seguinte, rezar a santa missa.

Enquanto isso, o Promotor Francisco Margarida vigiava o Padre. Resultado: haviam sido realizados dois casamentos sem anterior Contrato Civil. Notadamente: no dia 11 de agosto, o casamento de Augusto Radke; e no dia 23 de novembro, o de Henrique Baader. De sorte que, no dia 5 de dezembro, entregava ao Juiz de Direito a sua acusação sobre o caso. E alvitrou aplicar ao Vigário a pena máxima que o caso facultasse.

Dentro em pouco, seguiu-se o interrogatório das testemunhas. Miguel Schmitz ainda acrescentou que o Pe. Jakobs teria falado no púlpito, por duas vezes, que os noivos fizessem, primeiro, o Contrato Civil.

Augusto Radke esclareceu o seu caso assim: Com o Juiz de Paz, ele tinha acertado o Contrato Civil para o dia 9 de agosto de 1891; e o Casamento Religioso para 11 de agosto, às 6h30min da manhã. No dia 9, ele se apresentou ao Juiz de Paz com a noiva e as testemunhas. Mas *a autoridade estava ausente*. Então o casamento foi adiado para 11 de agosto, às 6h30min. Pontualmente, os noivos compareceram. Mas *faltava o Escrivão*. De maneira que, um pouco antes das 6h30min, o noivo Radke dirigiu-se à Paróquia, explicando ao Juiz de Paz: “Não quero fazer o Vigário esperar. Faremos, pois, o Contrato Civil depois”. E o *Juiz de Paz concordou*.

Henrique Bocader confirmou: no dia 23 de novembro ele se casou no religioso, e iria fazer o Contrato Civil em futuro próximo, caso dispusesse dos meios.

Aos 11 de dezembro de 1891, Pe. Jakobs foi intimado para a audiência, e três testemunhas tiveram que entregar as suas declarações.

No dia 18 de dezembro, apareceram mais três testemunhas. A principal audiência para o Padre teria lugar no dia 23 de dezembro. No dia seguinte, Pe. Jakobs entregou a sua defesa por escrito. Nesta ele aduziu o Aviso do Ministro da Justiça e a explicação do Presidente do Estado, bem como uma lista de nomes dos noivos que haviam, todos eles, realizado o Contrato Civil *antes* do Casamento Religioso. Mas *nada disso tinha valor* para o Promotor Margarida. Daí a razão de ele, no dia 14 de janeiro de 1892,

Pfarrkirche und sagte dem Friedensrichter: "Ich will den Pfarrer nicht warten lassen. Wir machen den Civilakt später". Damit war der Friedensrichter einverstanden.

Heinrich Bocader bestätigte, dass er am 23. November sich kirchlich verheiratet hätte und den Civilakt in nächster Zukunft machen würde, wenn er die Mittel dazu besäße.

Am 11 Dezember 1891 wurde P. Jakobs zum Verhör geladen und drei Zeugen mussten ihre Erklärungen abgeben..

Drei weitere Zeugen erschienen am 18. Dezember; das Hauptverhör für den P. Jakobs war am 23. Dezember. Einen Tag später reichte P. Jakobs seine schriftliche Verteidigung ein, worin er den Avis des Justizministers und die Erklärung des Staatspräsidenten anführte und eine Liste von Namen der Brautleute vorlegte, die alle den Civilakt vor der kirchlichen Heirat gemacht hatten. Dies alles war beim Promotor Margarida wertlos. Am 14. Januar 1892 gab er sein Gutachten ab und verlangte die höchste gesetzliche Strafe für den Pfarrer.

Der Richter Dr. Manoel Cavalcanti de Arruda Camara fällte sein Urteil am 9. Februar 1892. Es lautete auf Haft im Gefängnis, die durch Zahlung von 1:200\$000 Geldbusse konnte ersetzt werden. Der Gerichtsschreiber Fides Deeke erhielt am 10. Februar 1892 vom Richter den Befehl, den Pater Jakobs zur Zahlung der Strafe aufzufordern und ihn sofort verhaftet abzuführen, wenn er die Zahlung nicht leisten würde. In Begleitung eines Soldaten ging der Schreiber zur Wohnung des Pastors, traf ihn an und zeigte ihm den schriftlichen Auftrag des Richters.

"Ich zahle nicht", sagte P. Jakobs "und gebe mich auch nicht freiwillig gefangen - Nur überwunden und gebunden könnt Ihr mich ins Gefängnis schleppen".

Fides Deeke zog ab und schweren Herzens suchte er drei mutige, starke Soldaten. Mit diesen kehrte er zur Pfarrwohnung zurück, fand aber den Pfarrer nicht mehr vor.

P. Jakobs hatte dem Gerichtsschreiber Fides Deeke seinen klaren Protest ausgesprochen, als dieser ihm den Haft-oder Zahlungsbefehl des Richters überbrachte. Sofort verliess er den Stadtplatz Blumenau und begab sich nach Indayal. Abends traf er bei Heinrich Reuter ein, der ihn, wie immer, freundlich aufnahm. In der Morgenfrühe brachte er ihn durch den Steinbach zum Hause des Alexander Tarnowsky im Sandweg. P. Jakobs

entregar o seu parecer, e exigia, para o Vigário, a pena máxima que o caso permitisse.

O Juiz Dr. Manoel Cavalcanti de Arruda Câmara pronunciou a sua sentença aos 9 de fevereiro de 1892. Determinava pena de prisão carcerária, mas que poderia ser comutada pelo pagamento de 1:200\$000 Rs. Aos 10 de fevereiro de 1892, o escrivão de Justiça, Fides Deeke, recebeu do Juiz ordem de intimar o Vigário ao pagamento da pena, e de levá-lo preso de imediato, caso não efetuasse o pagamento. Acompanhado de um soldado, o Escrivão se dirigiu à Casa Paroquial. Encontrou o Padre, e mostrou-lhe a incumbência do Juiz.

“Eu não pago!” respondeu Pe. Jakobs. “E não me entrego livremente. Só dominado e amarrado, poderão arrastar-me para a prisão!” Desolado, Fides foi à procura de três soldados corajosos e fortes. Com estes voltou à Casa Paroquial, mas sem encontrar o Vigário. Pois ao Escrivão de Justiça, ele havia claramente expresso o seu protesto, quando este lhe comunicou a ordem de prisão, ou de pagamento exigido pelo Juiz. O Padre imediatamente saiu do Centro Urbano e se dirigiu à Indaial. À noite, encontrou-se com Henrique Reuter. Como sempre, foi por ele bem recebido. Na manhã seguinte, cedinho, Reuter o conduziu pelo Córrego da Pedra à casa de Alexandre Tarnowsky, na Estrada da Areia. Pe. Jakobs estava sem batina. Chapéu grande, e lenço vermelho ao pescoço, tornava-se um tanto irreconhecível.

Chegado à Estrada da Areia, o Padre mandou um estafeta a alguns tiroleses e italianos de Rodeio e de São Paulo, com o recado de que, no sábado, dia 13 de fevereiro, lá chegaria em busca de segurança pessoal.

*João Buzzi*, Valentim Fruel, Antônio Moser, Carlos Depiné e outros 9 homens vieram ao seu encontro em Warnow, e o conduziram à espaçosa casa de Buzzi, em São Paulo.

Nesta casa, o Vigário permaneceu até o dia 1º de março. Dia e noite, 90 a 120 homens montavam guarda. A grande pastagem pertencente à família Buzzi virou um pequeno acampamento. Na casa, um quarto foi transformado em Capela. Diariamente, Pe. Jakobs aí celebrava a santa missa, pregava e administrava os santos Sacramentos. No Livro de Batizados constam 40 crianças, por ele então batizadas entre 18 e 28 de fevereiro.

No Centro Urbano de Blumenau, logo deram pelo desaparecimento do Vigário, mas sem descobrir-lhe o rastro. Um comerciante, que viajava

trug damals keine Priesterkleidung; ein grosser Tropeirohut und ein rotes Halstuch machten ihn ziemlich unkenntlich.

Vom Sandweg aus sandte er einen Boten an einige Tyroler und Italiener in Rodeio und S. Paulo und liess ihnen sagen, dass er am Samstag, den 13. Februar, bei ihnen eintreffen würde, um dort Sicherheit zu finden.

*Giovanni Buzzi*, Valentin Fruet, Anton Moser, Carlo Depinê und noch neun andere kamen ihm entgegen. Sie nahmen ihn bei Warnow in Empfang und führten ihn in das geräumige Haus des Buzzi in S. Paulo.

Hier verblieb der Pfarrer bis zum 1. März. Tag und Nacht hielten 90-120 Männer Wache. Die grosse Weide des Buzzi war in ein kleines Feldlager verwandelt. Ein Zimmer im Hause wurde als Kapelle eingerichtet. Täglich feierte P. Jakobs die hl. Messe, predigte und spendete die h. Sakramente. Im Taufbuch sind vierzig Taufen verzeichnet, die der Pastor vom 18.-28 Februar dort gemacht hat.

Am Stadtplatz war das Verschwinden des Pfarrers bald aufgefallen. Doch entdeckte man seine Spur nicht sogleich. Ein kaufmännischer Angestellter der die Kolonie durchreiste, um Mais aufzukaufen von Gilsá, brachte die erste sichere Nachricht von seinem Aufenthaltsorte nach Blumenau. Nun wurde es hier lebendig. Man beratschlagte, wie man am sichersten die Priesterjagd anstellen könne. Es wurden Leute aus der Kolonie zusammengeholt und für den 28. Februar zur Reise nach Ascurra-S. Paulo bestellt.

Darunter waren Antiklerikale verschiedener Nationalitäten und eine Anzahl Schweden, die noch nicht lange eingewandert waren und von denen die meisten den P. Jakobs gar nicht kannten. Aber man schilderte ihnen denselben als einen Verächter des Gesetzes und Friedensstörer und so gingen manche auf den Vorschlag ein. Auch wurde ihnen eine Bezahlung von 5\$000 rs. für den Tag in Aussicht gestellt.

Inzwischen wollte P. Jakobs auch erfahren, wie die Sachlage war. Er sandte den Sohn des Buzzi, Tranquillo, mit einem Brief nach Blumenau zu seinem Freunde Elesbão Pinto da Luz. Abends gegen 8 Uhr langte der Junge in Indayal an und wollte sein Pferd füttern. Doch Gustav Bürger erkannte ihn und rief ihm zu, dass man ihn gefangennehmen müsse. Deshalb setzte er seinen Ritt fort und kam gegen Mitternacht ans Ziel. Elesbão fertigte gleich ein Schreiben an P. Jakobs ab, das der Bote auch glücklich heimbrachte.

Die Familie Reuter schickte zweimal den ältesten Sohn Franz zu

pela Colônia para comprar milho por atacado, de Gilsá, foi quem por primeiro trouxe para Blumenau a notícia certa do seu paradeiro. Em Blumenau, muita agitação. Faziam-se deliberações sobre a melhor estratégia de capturar o Padre. Foram convocadas pessoas da Colônia e, no dia 28 de fevereiro, tiveram de viajar para Ascurra - São Paulo.

Em meio a esses “caçadores” havia anticlericais de diversas nações. E um número de Suecos: imigrados não fazia muito, e dos quais a maioria nem conhecia o Padre. Mas foi-lhes descrito como um desprezador da Lei e perturbador da Ordem. De modo que a muitos o arrazoado convencia. Também lhes prometeram um pagamento diário de 5\$000 Rs.

Por sua vez, também Pe. Jakobs queria descobrir como andavam as coisas. Enviou *Tranqüilo*, filho de Buzzi, com uma carta a Blumenau, a ser entregue a seu amigo Elesbão Pinto da Luz. Pelas 8 horas da noite, o garoto chegou em Indaial, e queria dar trato ao cavalo. Mas Gustavo Bürger o reconheceu, e o ameaçou, aos gritos, que deveria ser preso. O jeito foi o estafeta montar o cavalo e prosseguir viagem. Pela meia-noite, chegou lá. Elesbão logo escreveu uma carta ao Padre, e o garoto, são e salvo, lhe fez a entrega.

A família Reuter mandou, por duas vezes, durante a noite, o seu filho Francisco a São Paulo para transmitir ao Padre cartas e notícias.

Enquanto isso, aos 28 de fevereiro, o Juiz de Blumenau havia redigido uma nova ordem de prisão, a qual entregou ao Serventuário da Justiça Werner. Este levou consigo seu colega Jahn. Seu carro-chefe puxava 28 carroças, que transportavam mais de 100 homens empenhados no singular empreendimento “venatório”.

Para um descanso ao meio-dia, a excursão chegara a Indaial. Todos de comportamento bem sério e mudo, nada revelavam do objetivo da viagem. Mas a chegada de tantas carroças chamava a atenção. O jovem Francisco Reuter, de 16 anos, levado pela curiosidade, foi lá e contou as carroças. Isso despertou a suspeita no pessoal. O garoto foi preso e metido na cadeia até tarde da noite.

A viagem prosseguiu até Warnow. Na travessia do Rio, o pessoal teve a grande ajuda de Fernando Braatz. Os Senhores Dr. Hercílio Luz e Promotor Margarida acompanharam a “tropa” a fim de evitar excessos. Mas ficaram do lado de cá do Rio.

Nachtzeit nach S. Paulo, um dem Pfarrer Briefe und Nachrichten zu überbringen.

In Blumenau hatte der Richter einen neuen Haftbefehl am 28. Februar ausgestellt und dem Gerichtsdienner Werner übergeben. Dieser nahm seinen Kollegen Jahn mit und beide stellten sich an die Spitze des Zuges, der aus 28 Wagen bestand, auf denen mehr als hundert Mann sich an dem Unternehmen beteiligten.

Zur Mittagspause langte die Gesellschaft in Indayal an. Alle waren ganz ernst und verschwiegen und erzählten nichts von dem Zweck ihrer Reise. Aber die Ankunft so vieler Wagen erregte Aufsehen. Der sechzehnjährige Franz Reuter ging neugierig hinzu und zählte sie. Das schien den Leuten verdächtig. Deshalb wurde er festgenommen und bis zum späten Abend eingesperrt. Man setzte die Reise fort über Warnow hinaus bis zur Überfahrt. Hier war hauptsächlich Ferdinand Braatz behilflich, um die Mannschaft zum gegenüberliegenden Ufer zu bringen.

Die Herren Dr. Hercilio Luz und der Promotor Margarida waren mitgereist, um Ausschreitungen zu verhüten, blieben aber diesseits des Flusses.

Bei Ferdinand Braatz wurde jetzt Kriegsrat gehalten, der folgenden Entschluss ergab: Einer der Beteiligten, der besser polnisch als deutsch sprach, sollte allein zum Hause des Buzzi hingehen und angeblich dem Pater eine Nachricht von Wilhelm Engelke, seinem treuen Freunde, überbringen. Dafür wurden ihm fünfzig Milreis versprochen.

Der Mann zog ab und kam gegen Abend zum Feldlager bei Buzzi. "Wollt sich mit Pater sprechen", sagte er zu den Wachposten.

Er wurde ins Haus geführt und gleich vom P. Jakobs freundlich empfangen. Ihm erzählte er nun folgendes: Die Frau Wilhelm Engelke habe ihn auf Polnisch beauftragt, dem Pater zu sagen, dass gar keine Gefahr für ihn bestehe und in Blumenau niemand daran denke, ihn zu verfolgen. Wilhelm Engelke wollte dem Pater keinen Brief schreiben, weil das gefährlich sei; die Polizei könnte einen solchen auffangen.

Erfreut öffnete P. Jakobs das Fenster und rief: "Liebe Leute, kommt einmal her! Ihr könnt alle nach Hause gehen. Es ist nicht mehr notwendig, zu wachen!"

"Woher wissen Sie das?" fragten einige.

"Von meinem treuen Freunde Wilhelm Engelke".

Na propriedade de Fernando Braatz ocorreu o “conselho de guerra”. Resolveram o seguinte: Um dos participantes, melhor versado em polonês do que em alemão, iria sozinho até a *casa dos Buzzi*, e fazer de conta que viera trazer ao Padre uma notícia de seu mui prezado amigo Guilherme Engelke. Traição que lhe renderia 50\$000 Rs. Braatz partiu. E chegou, já perto da noite, no “acampamento” dos Buzzi. “Queria falar com o Padre”, disse ele à sentinela.

O traidor foi conduzido à casa, e logo recebido amigavelmente pelo Padre. O “amigo” lhe disse o seguinte: A esposa de Guilherme Engelke, falando em polonês, o tinha encarregado de comunicar ao Padre que não havia perigo algum para ele. E que em Blumenau, ninguém pensa em perseguir-lo. Guilherme Engelke não lhe queria escrever uma carta, porque seria perigoso, até podendo cair em poder da polícia.

Alegremente, Pe. Jakobs abriu a janela e exclamou: “Gente amiga, aproximem-se! Todos podem ir para casa. Não é mais necessário ficarem de plantão”!

- Alguns perguntaram:
- Como o Senhor ficou sabendo?
- Da parte de um fiel amigo, Guilherme Engelke.
- Ainda permaneceremos aqui até amanhã cedo. Pois agora já é quase noite. E uma guarda-noturna a mais não nos faz diferença.
- Não! respondeu o Vigário.
- Vocês já agüentaram aqui fielmente durante 16 dias e 16 noites. Isto é o bastante. Eu agradeço a vocês de todo o coração. E dou-lhes, neste instante, a minha bênção sacerdotal.

O pessoal se ajoelhou, e o Vigário rezou emocionado:

- Desça sobre vós a bênção de Deus Todo-Poderoso: do Pai, do Filho e do Espírito Santo!

A seguir, todos se aproximaram e estenderam a mão ao Padre. A maioria chegou a dizer-lhe: “Assim que, novamente, precisar de nós, estaremos a postos. É só nos avisar”.

Pe. Jakobs acompanhava com o olhar os homens que se retiravam. Também eles, quando já mais distantes, olhavam para trás e acenavam.

Depois dessa despedida, o Vigário pediu à Senhora Buzzi que preparasse um jantar para o mensageiro. Isso foi pra já. Pe. Jakobs, em conversa

“Wir bleiben noch hier bis morgen früh. Jetzt ist es doch bald Nacht, und auf eine Nachtwache mehr kommt es uns nicht an”.

“Nein”, sagte der Pfarrer, “Ihr habt schon 16 Tage und Nächte hier treu ausgehalten. Das ist genug. Ich danke Euch von ganzem Herzen und gebe Euch nun meinen priesterlichen Segen”.

Die Leute knieten sich hin und der Pfarrer sagte gerührten Herzens: “Es segne Euch der allmächtige Gott, der Vater, der Sohn und der h. Geist!”

Dann kamen alle herbei, reichten dem Pastor die Hand und die meisten sagten: “Wenn Sie uns brauchen, sind wir wieder zur Stelle; schicken Sie uns nur Bescheid!”

P. Jakobs schaute den abziehenden Männer nach. Auch diese wandten sich zu ihm um und winkten ihm zu aus der Ferne. Dann bat der Pfarrer, Frau Buzzi möchte dem Boten ein Abendessen bereiten. Das war schnell geschehen. P. Jakobs unterhielt sich mit dem Mann und erfuhr, dass er in der neuen Pikade von Ypiranga wohne. Er machte ihm den Vorschlag, bei Buzzi zu übernachten; am nächsten Tage solle dann einer von dessen Söhnen ihm einen näheren Weg durch den Wald nach Ypiranga zeigen. “Nein“, sagte der Mann, “das kann ich nicht. Ich muss heute noch zum grossen Fluss. Dort habe ich meine Sachen gelassen”.

Der Pater glaubte ihm und verliess ihn mit aufrichtigen Dankesworten. Eine ruhige Abendstunde verlebte er noch mit der Familie Buzzi und dann gingen alle zur Ruhe.

Mit Unruhe wurde der Bote von der antiklerikalen Gesellschaft erwartet, die in der Schneidemühle des Ferdinand Braatz am Tamandoá Unterkunft gefunden hatte. Endlich erschien der Ersehnte. Er brachte die erwünschte Nachricht und machte dadurch alle gut gelaunt.

Nun folgte der zweite Kriegsrat; man beschloss, unter Führung von Ferdinand Braatz nach Mitternacht möglichst geräuschlos abzuziehen und das Haus des Buzzi zu umstellen. Einige Männer bildeten die Vorhut und mussten sorgen, dass die Hunde abgelenkt wurden. Dies gelang. Und gegen 2 Uhr morgens hatten die mutigen Helden ihren Zweck erreicht. Sie verhielten sich ganz still, hatten aber die Waffen schussbereit in der Hand.

Um 4 Uhr erhob sich die erwachsene Tochter des Buzzi, ging zur Küche und wollte dann zur Weide, um die Kühe in den Stall zu treiben und zu melken. Aber in der Türe richteten sich einige Gewehrläufe auf ihre Brust und der Gerichtsdienner Werner sagte ihr: “Niemand kommt heraus. Wir



sind gekommen, um den P. Jakobs gefangen zu nehmen". Das Mädchen eilte zu seinen Eltern und sagte: "Unser Haus ist umstellt".

Alle im Hause standen schnell auf. Die grossen Söhne schauten vom Dachgeschoss aus umher und entdeckten die zahlreiche Polizeimacht, die alle Zugänge zum Hause stark besetzt hielt. Eine Flucht war unmöglich.

Sie sprachen mit ihrem Vater, der zum P. Jakobs ging und ihm die Sachlage mitteilte. "Wie Gott will", sagte dieser und kleidete sich schnell an. Dann öffnete er das Fenster und rief hinaus: "Pharisäer, schreibt mir mein Verbrechen auf meine Stirn, wenn Ihr eins wisst".

Der Gerichtsdienner Werner trat jetzt vor, zeigte den Befehl des Richters zur Verhaftung und fügte hinzu: "Sie können uns nicht entfliehen; deshalb mögem Sie uns keine Schwierigkeiten machen".

P. Jakobs sah dies natürlich ein und erschien in der Haustüre. Nun nahte sich ein Viehhändler mit einem Lasso, das er schwang, um den Pater so zu fesseln. Aber er kam nicht so weit. Oben am Dachfester standen schon zwei Söhne des Buzzi mit dem Gewehr in der Hand und riefen dem Viehhändler zu: "Mensch, tu den Lasso weg, sonst kommst du nicht lebendig vom Past herunter". Der mann schaute auf und aus den zornigen Mienen der jungen Männer erkannte er, dass es besser für ihn sei, sich zurückzuziehen.

Schnell verabschiedete sich P. Jakobs von der guten Familie Buzzi und dankte ihr mit Tränen in den Augen. Die Frau Buzzi (die erst 1929 gestorben ist) sagte dem scheidenden Priester: "Der liebe Gott verlässt Sie nicht! Wir beten treu für Sie".

Draussen sollte der Pater inmitten der beiden Gerichtsdienner Werner und Jahn abmarschieren. Doch der alte Buzzi liess das nicht zu. Er rief einem Sohne zu, schnell ein Pferd zu fangen und zu satteln, stellte es dem Pater zur Verfügung und schickte seinen Sohn mit bis zur Überfahrt.

Bei Schulz am rechten Ufer des Itajahy nahm die siegreiche Schar den Kafee ein. Hier stellten sich Dr. Hercilio Luz und der Promotor Margarida ein, die dem Pater mitteilten, sie seien zu seinem Schutze mitgekommen. Bald wurden die Wagen angespannt. Die Rückreise nach Blumenau begann unter mächtigem Freudengeschrei der Mannschaft. Auch unterwegs ertönte öfters so lautes Gebrüll, dass Dr. Hercilio Luz die ungebildeten Menschen zur Ordnung rief. Der Pater nahm im fünften Wagen Platz.

Gegen 11 Uhr näherte man sich Indayal. In der Nähe der Brücke stand die Frau des Heinrich Reuter, die durch Wort und Gesten den Zug

O Padre, vendo-se numa situação sem saída, veio até a porta da casa. Nisso apareceu um negociador de gado, preparado para laçar o Padre. Mas assim que o atrevido começou a girar o laço, assomaram à janela do andar de cima os dois filhos do Buzzi, de espingarda na mão, e gritando com ele: “Homem, abaixa o laço! Do contrário, tu não sairás vivo deste pasto!” O laçador olhou para cima, encarou os rostos ameaçadores dos dois moços, e achou melhor desistir.

Apressado, Pe. Jakobs foi-se despedindo da boa família Buzzi, e lhe agradecia com lágrimas nos olhos.

A Sra. Buzzi, que viveu até 1929, assim falou ao Padre na hora da despedida: “Nosso Bom Deus não vai abandoná-lo. Nós rezaremos pelo Senhor”. Já no terreiro, o Padre deveria andar a pé entre os dois Serventuários da Justiça: Werner e Jahn. Mas o velho Buzzi não o permitiu. Chamou um de seus filhos, mandou que depressa fosse ao pasto, pegasse um cavalo, o selasse, e o pusesse à disposição do Padre; e mandou que seu filho o acompanhasse até a travessia do Itajaí.

Na casa de Schultz, já na margem direita do Itajaí, o bando vitorioso tomou café. Aqui se associaram a eles os senhores Hercílio Luz e o Promotor Margarida, dizendo ao Padre que acompanhavam a expedição para proteção dele. A seguir, foram atrelados os cavalos. A viagem de retorno para Blumenau começou com grande algazarra da “tropa”. Também durante o trajeto o vozerio se repetiu mais vezes. E chegou a ser tanto, que Dr. Hercílio Luz teve de chamar à ordem a barulhenta gentinha. O Padre viajava na 5ª carroça.

Pelas 11 horas, a “tropa” aproximava-se de Indayal. Próximo à ponte, estava, de pé, a Sra. Heinrich Reuter que, por palavras e gestos, fez parar os “expedicionários”. Ela se referiu à “horda covarde”, e exigiu que Pe. Jakobs pudesse entrar em sua casa, onde ela queria oferecer-lhe comida e bebida. Isto lhe foi concedido. Também os “covardes” de Blumenau mataram a fome em Indayal.

Às 4 horas da tarde, havia chegado o momento importante para Blumenau: o da ruidosa entrada dos anticlericais com o seu tão procurado Prisioneiro. Na ocasião, Francisco Frankenberg, professor do Colégio São Paulo, viajou a cavalo até Altona. Quando Gustavo Bünger o avistou, largou o seu cavalo na direção do Professor, com o propósito de barrar-lhe o caminho a Blumenau. Mas o Profes-

zum Stehen brachte. Sie sprach auf die "feige Bande" ein und verlangte, dass P. Jakobs in ihrem Hause einkehren dürfe, wo sie ihm Speise und Trank anbieten wolle. Dies wurde ihr gewährt. Auch die Blumenauer Helden stillten in Indayal ihren Hunger.

Um vier Uhr nachmittags war der wichtige Augenblick für Blumenau gekommen, nämlich der geräuschvolle Einzug der Antiklerikalen mit dem so ersehnten Gefangenen. Zu dieser Zeit war einer der Lehrer vom St. Paulskolleg nach Altona geritten – Franz Frankenger. Als Gustav Bünger diesen erblickte, sprengte er auf ihn zu, um ihm den Weg nach Blumenau abzusperren. Doch dieser merkte die Absicht, wandte sein Pferd und nun gab es zwischen den beiden Reitern ein Wettrennen, in dem Frankenger Sieger blieb. Gleich begab er sich zum Kammergebäude und war nun mit vielen anderen Zeuge der hässlichsten Scene, die Blumenau je erlebt hat.

Im Kammersaale wartete der Richter Dr. Manoel Cavalcanti de Arruda Camara auf denjenigen, den er verurteilt hatte gegen den Avis des Staatspräsidenten und des Bundesjustizministers. P. Jakobs wurde tatsächlich ihm vorgeführt und Gerichtsdienstler Werner berichtete von der Verhaftung des Pfarrers. Dieser musste jetzt unterschreiben, dass ihm der Haftbefehl sei vorgelegt worden.

Als der Richter ihn fragte, wie er sich zum Utheile stelle, sagte er: "Ich protestiere gegen den Prozess, das Urteil und die Verhaftung! Und ich gehe jetzt zum Telegraphenampt und mache in Rio und Desterro Anzeige".

Und ohne jenand zu fragen ging er hinaus und keiner von der wütenden Menge wagte es, ihm den Weg zu versperren. Mittlerweile waren zahlreiche Katholiken im Kammergebäude eingetroffen. Die Schweden beklagten sich nun laut und verlangten, dass man ihre überstandene Mühe anerkenne und den Pater ins Gefängnis führe. Die Katholiken erwiderten: "Das wird Euch teuer zu stehen kommen. Wir lassen unseren Pater nicht einsperren!" Für solche Worte hatte der Promotor ein offenes Ohr und der frühere Mut versank ihm vollständig. Er hatte in seiner Anklageschrift das höchste Strafmaß gegen den Pater vorgeschlagen. Im Wortgefecht zwischen Freunden und Feinden des Paters wurden allerlei Rufe laut, darunter auch: "Schlagt den Margarida tot". Dies merkte er sich wohl und wusste, dass seine Haut einige dunkle Schrammen oder Beulen erhalten würde, wenn die Katholiken losschlugen. Deshalb schrieb er in die Prozessakten hinein: "Ich bin der Meinung, von der Gefängnisstrafe abzusehen und die Geldbusse zu fordern".

sor logo atinou com o propósito do “muy amigo”, e dirigiu o seu cavalo para outra direção. Deu-se então uma corrida hípica, da qual saiu vitorioso Frankenberger. O Professor logo se dirigiu à Câmara, podendo, pois, em companhia de muitos outros, ser testemunha da mais ignominiosa cena jamais presenciada por Blumenau.

Na Câmara, o Juiz Dr. Manoel Cavalcanti de Arruda Câmara aguardava a quem ele havia condenado. Aliás, *contra o Aviso do Presidente do Estado e contra o Ministro da Justiça*. Pe. Jakobs foi realmente conduzido à presença dele. E o Serventuário da Justiça Werner declarou oficialmente a condenação do Vigário. O qual teve de assinar que lhe fora apresentada a sentença condenatória.

Quando o Juiz o interrogou sobre o que pensava a respeito da sentença, o Padre respondeu: *“Eu lanço o meu protesto contra o Processo, contra a Sentença e contra a Condenação: E dirijo-me agora ao Telégrafo, e farei denúncias no Rio e no Desterro!”*

E sem dar satisfação a ninguém, saiu da Câmara. E ninguém da irada multidão tentou barrar-lhe o caminho. Entrementes, numerosos católicos entraram na Câmara. Os suecos reclamavam, em voz alta, o reconhecimento de seu empenho nessa captura, e que o Padre fosse levado à cadeia. Os católicos responderam: *“Isto lhes custará caro! Não deixaremos encarcerar o nosso Padre!”*

Esta linguagem o Promotor a entendeu bem, e a sua coragem sumiu de todo. Na sua acusação, ele propusera a penalidade máxima contra o Padre. No debate entre os amigos e inimigos do Vigário, fizeram-se ouvir sugestões diversas. Entre outras, também esta: *“Matem o Margarida!”* Esta, sem dúvida, lhe chamou a atenção. Sabia ele que sofreria na pele alguns arranhões ou galos. Era só começar o ataque dos católicos. Por isso, o Margarida escreveu nas atas judiciais: *“Sou de parecer que se omita a pena carcerária; exigindo somente a pena pecuniária”*.

Logo após, Pe. Jakobs voltou do Telégrafo. E o Juiz lhe formulou a pergunta, se ele *“Concordaria em pagar a soma de 1:200\$000 Rs. E o Padre respondeu: “Nunca, jamais!”*

Agora os apuros se agravaram. Cresciam ameaçadoras as divergências entre os dois partidos. Era de bom conselho providenciar o encerramento da sessão.

Ao Senhor Pedro Cristiano Feddersen, a perseguição do Pe. Jakobs sempre lhe pareceu injusta e infame. Por isso, escogitou uma saída. Juntamente com Dr. Hercílio Luz, ofereceu, em consignação, a soma exigida. Pois tinha a certeza de que, nas instâncias superiores, o Processo seria anulado.

Neste sentido, Feddersen dialogou com Pe. Jakobs. E o Padre acabou aceitando a proposta. De imediato, foram assinados os documentos, e o

P. Jakobs kehrte vom Telegraphenamnt zurück und der Richter legte ihm die Frage vor, "ob er die Summe von 1:200\$ zahlen wolle. "Nie und nimmer", war die Antwort.

Nun war die Not gross. Die Unruhe unter den beiden Parteien wuchs bedrohlich. Es war ratsam, bald den Schluss der Sitzung herbeizuführen.

Herr Peter Christian Feddersen, dem die Verfolgung des P. Jakobs immer als unrecht und schändlich vorgekommen war, bahnte einen Ausweg an. Er mit Dr. Hercilio Luz bot sich an, die Summe von 1:200\$000 rs. zu hinterlegen in der sicheren Überzeugung, dass der Prozess in den höheren Instanzen annulliert werde. In diesem Sinne sprach er auf P. Jakobs ein und bat ihn, das Anerbieten anzunehmen und so die unangenehme Scene zu beendigen. Der Pfarrer war damit einverstanden und schnell wurden die entsprechenden Papiere unterzeichnet und P. Jakobs für persönlich frei erklärt. In der Kutsche brachte man ihn zum Pfarrhaus und den betroffenen Antiklerikalen sagte man: "Morgen ist Aschermittwoch; deshalb muss der Pfarrer in seiner Kirche sein und wir mussten so handeln".

Draussen vor der Kammer machten bald darauf viele ihren Gefühlen Luft. Die Schweden und andere schimpften, einige ergingen sich in Neckereien und bei Holetz foll es zu einer regelrechten Schlägerei gekommen sein. Auch suchte man denjenigen, der die versprochenen 5\$000 rs. für den Tag auszahlen sollte, aber es fand sich niemand.

Hungrig, müde, verärgert mit einem Stachel im Herzen und teilweise mit Beulen an den Köpfen zogen die Antiklerikalen ab. Das war der Fastnachtsdienstag 1892 in Blumenau.

Spät am Abend sass P. Jakobs noch in seinem Zimmer. Plötzlich klopfte es zaghaft an seine Türe. Er stand auf und traf den Ferdinand Braatz, der an seiner Gefangennahme so hervorragenden Anteil genommen hatte.

Ganz zerknirscht wie ein armer Sünder stand er da. "Herr Pastor", seufzte er, "ich habe Angst".

"Vor wem?"

"Vor meinen Nachbarn, den Italienern von S. Paulo: Wenn ich jetzt nach Hause komme, werden mich die wütenden Männer totschiagen".

"Das wird nicht geschehen" sagte der Pfarrer. "Ich kenne meine Leute. Ich gebe Euch einen Brief mit und dann seid Ihr sicher".

Und P. Jakobs schrieb dem Giovanni Buzzi, dass Ferdinand Braatz mit Person, Familie und Eigentum unter seinem Schutze stehe und das

Padre foi declarado livre, e levado de trole à Casa Paroquial. Aos anticlericais desta cena, alegou-se o seguinte: “Amanhã é Quarta-Feira de Cinzas. E o Vigário tem a obrigação de estar na sua Igreja. Fomos obrigados a agir deste modo”.

Lá fora, diante da Câmara, muitos davam largas aos seus sentimentos. Os suecos e outros indivíduos xingavam. Alguns partiram para provocações. Nos Holetz, o caso teria chegado a uma verdadeira pancadaria. Também andou-se à procura de quem prometera 5\$000 Rs. por dia, mas tudo em vão.

Famintos, cansados, contrariados, com uma farpa no coração e, em parte, com galos na cabeça, lá se iam embora os anticlericais. Tais foram, em 1892, os acontecimentos da terça-feira de carnaval em Blumenau.

Tarde da noite, Pe. Jakobs ainda estava em seu quarto. De repente, um tímido bater na sua porta. O Padre levantou-se, e foi atender. Era *Fernando Braatz*. Aquele que, com tanto destaque, tomara parte na sua prisão. Todo contrito, qual pobre pecador, lá estava ele a gemer:

- Senhor Padre, eu tenho medo.

- De quem?

- Dos meus vizinhos. Dos italianos de São Paulo. Quando eu chegar em casa, os italianos, furiosos, me vão matar a pauladas.

- Não, disse o Padre. Isso não vai acontecer. Eu conheço o meu povo. Dou-lhe uma carta, e poderá estar tranqüilo.

Realmente, o Padre escreveu uma carta ao João Buzzi, esclarecendo que Fernando Braatz, sua pessoa e sua propriedade, estavam sob a sua proteção. E que ele, Buzzi, desse o aviso a todas os vizinhos. E ao homem angustiado, assim falou: “Agora pode ir em paz. Ninguém lhe fará mal”.

Envergonhado, o homem desapareceu na escuridão da noite.

Duas testemunhas oculares da vergonhosa audiência havida no edifício da Câmara de Blumenau, em data de 1º de março de 1892, redigiram, mais tarde, um relatório para o Arquivo do Convento Santo Antônio, no qual I. de N. escreveu: “Pe. Jakobs estava cercado de inimigos furiosos. Mas ele os dominou a todos por sua bravura de homem. Não se comportou como prisioneiro. Destemido, dirigiu-se ao Telégrafo. A agitada multidão abriu-lhe passagem, e assim também retornou”.

A outra testemunha escreveu: “Da parte dos antigos colonos, que conheciam Pe. Jakobs, ninguém se prestou a ir contra ele. Em compensa-

möge er allen Nachbarn mitteilen. Dann sagte er dem Manne:

“Jetzt könnt Ihr ruhig gehen; niemand wird Euch ein Leid zufügen!”

Und beschämt verschwand Ferdinand Braatz in die dunkle Nacht.

Zwei Augenzeugen der berüchtigten Gerichtssitzung im Kammergebäude von Blumenau am 1. März 1892 fertigten später einen schriftlichen Bericht aus für das Archiv des Conventes Santo Antonio. I. de R. sagt darin: “P. Jakobs war von wütenden Feinden umgeben, aber er beherrschte sie alle durch seinen männlichen Mut. Er hielt sich nicht für gefangen; frei begab er sich zum Telegraphenamt, die aufgeregte Menge öffnete ihm den Weg und ebenso kehrte er zurück”.

Der andere Zeuge schreibt: “Da von den alten Kolonisten, welche P. Jakobs kannten, keiner sich dazu hergab, gegen ihn vorzugehen, so hetzte man neueingewanderte Schweden durch Lügen und Verleumdungen gegen ihn auf. Manche Blumenauer verabscheuten und tadelten diese skandalösen Handlungen gegen einen Mann, den sie achten gelernt hatten...”

Im Saale des Kammergebäudes gab es eine sehr erregte Verhandlung. Die Schweden verlangten, P. Jakobs sollte in Haft behalten werden. Die Brasilianer erhoben dagegen Einspruch. Es kostete Mühe, die Geister zu beschwichtigen...

P. Jakobs verhielt sich während des Tumultes vollständig ruhig und furchtlos. Wäre nicht eine grenzenlose Kränkung in dieser widerlichen Scene gelegen, man hätte das Gebahren für einen Fastnachtsstreich halten können”...

Die Hauptbeteiligten an der Gefangennahme des Paters hatten hinterher kein Glück mehr. Ferdinand Braatz wurde von zahlreichen Verlusten betroffen. Unheimliche Ernte hielt der Tod in seiner Familie. Seine Frau starb bald. Er ging eine neue Ehe ein, doch schon nach kurzer Zeit verschied auch sie. So schloss er noch vier Heiraten, die jedesmal der Tod auflöste. Verdrossen und verbittert verkaufte er schliesslich sein Eigentum, auf dem wesentliche Schulden lasteten. Er soll über Argentinien nach Chile gewandert und dort verschollen sein.

### **Die Folgen des Prozesses**

Am 2. März 1892 war P. Jakobs in seiner Pfarrkirch tätig. Viele Leute kamen zum Gottesdienst des Aschermittwoch; manche wünschten ihn zu sehen, nachdem er so viel Leid erfahren hatte. Vor der h. Messe nahm er die

ção, e mediante mentiras e calúnias, foram instigados contra o Padre os recém-imigrados suecos. Vários blumenauenses detestaram e criticaram essas ações escandalosas contra um homem que eles aprenderam a estimar.

Na Sala da Câmara, realizou-se uma discussão muito agitada. Os suecos exigiram que Pe. Jakobs fosse mantido na prisão. Os brasileiros protestaram. Foi difícil acalmar os ânimos.

Durante todo esse tumulto, Pe. Jakobs manteve-se inteiramente calmo e destemido. Não tivesse estado em jogo uma descomunal humilhação nessa repugnante cena, dir-se-ia tratar-se de uma palhaçada carnavalesca”.

Posteriormente, os participantes mais destacados do aprisionamento do Padre não mais foram bem sucedidos. Fernando Braatz sofreu vários prejuízos. A morte ceifou cruelmente na família dele. Pouco depois, morreu a mulher. Casou-se novamente, e muito em breve faleceu a 2ª mulher. Casou-se mais quatro vezes. Entristecido e amargurado, vendeu a sua propriedade, já muito endividada. Ele teria emigrado para o Chile, via Argentina. E desapareceu.

### 19. Conseqüências do Processo

No dia 2 de março de 1892, Pe. Jakobs trabalhava na sua Igreja Paroquial. Muitos fiéis vieram à Igreja, pois era Quarta-Feira de Cinzas. Havia também os que desejavam vê-lo, depois de tantos sofrimentos. Antes da Santa Missa, o Padre realizou a Bênção das Cinzas. Também em si mesmo fez esse sinal de penitência. Será que ele pressentia ser esta a sua última celebração das Cinzas? Creio que sim. Pela manhã cedo, sentiu mais vezes um acesso de fraqueza. Mas conseguia vencê-lo com sua singular energia. Deu início à santa missa e, após o Evangelho, fez uma breve pregação. Todos os olhares voltavam-se para ele. Apreensivos, os fiéis notaram quão pálida se tornara a sua fisionomia, e quanto a sua voz, sempre melodiosa e forte, agora tremia fraca e insonora.

Quando quis iniciar o ofertório, teve de fazer uma parada. Sobreveio-lhe uma indizível fraqueza. Teve que apoiar-se no altar. O rosto, marcado de uma palidez mortal. A seguir, a boca vertia sangue. Sem forças, desmaiou diante do altar: a significar um ser mão de grande poder. Foi conduzido para a sacristia, e desparamentado. Carregaram-no para a Casa Paroquial, e alguém chamou o médico.

Aschenweihe vor. Auch sich selbst bezeichnete er mit diesem Zeichen der Busse. Ob er es anhte, dass er den letzten Aschermittwoch feierte? Ich glaube wohl. Öfters verspürte er im Laufe des frühen Morgens einen Schwächeanfall, aber er überwand ihn mit seiner seltenen Energie. Er begann die h. Messe, hielt nach dem Evangelium eine kurze Predigt. Aller Augen waren auf ihn gerichtet. Mit Schrecken bemerkten die Anwesenden, wie blass sein Antlitz war und wie seine sonst so laute und wohltönende Stimme zitterte kraft- und klanglos.

Als er das Offertorium beginnen wollte, musste er eine Pause machen. Eine übergrosse Schwäche überkam ihn. Am Altare musste er sich festhalten. Totenbleich war sein Antlitz, und bald entströmte rotes Blut seinem Munde. Ohnmächtig brach er am Altare zusammen.

Das war eine Predigt von aussergewöhnlicher Wirkung! Man brachte ihn in die Sakristei und entledigte ihn der kirchlichen Gewänder. Darauf trug man ihn ins Pfarrhaus und rief den Arzt.

Manche Gläubige verrichteten in der Kirche andächtige Gebete für ihren totkranken Pastor; andere, die im Schimpfen mitgeholfen hatten, fühlten lebendige Scham im Herzen. Seine Verfolger bekamen einen grossen Schrecken, gingen verwirrt umher und hatten nun gar keine Anhänger mehr. Und so hatte P. Jakobs bis zu seiner Abreise von Blumenau Ruhe vor seinen Feinden. *Das war die erste Wirkung dieses wenig berühmten Prozesses.*

*Die zweite Wirkung* hatte gute Folgen für ganz Brasilien. Die Verurteilung des P. Jakobs und seine Verhaftung hatte allgemeinen Unwillen hervorgerufen. Am 8. März 1892 erklärte in einem längeren Schreiben der Präsident des Appellationsgerichts in Desterro, Desembargador José Roberto Vianna Guilhon den Prozess gegen den Pater Jakobs für *null und nichtig* und seine Verhaftung für *ungesetzmassig*. Mit dem Präsidenten unterschrieben, Dr. Elysio Couto und Dr. Beltrão Pacheco d'Ávila.

Das Dokument über die sofortige Befreiung des Paters wurde am 11. März 1892 vom Schreiber Leonardo Jorge de Campos ausgefertigt, und vom Präsidenten unterschrieben. Am 12. März sandte man die Entscheidung an den Rechtsrichter der Komark Blumenau mit dem Auftrag, sie sofort ausführen zu lassen.

Genau eine Woche später, also am 19. März 1892, musste der Munizipalrichter Dr. Manoel Cavalcante de Arruda Camara in seine Prozessakten eintragen: *Cumpra-se o Alavrá*: "Der Befehl der Oberbehörde

Alguns fiéis faziam na igreja piedosas orações pelo seu Pastor gravemente enfermo. Outros, que haviam tomado parte nas injúrias contra ele, sentiam-se profundamente envergonhados. Seus perseguidores levaram um grande susto, andavam confusos, de um lado para outro, e não tinham mais adeptos. De maneira que, até a sua partida de “Blumenau, os inimigos deixaram o Padre em paz. Foi este o *primeiro resultado positivo* do inglório processo.

O *segundo resultado positivo* estendeu-se ao Brasil todo: a condenação e a prisão do Pe. Jakobs despertou geral indignação. No dia 8 de março de 1892, o Presidente da Justiça de Apelação do Desterro, Desembargador José Roberto Vianna Guilhon, em extenso documento, declarou o *Processo contra o Pe. Jakobs nulo, sem efeito algum; e a sua prisão ilegal*. Documento que foi assinado pelo Presidente, Dr. Elysio Couto e pelo Dr. Beltrão Pacheco d’Ávila.

O Documento sobre a imediata libertação do Padre foi lavrado aos 11 de março de 1892, pelo Escrivão Leonardo Jorge de Campos, e assinado pelo Presidente. Aos 12 de março, a Decisão foi remetida ao Juiz de Direito da Comarca de Blumenau, com a ordem de execução imediata.

Exatamente uma semana após, aos 19 de março de 1892, o Juiz Municipal, Dr. Manoel Cavalcante de Arruda Câmara, teve de lançar em suas Atas Processuais o *Cumpra-se o Alvará*.

Os Senhores Cristiano Feddersen e Dr. Hercílio Luz puderam reaver o seu dinheiro deixado em consignação. Coube ao Município pagar os custos judiciais. A explicação do Supremo Tribunal do Desterro foi publicada em todos os jornais oficiais, livrando, pois, o mundo de muitas polêmicas inúteis.

Depois disso, reinava, em toda parte, a seguinte clareza: *O Casamento Religioso e o Contrato Civil podem realizar-se segundo a opção dos Noivos*.

O *terceiro resultado positivo* deu-se em benefício pessoal do Pe. Jakobs. Notadamente, assim: Doravante, ele era um homem alquebrado. Suas forças sumiam a olhos vistos. Um homem que caminhava para a sepultura. A esse respeito, assim se expressou o Jornal de Blumenau de 20 de agosto de 1892:

“Nos últimos tempos de sua permanência em Blumenau, Pe Jakobs foi vítima de muitas perseguições e insultos. Segundo toda a probabilidade, reside aí a causa de sua morte”.

soll ausgeführt werden”.

Die Herren Peter Christian Feddersen und Dr. Hercilio Luz konnten ihr hinterlegtes Geld wieder abholen. Das Munizip musste die Gerichtskosten bezahlen. Die Erklärung des Oberen Tribunals von Desterro wurde überall in den offiziellen Zeitungen veröffentlicht und damit viel unnötiger Streit aus der Welt geschafft. Jetzt war es allenthalben klar, dass die religiöse Heirat und der Civilakt können gemacht werden *nach dem Gutdünken der Brautleute*.

Die dritte Wirkung verspürte P. Jakobs an sich selbst. Er war fürderhin ein gebrochener Mann, dessen Kräfte zusehends abnahmen und der nun dem Grabe zuschritt. Darüber sagte die Blumenauer Zeitung vom 20. August 1892, “dass die vielen Verfolgungen und Beschimpfungen, deren Opfer P. Jakobs in der letzten Zeit seines Hierseins gewesen, aller Wahrscheinlichkeit nach die Todesursache gewesen seinen”.

### P. Jakobs und die Franziskaner

In Rio de Janeiro wohnte der deutsche Lazaristenpater P. Hehn, ein treuer Freund des Pfarrers von Blumenau. Beide pflegten einen regen Briefwechsel. So erfuhr P. Jakobs 1891 gleich die Ankunft der ersten deutschen Franziskaner; denen P. Hehn Führer und Ratgeber in der Bendeshauptstadt gewesen war.

P. Amandus Bahlmann (jetzt Bischof von Santarém in Pará), P. Zeno Wallbröhl, P. Lucinius Korte, P. Fistus Meives und die Brüder Hubertus Themanns und Mauritius Schmalohr hatten sich auf Wunsch des P. Topp nach Theresopolis begeben und eröffneten im dortigen kleinen Pfarrhaus die erste Niederlassung. Bald dehnten sie ihre Tätigkeit auf Lages aus.

P. Jakobs sandte dem P. Amandus ein ausführliches Schreiben, schilderte seine Pfarrei und die Schularbeit und bat eindringlich um Hilfe. Diese sollte ihm zuteil werden, als er, ihrer am meisten bedurfte. Am Sonntag, den 13. März 1892, trafen kurz vor der zweiten Messe drei Franziskaner ein, nämlich P. Amandus, der Obere der Mission, P. Zeno und P. Lucinius.

Die “Madame Murphy” hatte noch niemals Mönche von dieser Qualität gesehen. Eilig lief sie zum Pastor und sagte ihm in ihrem Dialekt: “Sein Besuch da! Drei Leut! Ich weiss nit, sind’s Mannsleut oder Weibsleut”. Lachend hielt der Pfarrer Ausschau und erkannte bald die Missionäre die er erwartet hatte. Nun konnte er erleichtert aufatmen.

## 20. Pe. Jakobs e os Franciscanos

No Rio de Janeiro residia o alemão lazarista Pe. Hehn, um fiel amigo do Vigário de Blumenau. Ambos mantinham seguidas correspondências epistolares. Foi por seu intermédio que Pe. Jakobs, em 1891, logo soube da chegada dos primeiros franciscanos alemães, dos quais Pe. Hehn fora o orientador e conselheiro na Capital da Nação.

Por solicitação do Pe. Francisco Topp, vieram os seguintes Religiosos: Pe. Amandus Bahlmann (agora Bispo de Santarém, no Pará), Pe. Zeno Wallbröhl, Pe. Lucinius Korte, Pe. Fistus Meiwes e os Irmãos Hubertus Themanns e Mauritius Schmalohr. Dirigiram-se eles para Teresópolis (SC). Naquela pequena Casa Paroquial, fundaram a sua primeira Comunidade. Dentro em pouco, estenderam as suas atividades para Lages.

Pe. Jakobs enviou ao Pe. Amandus uma extensa carta, descrevendo-lhe a sua Paróquia e seus trabalhos escolares; e fez-lhe um pedido insistente, no sentido de uma ajuda, a qual veio no exato momento em que mais dela necessitava.

Foi num domingo, no dia 13 de março de 1892, um pouco antes da 2ª missa, quando chegaram três Franciscanos: Pe. Amandus (o Superior da Missão), Pe. Zeno e Pe. Lucinio. “Madame Murphy” nunca dantes tinha visto monges dessa espécie. Apressada, correu ao Vigário e lhe anunciou em seu dialeto: “Tua visita lá. Três gente. Não sei se homens ou mulheres”. O Padre correu os olhos, e logo reconheceu os aguardados missionários. Agora ele podia respirar aliviado. Já no dia 14 de março, Pe. Amando visitou a Capela do Encano. Pe. Lucínio esteve no Rodeio I e no Rodeio II, nos dias 16 e 17 de março. Pe. Zeno permaneceu com o Vigário na Sede Paroquial, e assumiu os trabalhos da Igreja e da Escola. O esgotado Vigário tinha agora condições de, com tranqüilidade, preparar a sua viagem de despedida. Da autoridade eclesiástica do Rio de Janeiro, logo obteve a necessária autorização.

Somente uma viagem, o Vigário ainda fez pelo interior mais distante. No dia 12 de maio, na Capela de Rodeio II; no dia 13, em Rodeio I. Visitou também a família Buzzi, agradecendo, uma vez mais, os seus fiéis amigos. Deles se despediu até o reencontro no céu.

No dia 14 de maio, esteve na Capela do Rio Morto. No dia 15, na Capela de São Bonifácio, no Encano. Muitos fiéis acorreram para, pela últi-

Schon am 14. März besuchte P. Amandus die Kapelle von Enkano; P. Lucinius weilte am 16. und 17. März in Rodeio I. und Rodeio II. Pe. Zeno blieb mit dem P. Jakobs am Pfarrsitz und übernahm die Arbeit in Kirche und Schule. Der abgemattete Pfarrer konnte jetzt in Ruhe seine Abreise vorbereiten. Vor der kirchlichen Behörde in Rio de Janeiro erhielt er sofort die nowendige Erlaubnis.

Nur noch eine Reise in die entferntere Kolonie machte er. Am 12. Mai besuchte er die Kapelle von Rodeio II, am 13. Rodeio I, sprach auch bei der Familie Buzzi vor, dankte nochmals seinen treuen Freunden und nahm dann Abschied auf Wiedersehen im Himmel.

In der Kapelle am Rio Morto war er am 14. Mai, und am Sonntag, den 15. in der Bonifatiuskapelle am Enkano. Viele Gläubige waren herbeigeeilt, um zum letzten Male das Wort ihres eifrigen Pfarrers zu hören. Er predigte von dem Wert des Galubens und der Wichtigkeit der religiösen Kindererziehung. Die Gemeinde antwortete darauf mit dem begeisterten Gesang: "Fest soll mein Taufbund immer stehen, ich will die Kirche hören".

Nach der h. Messe sagte P. Jakobs zu allen: "Im heiligen katholischen Glauben möget Ihr alle leben, selig sterben und den ewigen Lohn im Himmel erlangen! Gelobt sei Jesus Christus!

In Ewigkeit! Amen, antworteten alle.

Am Sonntag, den 22. Mai, war die Pfarrkirche überaus stark besucht. Überall war es bekannt: Heute hält P. Jakobs seine Abschiedspredigt".

Zum letzten Male bestieg er die Kanzel und verlas suerst das Evangelium vom ungestümen Freund (Lc 11,5-13). Besonders hob er die Worte hervor: "Bittet, so wird euch gegeben werden; suchet und ihr werdet finden; klopfet an und es wird euch aufgetan! Der himmlische Vater wird den guten Geist denen geben, die ihn darum bitten.

Dann erzählte er, wie er am 1. Februar 1876 in Rom den Segen des Stellvertreters Christi erbeten habe für sich und seine neue Pfarrei Blumenau und wie er in der folgenden Zeit niemals nachgelassen habe, täglich um Gottes Beistand zu flehen. Und Gott hat ihn erhört. In den 16 Jahren, die er in Blumenau verbracht hat, musste er den Weg des Kreuzes und der Arbeit gehen. Das ist ein deutliches Zeichen des göttlichen Wohlwollens. Der Segen vom Himmel hat nicht gefehlt. Das Kolleg St. Paul entstand unter grossen Schwierigkeiten und bewährte sich als eine Pflanzstätte des Glaubens. Aus demselben sind schon Priester und Ordensleute hervorgegangen.

ma vez, ouvirem a palavra do seu zeloso Vigário, que pregava sobre o valor da Fé e a importância da educação religiosa dos filhos. Ao que a Comunidade respondeu com o vibrante canto: “Fiel guardarei minha aliança batismal, quero seguir a Igreja”.

No final da santa missa, o Padre ainda falou assim: “Que todos possam viver na santa Fé Católica, ter sua morte feliz e alcançar no céu a recompensa eterna”.

- Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

E os fiéis responderam:

- Para sempre seja louvado!

No dia 22 de maio, domingo, a Igreja-Matriz estava apinhada de fiéis. Todos sabiam que, neste dia, Pe. Jakobs faria “o sermão de despedida”. Pela última vez, subiu ao púlpito. Primeiro, proclamou o Evangelho do “amigo importuno” (Lc 11,5-13). Em especial, salientou as palavras: “Pedi, e recebereis; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á (...). O Pai celestial dará o Espírito Santo aos que lho pedirem”.

Em seguida, relatou-lhes como, a 1º de fevereiro de 1876, em Roma, ele pedira ao Representante de Cristo, a bênção para si e a sua Paróquia de Blumenau. E como ele, daí por diante, nunca deixou de pedir, diariamente, a Proteção Divina. E Deus ouviu a sua prece. Nos 16 anos que viveu em Blumenau, foi-lhe necessário trilhar o caminho da cruz e do trabalho. Sinal evidente da benevolência divina. Não lhe faltou a bênção do Céu. O Colégio São Paulo surgiu em meio a grandes dificuldades, e comprovou-se como um viveiro da Fé. Dele já surgiram sacerdotes e religiosos.

Muitas vezes, em suas orações e meditações, o Vigário suplicou a Deus: “Enviai, Senhor, operários à Vossa Messe”. Pedido esse que Deus atendeu. E justo na hora em que ele sossobrara sob o peso do trabalho. Pois Deus lhe enviou os *Religiosos Franciscanos*, que assumiram a sua obra e, com forças redobradas poderiam dar-lhe continuidade. Por isso, agradecia a Deus de todo o coração, e partia, com confiança, para o futuro.

Depois disso, pediu aos fiéis que praticassem a oração cotidiana, e se mostrassem dignos dos benefícios divinos. A prática fiel da Religião no seio da Família seria uma rica fonte de bênçãos. Que evitassem o casamento misto, pois que ele, lenta, mas certamente, levaria à extinção da luz da Fé, e à total perda da Fé.

Oft hat er als Pfarrer in seinen Gebeten und Betrachtungen zu Gott gefleht: "Herr, sende Arbeiter in Deinen Weinberg". Diese Bitte hat ihm Gott erfüllt zu einer Zeit, als er selbst kraftlos unter der Last der Arbeit zusammengebrochen sei. Er sandte ihm die Franziskaner, die sein Werk übernahmen und mit vermehrten Kräften fortsetzen werden. Deshalb dankt er Gott aus aufrichtigem Herzen und scheidet mit Vertrauen auf die Zukunft.

Nun bat er die Gläubigen, das tägliche Gebet treu zu üben und sich der Wohltaten Gottes würdig zu zeigen. Die treue Übung der Religion in der Familie sei eine ergiebige Quelle des Segens. Sie möchten sich hüten vor der gemischten Ehe, weil diese langsam und sicher das Glaubenslicht erlöschen lasse und zur vollständigen Glaubenslosigkeit führe. Beispiele brauche er nicht anzuführen, denn durch die gemischte Ehe seien einige katholische Familiennamen ganz aus den Pfarrbüchern verschwunden. Zum Schluss ging er über zur feierlichen Erneuerung der Taufgelübde u. sagte mit eindringlicher Stimme: "Ich, als Euer Pfarrer, der am Throne Gottes Verantwortung ablegen muss für Euch alle, frage Euch im Namen Gottes: Glaubt Ihr an den heiligen dreifaltigen Gott?

Glaubt ihr an Jesus Christus, der ist die zweite Person der allerheiligsten Dreifaltigkeit und unser Erlöser?

Glaubt Ihr an die heilige katholische Kirche als Säule der göttlichen Wahrheit und Spenderin göttlicher Gnaden in den heiligen sieben Sacramenten?

Wollt ihr im heiligen katholischen Glauben leben und sterben?

Ergriffen, ernst und feierlich sagte die Gemeinde: "Ja, wir wollen es!"

Diesen Euren guten Willen empfehle ich dem himmlischen Vater, von dem das heutige Evangelium spricht. Er möge ihn erhalten und uns die Freude verleihen, dass wir alle am Throne Gottes uns wiederfinden. In diesem Sinne sage ich: Der Segen des allmächtigen Gottes, des Vaters, des Sohnes und des h. Geistes komme über Euch herab und bleibe bei Euch für immerdar!

Die folgenden Tage waren der näheren Vorbereitung auf die endgültige Abreise gewidmet. Mit den Franziskanern ordnete er die Übergabe alles dessen, was er als sein persönliches Eigentum betrachtete. Da er jetzt freie Zeit zur Verfügung hatte, bemerkte er immer deutlicher den Verfall seiner Kräfte und seine sehr angegriffene Gesundheit. Vorher konnte er im Drange der Arbeit mit diesen Beobachtungen sich nicht abgeben oder wenigstens ihnen nicht entsprechen.

Nem seria necessário aduzir exemplos. Porquanto, devido ao casamento misto, alguns nomes de famílias desapareceram por inteiro dos Livros Paroquiais. No final, passou a tratar da renovação solene das Promessas do Batismo, falando com ênfase: Eu, como Vigário de vocês, responsável por vocês ante o Trono Deus, dirijo-lhes, em nome de Deus, estas perguntas:

- Vocês crêem em Jesus Cristo, que é a 2ª Pessoa da Santíssima Trindade, e nosso Salvador?

- Vocês crêem na Santa Igreja Católica, na condição de Coluna da Verdade Divina e Dispensadora de Graças Divinas, através dos Santos Sete Sacramentos?

- Vocês querem viver e morrer na Santa Fé Católica?

Enternecida, séria e solenemente, a Comunidade respondeu:

- Sim! Nós queremos!

- Essa boa vontade, eu a recomendo ao Pai Celestial, a quem o Evangelho de hoje se refere. Que Ele no-la conserve, e nos conceda a Alegria de todos nos revermos ante o Trono de Deus. Neste sentido, faço a prece: “A benção de Deus Todo-Poderoso, do Pai, do Filho e do Espírito Santo desça sobre vocês e permaneça com vocês para sempre!”

Os dias seguintes foram reservados à preparação próxima da viagem definitiva. Com os Franciscanos ele ordenava a transferência de tudo quanto considerava propriedade pessoal. Tendo agora muito tempo disponível, podia perceber, com crescente nitidez, a decadência de suas forças e a sua muito debilitada saúde. Anteriormente, pressionado pelo trabalho, não lhe era possível dar-se a essas observações, ou pelo menos não a contento.

Nessas últimas semanas, seu amigo, o médico Dr. Wígang Engelke, visitava-o com assiduidade, dando-lhe seus conselhos médicos. Reconheceu ele não ser aconselhável o estimado Pastor viajar sozinho. Daí, determinar que seu filho Leopoldo fosse companheiro de viagem do Padre. Pelo menos, até o Rio de Janeiro.

Na Festa de Corpus Christi, 16 de junho de 1892, Pe. Jakobs pegou o barco a vapor. Seus vizinhos, Gustavo Baumgart e Grewsmühl, haviam chegado à Casa Paroquial e tinham-se despedido. Francisco Scheidemantel acompanhou-o até o barco. Ninguém mais do Centro Urbano.

Foram muitos os católicos que vieram para a Festa de Corpus Christi,

Sein Freund Dr. med. Wigand Engelke besuchte ihn fleissig in den letzten Wochen und erteilte ihm seinen ärztlichen Rat. Doch erkannte er, dass es nicht ratsam sei, den geschätzten Pastor allein abreisen zu lassen. Deshalb bestimmte er seinen Sohn Leopold zum Reisebegleiter wenigstens bis Rio de Janeiro.

Am Fronleichnamstag, den 16. Juni 1892, bestieg P. Jakobs den Dampfer zur Abreise. Seine Nachbarn Gustav Baumgart und Grevsmühl waren zum Pfarrhaus gekommen und hatten sich von ihm verabschiedet. Franz Scheidemantel begleitete ihn bis zum Dampfer. Sonst niemand vom Stadtplatz.

Zahlreich waren die Katholiken zur Fronleichnamtsfeier gekommen. Sie alle gingen mit ihm zum Hafen. Herzlich begrüßte er alle zum letzten Male und bestieg den Dampfer. Er schaute hin auf die Menge seiner früheren Pfarrkinder; er vernahm die Glocken, die das Hochamt einläuteten. Und die Rührung überwältigte ihn. Der starke Mann weinte, als der Dampfer sich in Bewegung setzte und ihn für immer von seinem Wirkungsfelde trennte, wo er das Beste seiner Manneskraft, seines Seeleneifers und seiner Herzensgüte gelassen hatte.

Und sein Abschied ist wie das Sinken der untergehenden Sonne, die noch lange am Firmament nachleuchtet. Nach vierzig Jahren lebt sein Andenken noch. Möge es nie erlöschen!

Am 1. August 1892 ist P. Jakobs im Krankenhause von Gamboa in Rio de Janeiro gestorben. Seine letzten Worte sollen gewesen sein: "Blumenau, Blumenau"! Sobald nähere Nachrichten über das selige Hinscheiden dieses eifreigen Priesters eingeholt sind, sollen sie im Wegweiser veröffentlicht werden.

Wahrscheinlich werden auch seine sterblichen Überreste noch aufbewahrt sein in einer Urne, die von der Kirchhofsverwaltung im Necroterium beigesetzt wird. Sollte dies der Fall sein, so müssten die Blumenauer Katholiken dafür sorgen, dass sie am Pfarrsitze ihre Ruhestätte finden.

### **Ehrung des verstorbenen P. Jakobs**

Am 16. Januar 1927 bestand das vom P. Jakobs gegründete Kolleg 50 Jahre. Dieses Ereignis musste gefeiert werden. Der Ferienmonat Januar war jedoch nicht geeignet dafür. Man setzte die Festtage an auf den 14. und 15. August.

e todos acompanharam o Padre até o porto. Amigavelmente, cumprimentou-os a todos pela última vez, e embarcou.

Olhava para a multidão de seus ex-paroquianos. Prestava atenção ao tocar dos sinos, que convidavam para a missa cantada. E foi dominado pela emoção. O homem forte chorou, quando o barco se pôs em movimento, separando-o, para sempre, do seu campo de apostolado. Lugar onde vinha de deixar o melhor de sua energia de homem, do seu zelo pelas almas e da bondade do seu coração. A sua despedida foi qual pôr-de-sol, com seu clarão continuado pelo vasto firmamento.

Quarenta anos já são passados, e a sua lembrança continua viva. Queira Deus que não se extinga jamais.

A 1º de agosto de 1892, Pe. Jakobs faleceu no Hospital da Gamboa, no Rio de Janeiro. Suas últimas palavras teriam sido “*Blumenau! Blumenau!*”

Assim que notícias mais completas aparecerem sobre o falecimento desse Sacerdote de tanto zelo missionário, elas serão publicadas neste *Indicador de Rumo*. Provavelmente, a administração do Cemitério terá guardado os seus restos mortais numa urna do Necrotério. Se assim for confirmado, caberá aos católicos de Blumenau providenciar o seu jazigo nesta Sede Paroquial<sup>4</sup>.

### Homenagens ao Falecido Pe. Jakobs

Aos 16 de janeiro de 1927, o Colégio Fundado pelo Pe. Jakobs completou 50 anos de existência. Acontecimento que tinha de ser comemorado. Mas janeiro, o mês de férias, não seria apropriado. Daí, os dias de festa escolhidos terem sido os de 14 e 15 de agosto.

Às 6 horas da noite de 13 de agosto de 1927, chegou Sua Exa. Revma. Dom Joaquim Domingues de Oliveira, e que teve uma recepção grandiosa.

Às 8h30min da noite, a saudação aos convidados no *Teatro Frohsinn*<sup>5</sup> com representações artísticas do Clube Musical.

Aos 14 de agosto, domingo, às 9 horas da manhã, Solene Missa

---

<sup>4</sup> Para complementação desta biografia, será útil o livro *Padre José Maria Jacobs e o Catolicismo em Blumenau*, do Pe. Antônio Francisco Bohn, prefaciado pela historiadora Sueli Vanzuita Petry, Diretora do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, de Blumenau -, Gráfica e Editora 3 de Maio Ltda, Blumenau, 03/05/2001, 124p. (N. do Trad.). Para melhor entendimento contextual dos problemas de ordem político-religiosa havidos em Blumenau, poderá servir a leitura do livro *Formação Histórica do Brasil*, Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1972, de J. Pandiá Calógeras, pp. 159-315. (N. do Trad.).

Am 13. August 1927 traf abends 6 Uhr der hochwürdigste Herr Erzbischof D. Joaquim Domingues de Oliveira ein und wurde grossartig empfangen.

Um 8,30 Uhr abends Begrüssung der Festgäste im Theater "Frohsinn" mit künstlerischen Aufführungen des Club Musical.

Sonntag, den 14. August:

9 Uhr feierlicher Dankgottesdienst: Pontifikalamt des Hochw. Herrn Erzbischofs con Florianópolis; Orchestermesse von Thielen, vorgetragen vom Schülerchor. Festpredig des hochw. P. Zartmann SJ, im ersten Teil erklärte er das fünfzigjährige Wirken des Kollegs als einer Pflanzstätte des Wissens, der Religion und Tugend; im zweiten Teil schilderte er den Gründer des Kollegs in seinen hervorstechenden Charaktereigenschaften.

11 Uhr Festakt in der Aula des Kollegs unter dem Vorsitz des hochw. Herrn Erzbischofs.

Zuerst Eröffnung und Begrüssung; dann Verlesung der eingelaufenen Telegramme; darauf Schilderung des Wirkens und Lebens des P. Jakobs in seiner Bedeutung für das Munizip und den Staat. Nun folgte die Enthüllung seines Bildes wobei sämtliche Anwesenden sich erhoben und Beifall zollten. Von diesem Tage an nimmt sein grosses Bild den Ehrenplatz ein in der Aula und im Empfangszimmer des Kollegs.

Nachmittags traf der Staatspräsident Dr. Adolpho Konder in Begleitung seines Sekretärs und vieler Staatsdeputierten ein.

Abends 8 Uhr hielt Herr Verkehrsminister Dr. Victor Konder von Rio de Janeiro aus durch Radio eine Ansprache.

Am 15. August, 9 Uhr morgens, Gedächtnisamt für die verstorbenen Lehrer, Schüler und Wohltäter des Kollegs. In der Predigt wurde der Gründer und seine ersten Mitarbeiter gebührend berücksichtigt.

Herr Staatsdeputierter und Superintendent Markus Konder hielt am Abend eine interessante Konferenz über den P. Jakobs, sein Kolleg und seine Nachfolger.

Fasst man diese aufrichtigen Ausdrücke der Hochachtung und des Dankes inbezug auf den P. Jakobs zusammen, so muss man dem noch lebenden Blumenauer Kaufmann zustimmen, der sagt. "P. Jakobs hat es verdient, dass man ihm ein Denkmal setzt".

Pontifical de Exmo. Senhor Arcebispo de Florianópolis; o Coral da Escola cantou a Missa Orquestrada de Thielen; Sermão Festivo pelo Revmo. Pe. Zartmann, sj - que versou, na 1ª parte, sobre os 50 Anos de Atividades do Colégio, por ele comparado a um Viveiro do Saber, da Religião e da Virtude; na 2ª parte, fez considerações sobre o Fundador do Colégio em suas marcantes qualidades pessoais.

Às 11 horas, *Sessão Solene no Salão Nobre do Colégio*, sob a presidência do Exmo. Sr. Arcebispo:

- Abertura e Saudação;
- Leitura dos Telegramas recebidos;
- Descrição das atividades e da vida do Pe. Jakobs em sua importância para o Município e o Estado;
- Descerramento do quadro fotográfico, ao que todos os presentes se ergueram e bateram palmas<sup>6</sup>.

A partir desse dia, o seu quadro ocupa o lugar de honra no salão nobre e na Entrada do Colégio.

À tarde, compareceu o Presidente do Estado, Dr. Adolfo Konder, acompanhado de seu Secretário e de muitos Deputados do Estado.

À noite, às 8 horas, o Ministro dos Transportes, Dr. Victor Konder, transmitiu, do Rio de Janeiro, uma Saudação pelo Rádio.

No dia 15 de agosto, às 9 horas da manhã. *Missa Comemorativa* pelos falecidos Professores, Alunos e Benfeitores do Colégio. Na pregação, o Fundador e seus Colaboradores foram todos alvo das devidas considerações.

À noite, o Senhor Deputado Estadual e Superintendente *Marcos Konder* proferiu uma conferência interessante sobre Pe. Jakobs, seu Colégio e seus Sucessores.

Pe. Jakobs bem que mereceu, lhe fosse erguido um monumento.

---

5 Termo alemão que, em português, poderia significar "jovialidade". Mas a ditadura vargas rebatizou o Teatro com o nome de "Carlos Gomes". Coisa normal. Assim, o rio Itajai do Norte já passara para "Rio Hercílio". Em nosso Estado, numerosas localidades sofreram desistorização toponímica. (N. do Trad.).

6 A qual se há encontra no Convento S. Antônio. Sua cópia, neste artigo, é autêntica e atual. (N.do Trad.).

# Blumenau, início do século XX: O investimento sobre uma concepção de cidade

Ricardo Machado<sup>1</sup>

## Artigos

Aqui pretendo demonstrar que em Blumenau nas primeiras décadas do início do século XX, surgem formas de investimento sobre a vida dos indivíduos e que implicaram em novos problemas para a gestão do espaço da cidade. Foi somente a partir das primeiras décadas do século XX que a cidade passou a ser pensada em sua totalidade: demarcando de maneira ainda mais rigorosa os limites entre urbano e rural e entre espaço público e espaço privado. Aquilo que ao longo da segunda metade do século XIX ainda aparecia de uma forma um tanto difusa e descontínua, no século XX passa efetivamente a ser objeto de reflexão e de intervenção dos administradores. Como se poderia supor, ainda antes de qualquer grande projeto de alteração urbanística em Blumenau, foi neste momento que a cidade se tornou um problema de gestão. Deste modo, estas críticas e propostas de alterações sorrateiramente foram aparecendo nos debates que emergiram na imprensa local, nas reformas da legislação e nas crônicas memorialistas.

Pesavento define que a modernidade urbana



<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

é, por si só, “*representação sensível da renovação capitalista do mundo, a modernidade enquanto experiência histórica, individual e coletiva, faz da cidade mais que um locus, uma verdadeiro personagem.*”<sup>2</sup> Desta forma a cidade tornou-se objeto de reflexão e de intervenção - a cidade tornou-se um problema. As transformações no espaço da cidade foram ao mesmo tempo alvo de reclamações e de entusiasmo. Elas foram solicitadas, mas também reclamadas. Elas foram sentidas por aqueles que andam pelas ruas e estavam presentes no debate dos jornais.

Segundo Pesavento, “*(...) a transformação da cidade desencadeia uma luta de representações entre o progresso e a tradição: uma cidade moderna é aquela que destrói para construir, arrasando para embelezar, realizando cirurgias urbanas para redesenhar o espaço em função da técnica, da higiene da estética.*”<sup>3</sup> Mas como estas mudanças foram sentidas em uma cidade que ainda se estruturava? Se a ação sobre a cidade é um investimento modernizante sobre o espaço, o que naquele momento representava a dicotomia arcaico/moderno para estes imigrantes que se instalaram na ainda recente Colônia Blumenau?

O alvorecer do início do século XX inspirava uma “certa modernidade”, trazendo para Blumenau o transporte ferroviário, linhas regulares de barcos a vapor, a introdução de energia elétrica<sup>4</sup>, redes de água<sup>5</sup>, iluminação pública<sup>6</sup> e ainda o surgimento de alguns empreendimentos industriais de maior porte<sup>7</sup>. Estas mudanças foram percebidas claramente na documentação deste período através da emergência da preocupação em dar ordem ao espaço através da introdução de alguns equipamentos urbanos e delimitação de territórios para outros equipamentos.

No início do século XX, os próprios traçados de algumas ruas foram alterados, como o caso da antiga Wurststrasse que depois da República passou a ser chamada rua XV de Novembro. Esta que desde o começo da Colônia foi o eixo de ligação entre as diversas regiões, durante muito tempo era cheia de curvas. Seu traçado havia se constituído a partir das barreiras naturais existentes na área central da Colônia, de um lado morros, do outro o rio Itajaí-Açu. Desde cedo a rua que margeava o rio tornou-se a rua principal do centro da cidade.<sup>8</sup>

Da mesma forma, já no primeiro ano do século XX, a imprensa local noticiava com entusiasmo as formas de diferenciação pública, através de grandes construções empreendidas pela elite local:

(...) Apesar das calamidades financeiras reinantes em Blumenau, as obras de urbanização procedem em ritmo acelerado. Imponente a casa do senhor Probst, nas encostas do morro do aipim em fase de conclusão. Atravessando a ponte, confrontamo-nos com a grande obra do senhor Holetz, destinado a um hotel. Um pouco mais adiante, na rua principal à esquerda, encontramos a construção nova do senhor Busch. A casa do senhor Lenzi, na rua dos fantasmas está quase pronta.

Depois temos na rua dos Herings a obra construída pelo pintor Hering e, como fomos informados, será uma casa comercial para o senhor Husadel. Seguindo, na travessia do presépio, encontramos a casa do senhor José Deeke, em construção, como também a recém terminada casa da senhora Currin.

Finalmente podemos ainda mencionar a pequena torre, que os laboriosos franciscanos estão construindo encima de sua capela, dando ao convento um aspecto mais alegre.<sup>9</sup>

E para viver em uma nova cidade que ainda estava por ser construída, necessitou-se de uma nova concepção de indivíduo. Para isso passou a ser preciso garantir sua higienização e salubridade introduzindo ares de uma certa modernidade.

No início do século XX, assim como em outras regiões do país, a salubridade da cidade tornou-se um problema de gestão para o poder público. A preocupação com os aglomerados urbanos e as doenças infecciosas deslocaram o poder para as mãos dos higienistas, sanitaristas, engenheiros e arquitetos. Com isso muitas das práticas sociais que até então eram vistas com ar de “normalidade” passaram a ser criticadas. No caso de Blumenau, a partir deste momento, para o colono “civilizar-se” não bastava mais constituir um uso racional da produção, mas, sobretudo, significava abrir mão de seus “costumes florestais” no que se refere as novas práticas de higiene.

Sobretudo, trata-se não só da emergência de novos problemas para a gestão urbana que estavam ligados ao desenvolvimento do conhecimento de doenças infecciosas no fim do século XIX.<sup>10</sup> Mais do que isto, estamos falando também da emergência de novas sensibilidades que começam a surgir com a vivência, neste caso, mais urbanizados.

Para introduzir a emergência destes novos problemas na Colônia Blumenau, nos ateremos a algumas crônicas escritas por José Deeke neste alvorecer de século.

## Crônicas históricas de José Deeke: um indivíduo civilizado e uma cidade higiênica.

José Deeke teve uma influente vida política e cultural no Vale do Itajaí. Agrimensor de profissão, produziu diversos mapas sobre o Vale do Itajaí, e também foi administrador da Colônia Hansa-Hammonia<sup>11</sup> durante muitos anos. Além disso, foi escritor de inúmeras crônicas, que hoje arbitrariamente poderíamos separar no campo da memorialística, ficção, geografia e história. Mas certamente um dos seus textos mais importantes foi “Das Munizip Blumenau und seine Entwicklungsgeschichte” publicado originalmente em 1917 e que em 1995 acabou sendo traduzido e publicado sob o título “O Município de Blumenau, sua História e Desenvolvimento”<sup>12</sup>.

Aqui nos ateremos especificamente a algumas crônicas inseridas no “O Município de Blumenau”, pois ele é uma tentativa de construir uma das primeiras narrativas mais elaboradas sobre a história de Blumenau já nos primórdios do século XX. O autor compõe a narrativa a partir de alguns marcos políticos da história local, mas também acaba abordando longamente elementos do cotidiano. Para isso, Deeke utiliza como “fonte” uma outra publicação, de 1903, intitulada “Conversa de um velho colono blumenauense”, para relatar aspectos da vida social e cultural das primeiras décadas da Colônia Blumenau. Segundo Pesavento, relatos como o de José Deeke podem ser tomados como um *“testemunho de si próprio, portanto o que conta para o historiador não é o tempo da narrativa, mas sim o da escrita. Ela é tomada a partir do autor e sua época, o que dá pistas sobre a escolha do tema e de seu enredo, tal como sobre o horizonte de expectativas de uma época.”*<sup>13</sup>

José Deeke é crítico daquilo que para ele parece ser uma crescente burocratização das formas de organização da Colônia. Em seu texto, por vários momentos, transparece a idealização de um passado ao qual as questões seriam resolvidas de maneiras mais simples, direta e sem o uso de complexos métodos judiciais e políticos. Apelando para um sentimento nostálgico sobre o passado, fazia a crítica a sua contemporaneidade. Mesmo parecendo contraditório, por outro lado, os casos “desviantes” apresentados em seu texto, parecem estar intimamente ligados a uma certa ausência de “civilização”. Através das crônicas de Deeke, podemos discutir

duas das questões fundamentais deste alvorecer do século XX: um indivíduo civilizado e uma cidade higiênica.

Apesar destas crônicas terem como referencial as “Conversas com Velho Colono”, elas aq mesmo tempo não parecem estar comprometidas em instaurar uma verdade. Elas são utilizadas de forma anedótica, não demarcando muito claro o momento e o contexto de tais acontecimentos em que o autor está se referindo, o que se difere bastante do restante do texto de Deeke onde a questão da periodização é parte estruturante do texto. E é por estar neste limiar entre ficção e realidade que tais crônicas intituladas “Conversa com um Velho Colono Blumenauense”, tornam-se interessantes para o uso do historiador contemporâneo. Afinal, foi através destes relatos que se sugerem autobiográficos, mas ao mesmo tempo estão vinculados a um pronome indefinido, a que o autor adiciona elementos que constituíam o imaginário de sua época, permitindo a reflexão sobre suas percepções de questões cotidianas, para além de uma narrativa preocupada em demarcar os elementos fundantes do desenvolvimento da cidade, como o próprio título de seu livro parece sugerir.

Ao tratar das questões relativas à justiça, Deeke ilustra com dois casos relatados pelo velho colono. No primeiro, trata de um roubo de um machado que “um certo” Hannes, que morava próximo ao centro da cidade, roubou de seu patrão. Ao longo do relato é dado ênfase na constância das cusparadas de pasta de tabaco que o réu lançava ao chão. Estas cusparadas, vinculadas à postura rude do tal Hannes, aponta para um indivíduo “pouco civilizado”, e que para resolver tal postura o juiz recomendou que Hannes fosse amarrado em uma árvore - uma laranjeira -, onde foi compelido a meditar sobre liberdade e disciplina e refletir seu delito.<sup>14</sup>

Mas foi sobre o segundo caso do relato de Deeke que emergiram ainda outros problemas relativos à justiça. Trata-se de um caso ainda mais curioso e com tom ainda mais anedótico, envolvendo uma moça chamada Catharina Mülmann, mas que segundo o texto era conhecida por “Trina - a selvagem”.

Segundo o relato, a jovem Catharina, apesar de já ter trabalhado em diversos lugares, acaba sempre sendo despedida por furtos. Estes objetos, tendo ou não utilidade, eram levados e escondidos em uma floresta. Por todas suas peripécias, Trina era constantemente presa na cadeia. Mas ao ser

presa, comportava-se de maneira ainda mais selvagem: gritando, arranhando, mordendo e até mesmo sujando com fezes as paredes da cadeia.

Apesar de diversas reclamações, o Juiz não tomava nenhuma medida mais drástica para conter as investidas de Trina. Questionado, ele “*usava de todas as evasivas, talvez em consideração ao belo sexo, porque era um admirador exacerbado da eterna beleza feminina*”<sup>15</sup>. Apesar disso, no dia em que Trina invadiu a própria casa do juiz, ele acaba tomando providências mais drásticas. Neste ponto, Deeke enfatiza que “*sem se ater muito aos inúmeros parágrafos e decretos suplementares, (o juiz) decretou: - vinte e cinco chibatadas nela!*”<sup>16</sup>. Mas mesmo assim, o autor reconhece que a força destas chibatadas não foi suficiente, pois, na seqüência, os pais de Trina a conduziram para um outro distrito e trataram de arranjar-lhe um marido. Para finalizar, o autor afirma que: “*Muitos anos depois, encontrei-a na localidade de rio dos cedros e soube que ela se transformara numa caprichosa dona de casa. Trina faleceu há alguns anos.*”<sup>17</sup>

Trina nasceu em meio a uma escrita científica, mas ao mesmo tempo fértil demais, pois se aproxima da literatura. Sua existência física talvez até seja pouco provável, mas sua existência literária já nos é suficiente. E sua existência parece querer se firmar ainda mais concreta na medida que seu autor optou por colocá-la ao lado de uma narrativa estruturada para o bem ou para o mal, cientificamente. Foi dentro do livro “O município de Blumenau...” que Trina nasceu e não ao lado dos diversos contos e crônicas literárias de José Deeke.

Este simples relato, que para nós, hoje, parece estar marcado somente por sua curiosidade e seu tom anedótico, talvez possa nos ajudar a compreender as imbricações entre o saber médico, o poder judicial e a constituição de um modelo familiar em fins do século XIX. É em sua selvageria que Trina demarca os limites do desvio e da normalidade. Esta “mulher selvagem” existiu, ao menos no relato do “velho colono”, ou ainda como uma das histórias que Deeke julgou necessárias de registrar, pois representava algo naquele momento. Ao tratar do uso da literatura histórica como fonte, Pesavento define que “*o historiador não busca nele a verdade de um outro tempo, vendo no discurso de ficção a possibilidade de acessar o passado, mas a concepção de passado formulada no tempo da escritura.*”<sup>18</sup> Por isso, podemos dizer que a selvageria de Trina que foi retirada destas memórias do colono blumenauense diz respeito à sociedade em que ela foi produzida. E por isso, sua existência

literária é suficiente para compreender a concepção de mulher e de cidade que Blumenau pretendia instaurar nestas primeiras décadas do século XX.

Foucault, em seu livro “A vontade de Saber”<sup>19</sup>, colocou a figura de mulher histórica, como um dos alvos e empreendimentos do saber que surgiu com esta intensificação da preocupação com o sexo ao longo do século XIX. Será no corpo da mulher enquanto espécie biológica que toda a problematização da sexualidade deste período se concentrou.

A crônica de José Deeke pode ser colocada ao lado da produção intelectual do fim do século XIX. Pois o tema do sexo misterioso - a mulher - foi a grande discussão no campo da literatura, da arte, dos intelectuais na Europa. Se no final do século viviam-se momentos de fé no progresso, por outro lado, produziu-se o sentimento de incertezas. E destes, o medo de uma certa “feminização” do mundo foi potencializado. Com isso a própria idéia de virilidade, que constituiu o mundo moderno, parecia caminhar em direção à ruína. E com isto, o surgimento destas figuras femininas obscuras. Peter Gay, ao tratar da experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud, coloca-nos que a “mulher perigosa veio constituir-se num dos temas prediletos da criação literária e artística do século XIX”<sup>20</sup>. É neste contexto que ressurgem as “evas”, “cleópatras”, “esfinges” e os sonhos com as “vaginas dentadas”, mas, sobretudo, a mulher vista como vampira, castradora e assassina.<sup>21</sup>

Sobre as maneiras para “amansar” a selvageria de Trina, Deeke relata os seguintes procedimentos:

Trina foi colocada em um banco e nada menos do que vinte e cinco chibatadas incidiram sobre o alvo corpus júris da delinqüente, que ao final do castigo, mais parecia um amassado beefsteck. Trina rangia os dentes, mas não deixou escapar um só lamento, só o tremor de seu corpo denunciava a dor que sentia. Ao terminar o castigo, o servente foi incumbido de conduzir Trina para fora, deixando-a livre com a advertência de que se repetisse o delito, a dose do castigo seria dobrada.<sup>22</sup>

Mas há que se notar que Trina não largou mão de sua selvageria definitivamente após as chibatadas impostas pelo juiz. Foi somente após sua família intervir e lhe arrumar um marido, que através de uma conduta sexual e familiar levou ao fim sua selvageria. A chave de sua normalidade estará na lida de esposa e caprichosa dona de casa.

O que parece ser interessante é a constante comparação do passado

com o período em que o autor escreve o texto. Cabe ressaltar que o nosso objetivo em utilizar este texto não está na discussão se ele representa realmente as condições de justiça na Colônia Blumenau, mas, sobretudo, de que forma Deeke irá problematizar este passado ainda no início do século XX. Através de uma visão idealizada de passado, o autor parece querer justificar a existência de problemas diferentes para a administração destes indivíduos.

Talvez o que deveríamos nos perguntar é: O que mudou? Há uma mudança nas práticas, ou será um deslocamento do olhar? Para além de uma história que apresenta um passado idealizado que nos parece se apresentar é que o texto de Deeke está em descontinuidade com a noção de indivíduo e de cidade que existia nos primeiros anos da Colônia.

Esta questão pode ser percebida nas observações do “velho colono” no período em uma casa de comércio do Stadplatz<sup>23</sup> da Colônia:

(...) à nossa frente, a poucos passos, divisamos um barril com toucinho procedente de Santos, São Paulo. A tampa do barril está sob um peso, provavelmente para impedir que os vermes carreguem o toucinho, ao qual também se assemelha no odor. Além disso, parece-nos que todos os que passam por perto, consideram um ato de educação não manifestar repulsa ao mau cheiro, cuspidando sobre o dito fardo. Até os cachorros sentem tanto nojo pela tal carne, que demonstram seu desprezo de forma peculiar.”<sup>24</sup>

Mas este olhar do autor não está restrito somente ao passado, direciona-se também ao presente em que escreve, demonstrando uma nova sensibilidade sobre as condições de higiene. Segundo Deeke “(...) *Acontece que, mesmo atualmente, uma pessoa habituada à higiene poderá sentir repulsa ao adentrar algumas casas de comércio de secos e molhados e ver os vasilhames onde acondicionam o açúcar mascavo, e farinha de mandioca e outros gêneros alimentícios*”<sup>25</sup>

A necessidade de “civilizar-se” parece ser uma constante neste texto. Mesmo que por vezes os elementos constituidores de civilização, ou as formas de sociabilidade pública, são ao mesmo tempo apresentadas como apaziguadoras e por outro lado como elementos constitutivos de conflitos. Deeke insiste que “*no período inicial, quando um dependia do outro, havia muita amizade e mais iniciativa do que hoje. Naquele tempo, o caráter de igualdade e de cordialidade ainda era moeda válida; e hoje poderia ser encontrado?*”<sup>26</sup>

Esta vida pública de Blumenau ao final do século XIX, passou a se constituir através das sociabilidades festivas e através dos jornais. Esta nova sociabilidade foi, por ele entendida, como um elemento fundamental para a civilização, mas que por outro lado, trouxe consigo os conflitos e a discórdia. Ao referir-se aos anos iniciais da Colônia, Deeke afirmava que *“como não haviam jornais, também não havia política e como não havia política, em decorrência não havia discórdia partidária”*<sup>27</sup>. Na seqüência trata de maneiras distintas a vida social na colônia:

Casos isolados de embriaguez aconteciam, mas eram muito raros. Da mesma maneira, todo o jogo, por concordância geral era proibido. A dança não acontecia mesmo, pois faltavam os músicos. Todas estas diversões, algumas com conseqüências desagradáveis, mas inevitáveis, vieram bem mais tarde, quando Blumenau começou a se civilizar.<sup>28</sup>

E ainda:

Todo o pátio das festividades parecia um enorme formigueiro, cada um se divertia a sua maneira sem, no entanto, passar dos limites ou tornar-se inconveniente. Na verdade, nunca aconteceram sérias transgressões da tranquilidade pública.<sup>29</sup>

Através destas falas, talvez podemos compreender muito pouco dos tempos iniciais da Colônia, pois elas estão profundamente implicadas em dar respostas ao momento em que foram escritas. E delas ficam demonstradas a necessidade de uma nova cidade, instituída a partir da concepção de salubridade, sociabilidades e de normalidade do indivíduo. Dito de outra forma, podemos dizer que estes deslocamentos passaram a ser legitimados em nome da vida, da saúde e da normalidade dos indivíduos, parâmetro pelo qual se pode aferir o bem-estar da coletividade.”<sup>30</sup>

Esta crítica à concepção de cidade pode ser reconhecida de maneira mais explícita, no debate que surgiu nos jornais locais e nas reformulações da legislação da cidade.

### **Código de posturas de 1905: novos problemas para a cidade**

O primeiro Código de Posturas de Blumenau foi promulgado em 1883 e foi a primeira legislação local que trata especificamente das questões do espaço urbano. Se já em 1883, o uso do espaço público era uma das ques-

tões emergentes, no decorrer das décadas que se seguiram este problema ficou ainda mais urgente. Nas Posturas de 1905, temas como higiene pública, ordem pública e edificação das casas, não só se ampliam no número de artigos, mas, sobretudo, abordam novas questões relacionadas a estes temas.

Neste código de 1905, a recomendação é sempre de abrir: assim como os caminhos, a recomendação para as águas era não mantê-las estagnadas. Já em 1905 serão 24 artigos sob o título de Higiene Pública. Em praticamente todos os artigos há a preocupação com as moléstias contagiosas e salubridade pública

Art.33: ter em casa, nas escolas, fábricas ou outros quaesquer estabelecimentos que dirigir doentes de moléstias reputadas contagiosas como febre amarella, febre thyphica, febre puerpal, peste, cholera, variola, sarampão, esscarlatina, diphtheria, dysintéria, crysipela, tuberculose, hydrophobia, trichinose, ophthalmia, coqueluche e não participar a autoridade competente(...).

Art.35: lavar sem a prévia desinfecção roupas dos hospitaes ou de doente de moléstia contagiosa (...).

Art. 37: alugar sem desinfecção regular ou caiação casa ou commodo onde tenha fallecido ou morado doente de moléstia contagiosa(...).<sup>31</sup>

Neste código, o olhar é lançado para dentro das casas onde se dá a dinâmica da vida saudável e da morte contagiosa. E sob estes argumentos, o poder bate à porta dos indivíduos para entrar. Pois no artigo 58 do mesmo Código coloca sob responsabilidade da Superintendência Municipal a vistoria dos lugares, e no artigo 71 encontram-se as punições prescritas para aqueles que se recusarem a deixar o superintendente ou algum funcionário entrar em seu espaço privado.<sup>32</sup>

As posturas de 1905 demonstraram uma rigorosidade nas formas de moralidade no espaço público. Este tema, que em 1883 aparecia de maneira ligeira ao tratar da comodidade pública, se desdobrou em um capítulo intitulado “*das infrações que prejudicam a moralidade pública*”. Neste capítulo, determinou que fosse proibido banharem-se maiores de 12 anos, em pontos que possam ser divulgados nas estradas, ruas e habitações; penaliza quem ofender por gestos indecentes ou ofensivos transeuntes, afixar cartazes indecentes ou difamatórios ou ainda oferecer a venda objetos, figuras ou leituras consideradas obscenas. E, por último, “*expor-se a vistas do publico na própria casa ou nas ruas em trajos insufficientes para cobrir a nudez.*”

Alem disso, o Código dedica o capítulo 10 somente às formas de construção de maneira que não prejudiquem o aformosamento e os lugares de gozo público. Primeiramente, proíbe qualquer edificação sem que se tenha pedido licença. Além disso, proíbe deixar a frente de seus prédios sem rebocar ou tomar interstícios dos tijolos com cal ou cimento, portas ou janelas sem pintura ou sem vidraça, varanda sem pinturas, beirais de telhado sem bica e frente das casas sem passeio e dos terrenos sem cerca regular, depois de serem para isso intimados pelas autoridades municipais.<sup>33</sup> Obriga que todos os proprietários de terrenos no perímetro urbano façam uma cerca “decente” em sua propriedade<sup>34</sup>; proíbe a construção de janelas que abram para fora<sup>35</sup>; e ainda, proíbe conservar nos limites da cidade terrenos completamente incultos.<sup>36</sup>

Podemos dizer que o surgimento destes artigos evidenciam, uma preocupação ainda mais objetiva frente as definições do espaço da cidade. Os limites, as aberturas, as passagens passam a ser objetos de normatização. Podemos dizer que a norma é de certa forma a materialidade de uma concepção de cidade. Concepção esta que estava sendo debatida nas ruas, nos salões e nos jornais sob os auspícios dos novos saberes médicos que passaram a circular.

A este respeito é muito interessante o aparecimento de uma série de artigos de opinião na imprensa que se preocupam com esta questão. Um destes casos, foi um artigo do próprio editor do jornal Blumenauer Zeitung intitulado “*A Cidade de Blumenau e suas necessárias condições de melhorias*”<sup>37</sup>. Neste artigo compara Blumenau com outras localidades e que mesmo tendo crescido devagar naquele momento já se apresentava uma cidade relativamente movimentada. O autor do artigo, parte fundamentalmente da questão: “*O que agora deve acontecer para ampliar a atual centro da cidade, embelezá-lo, respectivamente melhor, para dizer em poucas palavras prepará-la para um rápido desenvolvimento populacional e saudável na cidade?*”<sup>38</sup>

Para responder estas perguntas, o autor estabelece quatro pontos fundamentais que visam a intervenção no espaço da cidade. O primeiro deles seria uma tomada topográfica do espaço da cidade e as regiões limítrofes, que entram em cogitação para a ampliação da cidade, para depois fazer um traçado das ruas, considerando as ruas já existentes como também caminhos, lugares públicos, estação ferroviária e linha ferroviária.

O que demonstra uma preocupação com a demarcação entre o espaço urbano e espaço rural dentro daquilo que se concebe enquanto cidade. Em segundo lugar, maior rigorosidade no cumprimento do Plano Diretor no que se refere à construção de novas ruas e lugares públicos. E, por terceiro, dá ênfase no que “talvez seja o mais importante e necessário”: a construção de um caminho para os pedestres ao longo das casas, ou seja, explicita a necessidade da construção de calçadas. Desta maneira consegue desobstruir as passagens, mas também definir de forma clara os limites das ruas em oposição das propriedades dentro dos limites urbanos. Sobre esta questão a mobilidade no espaço público parece gerar conflitos entre pedestres, cavaleiros e charretes:

Analisemos seriamente o movimento das nossas ruas principais! Com palmos e palmos de poeira ou então barro duas vezes mais, de forma que o pedestre raramente sai da sujeira e depois ainda o constantemente vai e vem de charretes e carroças de carga etc. Cavaleiros de diante de nós e atrás de nós em ruas empoeiradas ou cheias de lama, nos obriga a um constante desviar. Quem é que então não pensa que aqui deveria ser feita alguma coisa para os pedestres?<sup>39</sup>

No último ponto, o autor enfatiza a necessidade de se construir uma cidade salubre. Para isso ele considera fundamental a instalação de uma rede de água e também de esgoto:

Se o dentro da cidade, com uma população maior, não pretende ser um perigo para epidemias e outras doenças contagiosas então é preciso instalar esta rede de água, mas ao mesmo tempo o que nós consideramos a “quinta necessidade” deveria ser atacado a rede de esgoto para evasão de todos os detritos através da canalização. Realizar esta necessidade não consideramos só uma necessidade, mas sim como a primeira obrigação do município.<sup>40</sup>

Mas diante destas propostas de intervenção no espaço urbano, já estava prevista uma certa crítica a estas medidas, que não serão alegremente aceitas, pois “*ao contrário muitos proprietários de terras na área da cidade, como também moradores do município não aceitarem esta necessidade. Mas apesar disso, nós achamos de suma importância uma indagação pública a este respeito e motivação*”. Mesmo que considerados verdadeiros sacrifícios, para o editor do jornal estas medidas seriam necessárias para fazer daquele lugar uma “*cidade tão aprazível e salutar para se morar e viver*”<sup>41</sup>. E por último retoma a necessidade

do poder público ocupar-se da normatização da vida na cidade: “*A nossa administração da Câmara mais cedo ou mais tarde terá que ocupar-se com as melhorias do centro urbano, e mais confiantes nela e que resolvem a mesma para o melhor da comunidade de Blumenau.*”<sup>42</sup>

Em outro jornal da cidade foi publicada uma carta intitulada “*Conservem limpos nossos córregos*”<sup>43</sup>, assinada simplesmente pela abreviatura “HQ”. O que lhe motivou escrever a carta foi o surgimento de casos de tifo e de disenteria na cidade. Segundo o próprio artigo, a explicação mais usual para este problema era a de que provavelmente estas doenças teriam sido trazidas pelos operários da ferrovia. Mas ele se empenha em apontar para outras causas do problema. Segundo ele, “*Os micróbios destas doenças são principalmente encontrados na água*”.<sup>44</sup> Enfatiza que as pessoas precisam criar novos costumes, pois a água cristalina e deliciosa de beber, quando passa por um vale habitado, “*não raro a gente fica com nojo da água, a água já não tem mais gosto puro.*” Segundo o autor ainda era muito comum as pessoas verem o rio ou riacho como um depósito de lixo, jogando ali todas as formas de detrito: “*Muitas vezes os córregos levam restos de animais abatidos. Eu também já vi boiar na água cadáveres de porcos e que apodrecem na água.(...)Com isso ao dadas às condições para a contaminação, não falando ainda do perigo de envenenamento do sangue.*”<sup>45</sup> E finalizando, o autor indica a necessidade de uma vigilância constante destas questões, que partiria do público como do poder público: “*Está em tempo de cumprir rigorosamente as determinações sanitárias. Também o público deveria contribuir e quando é transgredida uma destas determinações, comunicá-lo imediatamente as autoridades.*”<sup>46</sup>

No ano de 1912, o então Superintendente Municipal Alwin Schrader solicitou que o arquiteto Gelbert elaborasse um estudo para a construção das casas e discutisse as problemáticas que a cidade de Blumenau vinha passando. Este texto, que certamente foi entregue ao poder municipal, veio ao público através de um longo artigo publicado no *Der Urwadsbote* naquele mesmo ano<sup>47</sup>.

Gelbert inicia seu texto tratando da necessidade de rapidez que nas décadas anteriores emergiram nas construções das cidades em todo o mundo. E que esta condição foi fundamental para que em pouco tempo os indivíduos encontrassem alto grau de desenvolvimento.<sup>48</sup>

(...) reconheceu-se que para o desenvolvimento de cidades, seria necessária a criação de modernas e saudáveis moradias, como também, meios de transporte. Em lugares aonde vive muita gente aglomerada é natural que se acumulem grandes massas de matéria que devem ser logo afastadas, se não se quiser que cheguem a constituir um perigo para os moradores poluindo o ar, a água e trazendo perigosas epidemias.”<sup>49</sup>

Já nesta introdução, Gelbert relaciona a melhoria da qualidade de vida na modernidade com a instauração de uma concepção de cidade moderna. Na seqüência, demonstra que passa a ser importante o “afastamento” das matérias e indivíduos como maneira de tornar os lugares salubres.

O que o trabalho humano já fez para criar saudáveis condições de vida em moradias. Para tal serviço comunitário, são responsáveis as autoridades das cidades que, através de decretos contribuíram para a construção de estradas e formas de aproveitamento dos terrenos. Drenagem de canais, fornecimento de água, construção de casas e regulamentação das condições de vizinhanças e outras mais. Aqui em Blumenau, só ultimamente se fizeram ouvir vozes que exigem medidas urgentes neste sentido, pois está na hora de se fazer algo concreto<sup>50</sup>.

Ao longo do texto é constatado que até aquele momento estas questões não vinham sendo tratadas pelo poder público. Mas que esta possível “irresponsabilidade” apontada pelo texto, aqui pode levar a crer que higiene não era necessariamente um problema para a administração.

(...) é preciso trabalhar aos poucos, de acordo com os meios disponíveis, mas sistematicamente com um objetivo certo diante dos olhos. Não se deve repetir os erros anteriores ou talvez ainda aumentá-los. Deve ser criada uma norma para que no futuro tudo de constitua num só inteiro e global.<sup>51</sup>

Da mesma maneira reforça a necessidade, já apontada no Código de Posturas, de uma definitiva norma de construção no que se refere ao alinhamento com as ruas e os limites do centro da cidade.

Por ocasião da fundação e instalação de Blumenau foram feitos os maiores erros e é necessário corrigir isto enquanto ainda houver tempo. Se faz necessária, principalmente, uma ordem de construção que ofereça a possibilidade de ampliação do centro da cidade, impedindo-se a construção arbitrária que se observa.<sup>52</sup>

A partir deste momento o autor inicia uma crítica que não se limita à

ausência da intervenção do poder público. Para ele parece ser fundamental a mudança dos costumes para poder transformar a cidade em um lugar salubre e civilizado. E é neste ponto que mais nos interessa, pois passa insistentemente a tratar de uma concepção de indivíduo e sua relação com o público. Para Gelbert, *“se querem que a cidade se desenvolva como uma verdadeira cidade, é preciso quebrar com os tradicionais costumes florestais.”*<sup>53</sup>

Comparando Blumenau com outras cidades, segundo ele, todas estariam investindo nas formas de embelezamento urbano, para poder se impulsionar uma vida pública; e somente Blumenau continuaria “dormindo” nestes termos. Enfatiza que um viajante, ao chegar na cidade, primeiramente se depara com as latrinas e com os currais de porcos:

Se hoje um estrangeiro chega a Blumenau de vapor, vê a cidade primeiramente pelos fundos. Latrinas quase caindo, currais de porcos é o que se vê primeiro. Quando se chega na cidade em si, logo se verifica a construção arbitrária pelos terrenos. Ele não terá a impressão de uma cidade, mas sim de uma grande aldeia, onde todos constroem suas casas aonde querem. Mas, se olhar bem, também vai observar que Blumenau está crescendo e faz a tímida tentativa de sair de seu aspecto de floresta virgem, para ganhar um aspecto de cidade. Mas, isso acontece devagar e sem qualquer sistema.<sup>54</sup>

Assim como no artigo sobre os córregos, surge o problema da implementação destes projetos de mudanças. Palavras como “sacrifício” e “mudanças de costume” emergem novamente no discurso: *“A população de Blumenau é conhecida como ordeira e trabalhadora. Portanto, é de se esperar que a maioria dela não se opunha a possíveis renovações que administração de Blumenau, porventura, fizer. Mas, em benefício de toda a comunidade, é preciso fazer algum sacrifício.”*<sup>55</sup>

Na seqüência, Gelbert irá estabelecer um paralelo entre beleza paisagística e salubridade.

Blumenau deverá se desenvolver, correspondendo ao seu atual caráter, para uma verdadeira cidade jardim, onde deverão sobressair casas residenciais de um ou mais andares. Ruas amplas e largas, um certo número de lugares públicos, com árvores plantadas bem como algumas comunicações com o rio são de grande importância.<sup>56</sup>

A tônica das calçadas também está presente, pois é através dela que separa o espaço da rua. Além disso, a cidade passa a ser pensada na relação

entre praticidade e embelezamento: “No Plano Diretor deveriam ser previstas a construção de calçadas e determinadas as ruas aonde este trabalho devesse ser feito logo. As ruas deveriam ser delineadas, para que não houvesse tantas reentrâncias irregulares. Tudo enfim deveria ser pensado, unindo-se o prático ao bonito.”<sup>57</sup>

O tal Plano Diretor previsto, será publicado no Blumenauer Zeitung do dia 19 de abril de 1913. Reafirmando muitas das questões já colocadas no Código de Postura de 1905, desta vez, se constituiu em uma legislação que esteve preocupada em normatizar as novas construções de casas, muros e cercas, sendo que todas estas alterações só serão realizadas com o conhecimento do Superintendente.

A partir de então se passou a exigir uma planta para o empreendimento das construções, sendo que nesta deviam constar os exatos limites como o nome das ruas e dos moradores;<sup>58</sup> Proibiu a construção de paredes, jardins ou varandas por cima da rua<sup>59</sup> O lado frontal da rua das casas tem que ser rigorosamente igual com a mesma.<sup>60</sup> Em qualquer construção localizada próxima à rua, não poderiam ser construídas portas, janelas ou lojas do andar térreo numa altura de menos de em cima da calçada e que venham se abrir pra a rua.<sup>61</sup>

O Plano Diretor também se preocupou com as questões relacionadas à vida dentro do espaço privado, sobretudo na ventilação e salubridade dos ambientes. Desta forma, a gestão da vida poderia ser empreendida não somente quando estabelecesse suas relações com o público, mas nos lugares onde vinha se constituindo um sentimento de intimidade. Esta legislação definiu as condições de ventilação das casas, a altura das portas, o tamanho da distância entre as janelas e portas das ruas, o estabelecimento de fossas. E definitivamente se atinha de maneira demorada à construção de calçadas. No artigo 42 determina que todo proprietário dentro da área da cidade teria que construir uma calçada que deveria ter 1,60m de largura.

A expansão urbana e capitalista dos finais do séc. XIX trouxe o aparecimento da noção de rentabilidade, eficácia do trabalho em todos os domínios, inclusive no espaço interior, destacando a importância da limpeza e da higiene para a saúde e bem estar da família. Neste foco, a casa aparece como centro do mundo, a partir do qual a cidade cresce e se constrói em várias direções.<sup>62</sup>

É certo que este plano não chegou a ser cumprido por completo. Mas justamente o que ele nos coloca é a emergência de novas preocupações sobre as formas de organizar a vida pública e privada dentro do espaço da cidade. E aqui talvez nos caiba perguntar: mas no que isso se relaciona com as crônicas de José Deeke apresentadas no início deste artigo? Porque tanto as crônicas quanto os regulamentos representam preocupações com a organização da vida pública e privada em Blumenau. Sobretudo, o que se apresenta é a emergência com subjetividades que não passam somente por mecanismos reguladores, mas também de novas sensibilidades que estes indivíduos passam a vivenciar. Vivências estas que serão também materializadas pela literatura e pelas mais diversas formas de representação.

Será no campo das sensibilidades que se encontrará uma unidade entre a selvageria de Trina, as cusparadas de Hannes com o método de Gelbert que apontava para a necessidade de construir uma cidade que abrisse mão dos seus “costumes florestais.”

Por conta disso, a cidade não pode ser conhecida somente através de suas representações cartográficas ou ainda pelas normas exigidas, pois ela vai se constituindo através das formas de seu uso. As mudanças em seu plano são também mudanças de um tipo de sensibilidade aplicada à vida cotidiana. Dito de outra maneira, as experiências sobre a cidade são sempre múltiplas e por isso não podem ser compreendidas somente através da fala dos técnicos autorizados.

Talvez possa parecer demasiado exagero falar em “cidade” ou “urbanização” em Blumenau ainda nos primeiros anos do século XX. É certo que o conceito de modernização não é encontrado da mesma maneira nos múltiplos lugares. Aqui foi apresentada a defesa de que mesmo que nenhum projeto urbanístico tenha sido implementado em sua totalidade no período analisado, o que nos interessa neste caso, é perceber que a cidade foi tomada como objeto de reflexão de ação. Ou seja, a maneira como estes indivíduos vivenciavam estes lugares passou a ser um problema e que foram aparecendo nas crônicas memorialísticas, nas críticas publicadas nos jornais, bem como, nas normas que o poder público foi instaurando ao longo do período.

### NOTAS DE FIM

<sup>2</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História cultural**. 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica. 2005. p.79

<sup>3</sup> Id.Ibid. p.79

<sup>4</sup> Em 1901 o empresário Guilherme Busch anuncia a decisão de instalar uma usina geradora de energia elétrica na região do Gasparinho. In **ACIB: 90 anos de memória**. - Blumenau. Fundação casa Dr. Blumenau. 1989.

<sup>5</sup> Em 1901 a Câmara Municipal anuncia os trabalhos de construção da primeira rede de água. Tendo como base uma fonte existente ao pé do Morro do Aipim. Id.Ibid.

<sup>6</sup> Em 1909 as ruas começam a ser iluminadas, a partir da usina geradora no Gasparinho. Id.Ibid

<sup>7</sup> A partir da década de 1880 surgem tem origem três grandes empreendimentos que mais tarde se constituiriam grandes indústrias: Hering(1880), Karsten(1893), Garcia(1885) Jansen (1899).

<sup>8</sup> FROTSCHER, Méri. Vendana, Lea Maria. **Viagens pela cidade: o transporte coletivo de Blumenau**. Florianópolis. Insular. 1999. p. 17

<sup>9</sup> *Blumenauer Zeitung*, 31 de ago. 1901. Coleção de Periódicos. Arquivo José Ferreira da Silva.

<sup>10</sup> No final de século XIX passou-se pela conhecida “revolução pastoriana” onde se deixa de acreditar nos cheiros emputrecedores – os miasmas – para reconhecer os agentes infecciosos das doenças. Será justamente sob este signo que se implementará muitos dos projetos de intervenção urbana.

<sup>11</sup> Atual município de Ibirama.

<sup>12</sup> DEEKE, José. **O Município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento**. Organizado por Cristina Ferreira. Tradução de Edith Sophia Eimer. Blumenau: Nova Letra, 1995

<sup>13</sup> PESAVENTO. *Op. Cit.* p.83

<sup>14</sup> DEEKE. *Op.Cit.* p.77

<sup>15</sup> Id.Ibid. p.78

<sup>16</sup> Id. Ibid. p.79

<sup>17</sup> Id. Ibid.p. 80

<sup>18</sup> PESAVENTO. *Op.Cit.* p.83

<sup>19</sup> FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro. Graal, 1988.

<sup>20</sup> GAY, Peter. *Op. Cit.* p.150

## Artigos

---

<sup>21</sup> Id.Ibid.. p.143,144

<sup>22</sup> DEEKE. Op.Cit. p.79

<sup>23</sup> Como era conhecido o centro da cidade de Blumenau

<sup>24</sup> DEEKE. Op.Cit. p.55

<sup>25</sup> Id.Ibid. p.60

<sup>26</sup> Id.Ibid..p.57

<sup>27</sup> Id.Ibid. p. 57

<sup>28</sup> Id.Ibid. p.57

<sup>29</sup> Id.Ibid. p. 73

<sup>30</sup> OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira. **Assistência aos expostos e remodelação das condutas em Desterro**. In BRANCHER, Ana; FÁVERO, Silvia Maria.(org) História de Santa Catarina no século XIX. Florianópolis: UFSC, 2001 p.227-228

<sup>31</sup> Lei n. 26 de 17 de maio de 1905. Publicado em Der Urwaldsbote em 17 de jun. 1906. Coleção de periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

<sup>32</sup> Id.Ibid.art.58.

<sup>33</sup> Id.Ibid. art 113.

<sup>34</sup> Id.Ibid. art. 114

<sup>35</sup> Id.Ibid. art. 116

<sup>36</sup> Id. Ibid. art. 121

<sup>37</sup> **Blumenauer Zeitung**. N.21. 24 de mai. 1913. Coleção de Periódicos. Arquivo José Ferreira da Silva.

<sup>38</sup> Id.Ibid.

<sup>39</sup> Id.Ibid.

<sup>40</sup> Id.Ibid.

<sup>41</sup> Id.Ibid.

<sup>42</sup> Id.Ibid.

<sup>43</sup> **Der Uwaldsbote** n.60. 20 de janeiro de 1913. ano 20. p.3

<sup>44</sup> Id. Ibid.

<sup>45</sup> Id. Ibid.

<sup>46</sup> **Der Uwaldsbote** n.60. 20 de jan. 1913. ano 20. p.3. Coleção de Periódicos. Arquivo José Ferreira da Silva

<sup>47</sup> **Der Uwaldsbote**. n.71. 2 de março de 1912. 1º página. In Revista Blumenau em Cadernos Tomo 35. nº 11/12.1994 pág.357-360.

<sup>48</sup> Id.Ibid. p. 357

<sup>49</sup> Id.Ibid.p.. 358

<sup>50</sup> Id.Ibid. p.358

<sup>51</sup> Id.Ibid.p. 358

<sup>52</sup> Id.Ibid.p.358

<sup>53</sup>.Id.Ibid..p. 358, 359. Grifos meus.

<sup>54</sup> Id.Ibid. p. 359

<sup>55</sup> Id.Ibid. p.359

<sup>56</sup> Id.Ibid. p. 359

<sup>57</sup> Id.Ibid.p. 360.

<sup>58</sup> **Plano Diretor**. Der Uwaldsbote. 19.04.1913. n.84. Art. 1 e 2. Seção de Periódicos. Arquivo José Ferreira da Silva.

<sup>59</sup> Id.Ibid. Art.7

<sup>60</sup> Id.Ibid. Art.9

<sup>61</sup> Id.Ibid. Art.14

<sup>62</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru. SP, Edusc. 2002. . p.44-45

# Burocracia & Governo

Burocracia &  
Governo

**Transcrições de  
Documentos  
Extraídos de  
Fontes Originais  
localizadas no  
Acervo do  
Arquivo Público  
do Estado<sup>1</sup>**

601

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr.

Tendo acabado os negocios concernentes á colonia a meu cargo, venho respeitosamente sollicitar a permissão de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, para na data de hoje entrar no gozo da licença de seis mezes com vencimentos, que por portaria do Ministerio da Agricultura de 28 de Janeiro pr. p. me foi concedida.

Outrosim tomo a liberdade, pedir á V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, queira dignar-se mandar espedir as convenientes ordems, para que a gratificação addicional, concedida pelo mesmo Ministerio ao guarda livros da colonia, Hermann Wendeburg, durante sua funcção de director interino, com 800\$000 annuaes, fique paga ao procurador seu e meu em esta capital, Fernando Hackradt, com a quantia de 200\$000 pelo corrente trimestre de Abril á Junho.

Deos Guarde a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> - Desterro, 1º de Abril de 1865.

Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Snr.

Dr. Alexandre Rodriguez da Silva Chaves



<sup>1</sup> Transcrição: Elton Cardoso. Estagiário do Curso de História: (agosto/ setembro de 2006).

D.<sup>mo</sup> Presidente da Provincia.  
O Director da Col<sup>a</sup> Blumenau.  
Dr. H. Blumenau.  
602  
Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr.

Sendo conveniente, determinar-se definitivamente os limites confinantes dos territorios das colonias Blumenau e Brusque afim de que de parte á parte não haja complicações e conflitos de jurisdicção, somos da opinião, de que a confrontação mais accertada e natural havia de ser aquella, que (he) (sic) he formada pela linha divisoria das agoas, que em cada huma das mesmas correm, desaguando na primeira no Itajahy assú e na segunda no Itajahy mirim. Assim a mutua confrontação havia de principiar nos fundos das terras do capitão Flores, nos morros das Bateias, e seguir na crista ou espigão dos mesmos e dos morros, em que elles continuão e que formão justamente a linha divisoria das agoas confluentes de hum lado para o Itajahy mirim e pertencentes á colonia Brusque, e do outro dos confluentes do Itajahy assú, pertencentes á colonia Blumenau.

Rogamos portanto respeitosaente, V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> queira dignar-se, salvo o melhor juizo de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, recommendar estes limites ao Governo Imperial em resposta ou informação ao aviso do Ministerio da Agricultura, que tratou deste assumpto.

Deos Guarde á V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> - Desterro, 3 de Abril de 1865.  
Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Snr.  
Dr. Alexandre Rodriguez da Silva Chaves  
D.<sup>mo</sup> Presidente da Provincia.

O Director da Colonia Brusque Barão de Schnoéburg.  
O Director da Colonia Blumenau Dr. H. Blumenau.

603  
Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr.

Tenho a honra d'apresentar á V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> o incluso quadro dos trabalhos executados em esta colonia no mez de Março de 1865.

Deos Guarde á V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> - Colonia Blumenau, 15 de Abril de 1865.  
Illmo e Exmo Snr

## Burocracia & Governo

---

Dr. Alexandre Rodriguez da Silva Chaves  
D<sup>mo</sup>. Presidente da Provincia  
O Director interino  
H. Wendeburg  
Colonia Blumenau

Trabalhos no mez de Março de 1865.

Estrada do Garcia para a Toupava

Março	1/31	Jornaes de pedreiro no canal perto do Herbst e trabalhos accessorios	Rs. 208\$350
"	10	Jornal de carpinteiro, orçamento e planta da ponte do ribeirão da Velha	3\$000
"	18/25	Jornaes, concerto da estrada perto do Ebert	9\$000
"	9	Tillmann, irmãos & C <sup>ia</sup> a conta da cavoucaria no canal perto da Velha pelos mezes de Agosto 1864 até Fevereiro de 1865	230\$000
<u>Estrada do Itajahy</u>			
"	4/11	Jornaes, alimpar a estrada acima de Kuhlewein	6\$000
"	20/25	Cortar e remover grandes páos no caminho do Passo Manso	6\$000
"	9	Kuhlewein, transporte de 12 pranchões para a ponte do Passo Manso	2\$500
"	16	Vahldicke C <sup>ia</sup> atterro na ponte do Passo Manso, 22 br. á 4 \$	Rs 88\$000
		Destocar cepos e remover madeiras	Rs 6\$000
			94\$000
<u>Caminhos no rio do Testo</u>			
"	1/31	Jornaes, 6 canaes e atterros na margem direita do rio do Testo	393\$500
		Ditos, factura de 34 pontes provissorias e concerto de c <sup>sa</sup> 4500 br. corr. de caminho na margem esquerda	147\$400

	<u>Estrada do rio do Testo</u>	
" 8	Harbs, fixar os pranchões de cobertura nas pontes do Philipps e Hartmann, inclz as cavilhas	14\$000
" 10	Westphal, caminho lateral entre ambas as margens do rio, 41 br. corr. á 240 - 9\$840; atterro 1 ½ br cub. 6\$	15\$840
" 11	Aplanar a estrada perto do Schmits, 108 br. cub. 6 Cias.	140\$200
	Geyer, caminho lateral entre ambas as margens 65 br. corr. á 280 rs.	18\$200
" 18	M. Kienen, pagamento por 40 palmos de madeiras p <sup>a</sup> o canal no seu lote	\$800
" 30	Vinandy, Zwang & C <sup>ia</sup> atterro na ponte do Philipps 65 br.	292\$500
cub á 4 ½ \$	10 jornaes, cortar e arranjar pranchões etc.	10\$000
		302\$500
	Weege & C <sup>ia</sup> a conta da excavação e aplainamento na estrada perto do Schmits	280\$000
	<u>Estrada do Salto</u>	
Março 16/18	Jornaes, alimpar d'huma parte da estrada	R 1\$500
" 17	J <sup>os</sup> . conserto da mesma perto do Sametzky	"
3\$000		
" 23	Schönau, factura d'hum canal de madeira perto d'elle	14\$000
"		
	<u>Estrada para o littoral</u>	
" 1/10	Jornaes de carpinteiro, factura da ponte do Poço grande	96\$000
"		
" 25	Stutzer Sachtleben, 9 ¾ palmos de madeiras falquejadas p. <sup>a</sup> a mesma ponte e transporte das mesmas ao lugar á 240 rs	224\$160
"		
" 28	Rosemann, transporte dos instrumentos dos carpinteiros p. <sup>a</sup> o Poço grande	2\$500

## Burocracia & Governo

---

- Caminho Toupava - Testo
- ” 18/25 Jornaes, alimpar de huma parte do caminho  
4\$000
- ” 23 Sasse, 1½ duzias de taboas p.<sup>a</sup> o dique na Toupava  
perto do Krambeck 10\$500
- ” 11/18 Jornaes de carpinteiro, factura d’ hum dique no mesmo lugar  
48\$000
- Caminho do Beneditto
- ” 1/11 Jornaes, 10 grandes canaes e atterros no caminho  
275\$500
- ” 25 Heidorn e Weiss, 45 br. corr. do caminho á 680 rs,  
10 ditas á 1\$000; 55 ditas á 800 rs, salto de 4 br. cub. á 4\$  
100\$600
- Caminho no Encano
- ” 26/31. Jornaes, alimpar o caminho do Encano 3\$600
- Caminho no Garcia
- ” 23. Jornaes, cavoucar pedras no caminho perto do Müller  
5\$000
- Ruas na povoação
- ” 1/11 Jornaes, atterro, canal e rua perto do Spierling  
84\$000
- ” 11/18 Ditos, factura da rua perto do Michel, 1 boeiro e atterro  
52\$250
- Caminho na margem esquerda do rio
- ” ¼ Jornal, transporte das vigas p.<sup>a</sup> a ponte perto  
do Becke 2\$000
- ” 4 Beecke, atterro no lote do Seeliger 4 br. cub. á 4\$ = 16\$  
1 boeiro de Madeira 2\$ 18\$000
- Caminhos diversos
- ” 4/19 Jornaes, concerto e alargamento do caminho  
no Valle do Retiro 136\$500
- ” 19/31 Ditos, concerto e alargamento do caminho no valle fresco  
38\$250
- ” 4 Hadlich, alimpar o caminho lateral e as valletas

	perto d'elle, c <sup>ca</sup> 105 br. corr.	5\$750
" 11	Rüdiger, alimpar os caminho lateraes no Garcia perto do	
Klilps e Koth		3\$000
" 22	Pfiffer id. Perto do Lehmann	1\$500
	<u>Canal no ribeirão do Retiro</u>	
" 3	Jornal, roçar o lugar p. <sup>a</sup> collocar as pedras	
	\$600	
Março	<u>Canal no ribeirão fresco</u>	
" 11/18	Jornaes, emprezar o lugar onde sahe a água do canal Rs	
		9\$750
" 8	Wloch puxar as madeiras para o parapeito da nova ponte	
		2\$000
	<u>Trabalhos e despezas diversas</u>	
" ¼	Jornaes, concerto do lugar do Passo na Itoupava	
	Sul perto do Sametzky	1\$200
" 16	Transporte de cal para o deposito	6\$200
" 1/25	Jornaes, alimpar as plantações de cardamomo	
	Cambú, se tiver etc, fazer mergulhias e mudas	
	preparar terrenos p. <sup>a</sup> os viveiros das mesmas	
	19\$050	
" 18/31	Jornaes, excavações perto da casa do Pastor	
		28\$800
" 1/11	Ditos, calafatar e alcatroar canoas	9\$000
		Rs: 3:107\$500

Colonia Blumenau, 15 de Abril de 1865.

O Director interino

H. Wendeburg,

604

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr.

Em conformidade com as últimas ordens de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> mandei pautar aqui o papel necessario para mais 750 cadernetas de contas de colonos e comprei os demais materiaes de papelão e algodão para as mesmas, o que tudo em estes dias remetto á colonia Blumenau, esperando assim, que as

cadernetas em breve fiquem promptas e remetidas á Delegacia das Terras da mesma maneira, como a primeira encommenda de 1500 exemplares, de que já trouxe comigo 500.

Rogo portanto, V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> queira dignar-se, de expedir as convenientes ordems, afim de que pela Thesouraria da Fazenda seja paga ao procurador meu e do actual director interino da colonia á meu cargo, Snr. Fernando Hackradt a quantia de Rs 222\$000, correspondente ao preço da primeira encommenda e ao numero de 750 exemplares.

Deos Guarde á V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> - Rio de Janeiro, 15 de Abril de 1865.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr

Dr. Alexandre Rodriguez da Silva Chaves

D<sup>mo</sup>. Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director da Col.<sup>a</sup> Blumenau

Dr. H Blumenau.

605

Entrou nésta Colonia o colono Frederico Larsen com a sua familia, vindo da Colonia S.<sup>a</sup> Isabel com a intenção adquirir huma sorte de terras e estabelecer-se aqui, e apresentarão-se á esta Directoria mais alguns pais de familia d'aquella Colonia com o mesmo fim, allegando que os lotes agora em sua posse erão pouco ferteis de maneira que apenas podião ganhar o seu sustento.

Não sabendo, se tenho o direito de aceitar estas familias e distribuir-lhes lotes n'esta colonia, mesmo com a obrigação de reconhecerem - ellas as dividas ao Governo, contrahidas na outra colonia e a conta das quais eu deveria pedir ao competente Director, rogo muito respeitosamente á V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> queira favorecer-me com algum aviso n'este respeito, que me sirva de regra em taes casos.

Deos Guarde á V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> - Colonia Blumenau, 26 de Abril de 1865.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr

Dr. Alexandre Rodriguez da Silva Chaves

D<sup>mo</sup>. Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director interino

H. Wendeburg

606

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr

Tenho a honra d'apresentar á V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> o incluso quadro dos trabalhos executados em esta colonia no mez de Maio de 1865.

Deos Guarde á V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> - Colonia Blumenau, 26 de Junho de 1865.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr

Francisco José de Oliveira

D.<sup>mo</sup>. Vice-Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director interino

H. Wendeburg.

Colonia Blumenau

Trabalhos no mez de Maio de 1865.

Caminho do Encano

Maio 14/20	Jornaes, cavoucar pedras no ribeirão do Encano	perto
da ponte	Rs	12\$750
" 20	Ditos de carpinteiro na mesma ponte	6\$000
" 20/30	Ditos de pedreiro id.	31\$000

Estrada do Passo Manso

" 1/30	Jornaes, concerto da estrada	261\$250
" 3	Luchtenberg, 220 p. <sup>os</sup> de pranchões para	
A ponte do Passo Manso á 50.		11\$000
jornaes na mesma ponte		4\$500 15\$500
" 21	Meldola, remover do caminho 1 grande páu	1\$500

Caminho do Encano

" 28	Sametzky, transporte de cimento para a ponte	
do ribeirão do Encano com 2 cavallos		4\$000
" 6/31	1106 br. corr. de caminho e 1 ponte provisoria	
15 C. <sup>ias</sup> .		686\$995

Caminho na margem esquerda do rio acima de Badenfurt

## **Burocracia & Governo**

---

” 1/31Jornaes, 3 canaes e atterros de c<sup>ca</sup> de 41 br. cub. perto Do Schmitzler, do Giehl e canal e atterro perto do Kluge e Püth  
378\$500

” 6/311788 p.<sup>os</sup> corr. de madeiras p.<sup>a</sup> as mesmas canaes á 20 rs. 35\$760

” 31103 br. corr. de caminho 3 C<sup>ias</sup> 62\$600

### Estrada do Garcia para a Toupava

” 1/9Jornal, alimpar o canal da Velha da terra desmoronada e de pedras 24\$000

” 1/13Jornaes, concerto do talho do canal perto do Herbst e factura de valletas 12\$000

” 1/24Ditos, formar o chão do atterro parte do Herbst 15\$000

” 1/23Ditos de pedreiro, argamassar as paredes interiores do canal perto do Francke 10\$000

” 13Kienen e C<sup>ia</sup> atterro do canal perto do Herbst 31 br. cub. á 5\$ 155\$000

9 br. corr. de estrada 9\$000

Destocar grandes cepos 6\$000 170\$000

### Estrada para o littoral

” 1/30Jornaes, plantar gramma nos estivados 90\$000

” 1/14D<sup>os</sup> de carpinteiro, exeção da ponte do rib. das Cannas 361\$000

Maio 1/30Jornaes, factura de 240 br. corr. de estrada inclz derrubar o matto perto do Poço Grande 126\$000

” 1/30Ditos, 65 br. corr. de estrada e 5 canaes debaixo do Gaspar e c<sup>a</sup> 100 br. corr. de estrada com 4 canaes perto dos Pinheiros 343\$200

” 1/30Ditos, picadas no ribeirão do Gaspar pela factura de caminhos 168\$000

” 2 Gratificação ao carpinteiro pelo transporte de ferramentos p.<sup>a</sup> a ponte do Poço Grande \$500

” 3/31 Siebert, transporte de vetiver, Cambu e cardamomo p.<sup>a</sup> o atterro da ponte do Poço Grande 3\$000

O mesmo, transporte dos instrumentos dos carpinteiros e dos trabalhadores da estrada p.<sup>a</sup> Leander 5\$000

” 8 O mesmo, transporte dos carrinhos de mão e instrumentos dos trabalhadores dos Pinheiros p.<sup>a</sup> cá 2\$000

” 18 Persch, Zimmermann & C.<sup>ia</sup>, atterro na ponte do Poço Grande 33¾ br. cub. á 4\$ 135\$000

Id. na ponte do rib. das Cannas 23¾ br. cub. 4\$ 95\$000

transporte de 3 carrinhos de mão \$640  
230\$640

” 20 Maass, derrubar, falquejar e transportar as madeiras p.<sup>a</sup> 4 canaes triangulares

1422 p.<sup>os</sup> corr. á 200rs 284\$400

621 ditos á 240rs 149\$040

433\$440

” 26 Cl. Harbs, erecção de 5 canaes triangulares

1642½ p.<sup>os</sup> corr. á 150rs 246\$375

Escavação de 10 br. cub. de terra á 4\$ 40\$000

1 ponte provisoria 5\$250

arranjar os pranchões e cobrir 2 canaes e as

pontes do Poço Grande e das Cannas 21\$000 312\$625

#### Estrada do Salto

” 14/20 Jornaes, concerto da estrada do Sametzky até o Salto 24\$000

#### Estrada do Garcia

” 23/30 Jornaes, concerto da estrada na povoação

## Burocracia & Governo

---

perto do ribeirão fresco	50\$250	
<u>Estrada do rio do Testo</u>		
” 6Hoffmann, gratificação annual p. <sup>a</sup> alimpadura do caminho lateral no seu lote	5\$000	
” 8Borger, alimpar c <sup>ca</sup> 80 br. corr. de caminho no lote da escola	1\$500	
” 20O mesmo, transporte de 2 carrinhos de mão	1\$000	
” 22Westphal, 2 boeiros perto do Friedrichsen e Severin		
8 pranchões de arririba 21p. 12” 3”	12\$000	
Jornaes e transporte dos mesmos	14\$000	26\$000
Maio 27Hafenstein, Volkmann & C <sup>ia</sup> aplainamento da estrada em Badenfurt 20 br. cub. de terra á 6\$	120\$000	
” ”Wulferstieg & C <sup>ia</sup> atterro da ponte perto do Philipps		
22½ br. cub. á 5\$	112\$500	
1 sebe p. <sup>a</sup> assegurar o atterro	4\$500	
1 valla desaguadeira	1\$000	118\$000
” 31Koch, Peters & C <sup>ia</sup> roçar 1100 br. corr. de caminho no alto Testo e remover páos á 40r	44\$000	
2 atterros, 12¼ br. cub. á 4\$	49\$000	93\$000

### Caminhos Diversos

” 1/4Jornaes, factura de canal perto do Holtgebaum no valle do ribeirão fresco	14\$000	
” 9/24Ditos, accabamento do canal perto do Rodel no mesmo valle	30\$500	
” 2Wegener, remover 1 grande figueira do caminho do Passo do rio na Toupava-Norte	3\$000	
” 6Sasse os mais moradores na Toupava, soccorro p. <sup>a</sup> C <sup>ca</sup> de 1200 br. corr. de novo caminho na Toupava	100\$000	

” 8B. Bugmann, 5 br. corr. de estrada no valle fresco á 1600 8\$000  
5 ditas á 840rs 4\$200 12\$200

” ”Kostezzer 6½ ditas idem á 1200rs 7\$800  
jornal, roçar e alimpar o barranco \$500 8\$300

” ”Boddenberg, Metzger, aplainar c<sup>ca</sup> 10 br. corr de estrada no mesmo lugar = 14 br. cub. á 2\$ 28\$000

” 13Zibarth & C<sup>ia</sup> atterro no mesmo lugar do Sibert 8¼ br. cub. á 4\$ 33\$000

” ”Böttner Pfiffer 5 br. corr de estrada á 1500 rs 7\$500  
8 ditas á 800 rs  
6\$400 13\$900

” 15 Theilacker, 300 palmos de madeiras p.<sup>a</sup> o canal perto do Schulze e concerto d’huma parte do caminho 12\$040

” 20 Zibarth, pinguela sobre o ribeirão do Jordão 4\$000

” ” Holler, talho na estrada do valle fresco, 10 br. c. á 3½\$  
35\$000

Atterro da ponte do ribeirão fresco

” 13 Gräser & C<sup>ia</sup> 19 br. cub. á 4½\$, 12 ditas á 5\$ 145\$500

Casa d’escola para o sexo feminino

” 1/30 Jornaes de pedreiro argamassar as paredes exteriores e interiores 105\$700

Casas de hospedagem

” 1/3 Jornaes de pedreiro, concerto dos tectos das casas 4\$000

” 3 Sallentien e Haindchen, jornaes e materiaes p.<sup>a</sup> pilares de tijolos na casa de hospedagem na barra d’ Itajahy e concerto do tecto94\$500

Morada do Pastor

## Burocracia & Governo

---

Maio	14/20	Jornaes de pedreiro, concerto do alpendre	Rs. 10\$500
"	"	Ditos de carpinteiro	28\$000
		<u>Despezas Extraordinarias</u>	
"	1/14	Jornaes, alargar o cimenterio (sic) na povoação	12\$850
"	14	Ditos alimpar o lote d'escola no alto Garcia	2\$000
"	1/30	Ditos, alimpar as plantações de cardamomo etc	26\$400
		Rs:	4:964\$400

Colonia Blumenau, 24 de Junho de 1865.

O Director interino

H. Wendeburg

607

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr.

Tenho a honra de rogar á V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> dignese de ordenar a Thesouraria o pagamento da 1.<sup>a</sup> quarta parte da quantia consignada para a Colonia Blumenau pelo anno financeiro de 1865-66 para poder satisfazer as despezas da dita Colonia nos mezes de Julho, Agosto e Setembro a.c.

Deos Guarde à V.<sup>a</sup> Ex.<sup>ca</sup>

Desterro 3 de Julho de 1865.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr.

Fr.<sup>co</sup> Jozé d' Oliveira

D.<sup>mo</sup> Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director int.<sup>o</sup>

H. Wendeburg

608

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr.

Tenho a honra d'accusar recebido os officios de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> de 1.<sup>o</sup> e 16 de Junho p.p. com as contas dos colonos Frederico Larssen e Frederico

Morgenroth. Tendo chegado os mesmos colonos para esta Colonia sem meios alguns e em estado muito indigente, por ora não he possivel arrecadar d'elles as quantias que devem á Fazenda nacional e será preciso esperar até terem elles algum ganho dos seus respectivos lotes, os quaes servirão entretanto como a única e melhor garantia. Quanto á ordem de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> de não consentir nem facilitar a mudança de colonos, obedecerei devidamente, ousou pois rogar respeitosamente que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> digne-se mandar impedir a viagem de taes colonos para cá na mesma capital, porque huma vez entrados aqui he impossivel fazer regressa-los, visto que estão sem dinheiro e quaesquer recursos e em huma posição muito deploravel, assim que estou necessitado á dar lhes algum trabalho para que possam ganhar a sua vida e das suas familias até as ordens ulteriores de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>

Observo n'esta occasião que colonos vindos de outras colonias mesmo com a permissão respectiva, aqui não recebem subsidios alguns.

Deos Guarde á V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> - Colonia Blumenau 1 de Agosto de 1865.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr.

Francisco Jozé de Oliveira

D.<sup>mo</sup> Vice Presidente da Provincia

etc.            etc.            etc.

O Director interino

H. Wendeburg

# História de vida: América Schroeder

Entrevista

O presente depoimento é dos mais ricos no que diz respeito à história dos costumes na região do Vale do Itajaí. América Schroeder, do lado paterno descende de uma das primeiras famílias de ascendência alemã de Santa Catarina e que, inicialmente instalada em São Pedro de Alcântara, posteriormente fez parte do grupo que desceu para o litoral e se instalou às margens do rio Itajaí; de parte de mãe vem do Arraial dos Cunha, propriedade de uma das famílias brasileiras mais antigas nas proximidades da foz do rio Itajaí, cujo porto servia de escoadouro aos produtos das fazendas do litoral, forma tradicional de riqueza na região e que acompanhava o padrão da exploração econômica da costa brasileira. Já este cruzamento das famílias alemãs com as brasileiras locais é interessante para revelar o convívio, repensar preconceitos e acompanhar o fenômeno do hibridismo entre os hábitos dos imigrantes europeus do séc. XIX com aqueles da população que há mais tempo vivia no lugar. Aí entram em cena a economia local exemplificada nas atividades que fizeram a riqueza regional, no caso em foco, a partir da compra e venda do gado vindo de Lages articulando os negócios da serra com os do Vale; a forma de viver – as casas de moradia como reino particular



da mulher, a educação em escola pública de qualidade, os tabus, a maneira de se divertir, a moda, o parentesco, as expectativas e a forma de viver a velhice da qual se faz exemplo a própria depoente. No mais, tendência que se mantém e cada vez mais se aprofunda na historiografia é de aproximar a história e a antropologia, a descrição dos costumes dentro dos contextos de época, servindo de fonte à identidade regional com a qual se enfrenta a padronização crescente do mundo globalizado e se cria consciência da riqueza do patrimônio cultural próprio. Finalmente, o tom informal e bem humorado da entrevista permite ao leitor conhecer a História sem a sisudez dos livros, porém, com a mesma garantia da consistência dos fatos dos quais, ao envolver-se no prazer da leitura, ele se faz participante.

### LEGENDA E DADOS PESSOAIS

Entrevistada: América Haendchen Schroeder (AS)

Data de nascimento: 16 de abril de 1915

Local de nascimento: Brusque

Local da entrevista: Balneário Camboriú, Hotel Villa do Mar – Avenida Atlântica

Data da entrevista: 19 de agosto de 2001.

Entrevistadora: Maria Luiza Renaux (ML)

*ML: Dona América, qual a sua data de nascimento?*

AS: 16 de abril de 1915, às 3 horas da tarde.

*ML: Para efeitos de horóscopo, isto é bom saber.*

AS: Meu signo é Áries.

*ML: Este é um signo forte, de mulheres autoritárias.*

AS: É um signo forte, de mulheres autoritárias que conseguem tudo o que querem...

*ML: Que maravilha! E o que a senhora conseguiu? O que a senhora queria que tivesse conseguido? Já tinha planos desde novinha ou foram aparecendo ao longo da vida?*

AS: Eu sempre tive planos e o que eu queria conseguia.

*ML: E a senhora se lembra do que queria quando era novinha? Se era só casar ou o que era?*

AS: Casar, claro. Mas, o meu casamento foi meio difícil porque ninguém na minha família queria deixar. Meus pais não queriam. Olha, sabe quem me ajudou muito? Foi meu primo Carlinhos, de Brusque - esse foi quem me ajudou muito. Isso foi assim. Nós veraneávamos em Cabeçudas. Lá eu ficava com a minha tia Alvina, a mãe do Carlinhos, do Carlos Cid Renaux. E, aquele que viria a ser meu marido e que se chamava Afonso Schroeder, também ia para Cabeçudas, para o Hotel Cabeçudas, do Sr. Zwoelffer.

*ML: Ah! Ele ia passar férias? Era uso o pessoal de Indaial também descer para a praia?*

AS: Não, não era uso, mas o Afonso, ele tinha muito, assim, de grã-fino. Então, naquele tempo ele tinha carro e tinha um cachorro que viajava com ele, de carro, sentado no paralama. Quer dizer, ele era grã-fino.

*ML: O cachorro ia para o hotel com ele, e o Zwoelffer deixava?*

AS: É, o Zwoelffer deixava e era muito amigo dele, que na época era bem novinho; e o Zwoelffer oferecia *Whisky* para o Carlinhos que também era amigo do Afonso, mas mesmo assim os meus pais não queriam o casamento.

*ML: E por que não?*

AS: Não queriam porque ele era muito levado.

*ML: O Afonso Schroeder era mais, assim, do tipo excêntrico?*

AS: Era levado, como se diz, era também muito bravo e era uma pessoa muito arrogante assim... Sabe, ninguém queria o casamento.

*ML: E a senhora se apaixonou por uma pessoa brava e arrogante?*

AS: Ele era uma pessoa arrogante e eu dominei o bravo e o arrogante! Nós vivemos 40 anos juntos otimamente bem, sem briga. Na minha casa nunca teve briga; nunca, nunca; nunca teve sequer uma discussão.

*ML: Mas, foi quando vocês se viram em Cabeçudas, quando ele se hospedava no hotel Zwoelffer que foi o começo do namoro?*

AS: Esse foi o começo, aí nós sempre nos encontrávamos lá; nos fins de semana a gente ia, ele vinha... Nós nos encontramos toda vida lá em Cabeçudas.

*ML: E, como é que uma moça podia namorar naquele tempo? Ela podia se encontrar sozinha com o namorado ou tinha que alguém ir junto, ou...*

AS: Não, não; no meu tempo tia Alvina estava sempre comigo e, quando ele vinha a Brusque a gente se encontrava na casa dela, ali frente ao edifício em que ficava a Loja Renaux. A tia Alvina morava ali.

*ML: Esta casa já tinha sido da minha avó; ela era filha do Cel. Guilherme Krieger que tinha casa comercial naquele edifício.*

AS: Quando o Afonso vinha a Brusque me encontrava com ele ali na tia Alvina. Ela deu muita mão para mim; ela era minha madrinha e me deu muita mão.

*ML: E, a senhora, quando conheceu o seu marido para casar, que idade tinha?*

AS: Eu já tinha 19 anos.

*ML: E ele?*

AS: Ele devia ter uns 24, 25.

*ML: Então, quanto à idade estavam combinando bem.*

AS: Na idade estávamos combinando bem, estávamos bem maduros.

## Entrevista

---

*ML: Ele era bonito, ou não?*

AS: Era bonito, era um homem muito bonito.

*ML: Alto?*

AS: Alto, loiro, bonito. Não era tão alto como o Germano, meu filho porque o Germano tem aquela altura sabe de quem? Da descendência dos Knihs.

*ML: É verdade, os Knihs de Brusque são altos.*

AS: Eu disse: "Germano, tu puxaste os Knihs". Porque eu não sou alta e o Afonso era, mas um alto normal, e o Germano tem 1,90 m de altura".

*ML: E, como era o namoro, era só se encontrar, no máximo se abraçar ou, quando é que se deram o primeiro beijo?*

AS: Eu nem me lembro, se dava também, mas, eu acho que era tão natural como hoje; tudo a mesma coisa.

*ML: Mas teve noivado, esse tipo de ritual também?*

AS: Teve. Teve noivado, teve casamento, teve tudo.

*ML: E, escuta, naquele tempo as moças casavam virgens, ou não?*

AS: Nem todas.

*ML: Isso sempre é assim.*

AS: É, nem todas. Mas, o meu marido, eu acho que não toleraria se eu não tivesse sido virgem; eu acho que ele não me perdoaria nunca.

*ML: No meu tempo - nos anos 60 - isso ainda era assim.*

AS: É, era assim; infelizmente os homens são assim.

*ML: E vocês quando casaram, era hábito fazer lua-de-mel?*

AS: Era, era hábito, mas nós não fizemos.

*ML: Já foram direto para a sua casa?*

AS: Direto para a nossa casa em Indaial. O meu sogro tinha muitas casas, então ele montou a nossa e nós fomos direto morar na nossa casa.

*ML: Ah... foram para casa própria já?*

AS: Para casa própria.

*ML: E aí já logo teve alguém para ajudar, quero dizer, uma empregada ou como foi?*

AS: Logo tive ajuda e eu sempre tive boas empregadas.

*ML: E, Dona América, por exemplo, o Afonso Schroeder era filho de quem?*

AS: Do Germano Schroeder, de Indaial.

*ML: E a mãe dele, de que família era?*

AS: A mãe dele era uma Koprowsky, de origem polonesa; Anna Koprowsky; os avós vieram da Polônia, ele chamava-se Franz Koprowsky.

*ML: E o seu marido, os pais dele, que atividade tinham em Indaial?*

AS: O pai, a atividade dele era de mercador de gado – ele distribuía gado para todo o Vale do Itajaí. Então, a cada quinze dias vinha uma tropa de bois de Lages ou de Vacaria, andando pela estrada. Naquele tempo os bois vinham andando e, ali, na mesma casa que ainda existe hoje ali em Indaial, o gado era distribuído. Cada boi lindo!

*ML: Quer dizer, o gado vinha andando de Lages...*

AS: De Lages, a pé, sim, a pé e era distribuído no mesmo dia, cada açougueiro ia lá comprar a sua parte. Nós fornecíamos por tudo, para o açougue da Fábrica Renaux de Brusque também; é, sempre vinha gado para eles. Todos se abasteciam conosco, e quem comprava esses bois todos era o meu marido.

*ML: Ah, bom! Ele ia até Lages?*

## Entrevista

---

AS: Até Lages e, lá nas fazendas ele comprava. Então, tudo era muito bem organizado. A cada quinze dias vinha uma tropa de 300 bois.

ML: Nossa, 300 bois!



Casa de Germano Schroeder (sobre o cavalo) vendo-se seu filho Afonso de gravata preta em sinal de luto pela morte da mãe – Ana K. Schroeder – separando gado para os açougueiros. Indaial 1948.

AS: 300 bois, tudo andando; era a coisa mais linda!

ML: *E vocês certamente tinham pasto para acomodar esses bois até a venda, não?*

AS: Nós tínhamos pastos, o que ainda hoje é meu em Indaial. Quando o gado chegava, ali tinha pasto, balança, a mangueira, tinha tudo. Mas, o gado, quando chegava, era distribuído no mesmo dia; era uma coisa interessante, muito interessante.

ML: *Ah! Eu acredito. Às vezes, em Rio do Sul, na casa da minha avó, a gente*

*via o gado passando com os tropeiros. Era uma maravilha!*

AS: Era a coisa mais linda.

ML: *E, Da. América, então o Germano Schroeder, seu sogro, já era um homem bem abastado, já era muito rico?*

AS: É, bem abastado; meu sogro era muito rico e meu marido também era muito rico.

ML: *Ele era filho único?*

AS: Não, não era não; seu pai chamava-se Germano, ou melhor: Hermann Johannes Schroeder - esse era o nome dele. Ele tinha como irmão Carlos Schroeder que tem o filho Curt Schroeder, de Rio do Sul. Conheceste certamente, não?

ML: *Sim, minha mãe refere-se a todos.*

AS: A Fanny Schroeder era minha cunhada, amiga da tua mãe.

ML: *Da minha mãe, sim. E a Agnes também? Eu ainda conheci a Fanny (Cunha) e a Agnes Schroeder (Hoeschl) e seus filhos que veraneavam em Cabeçudas.*

AS: Elas e tua mãe estudaram juntas no Colégio Sagrada Família, em Blumenau.

ML: *Quer dizer que elas eram irmãs do Afonso Schroeder ?*

AS: Irmãs do Afonso Schroeder: a Fanny, a Agnes, o Vitor que é dentista, o João Schroeder e o meu marido - eram ao todo cinco filhos.

ML: *Muito bem, mas quem ficou com a distribuição de gado foi o seu marido, o Afonso.*

AS: Foi o Afonso, meu marido, que era o filho mais velho. Quando o meu sogro faleceu, ele continuou, entende? Era uma coisa muito linda quando vinham aquelas tropas de bois; meu Deus, que coisa linda!

## Entrevista

---

*ML: Quando a senhora se casou, a senhora participava dos negócios do seu marido, estava “por dentro” como se diz hoje?*

AS: Estava por dentro de tudo, e ele fazia questão que eu soubesse de tudo.

*ML: Como assim? Explique um pouco.*

AS: Ele me explicava tudo, tudo o que era feito: eu sabia onde ele comprava o gado, sabia quando mandavam o dinheiro e tudo o mais.

LA: Era tudo conversado.<sup>1</sup>

AS: Tudo conversado; na nossa casa era aberto. Assunto de negócio - quando era bom, quando não era bom - era tudo falado, era um livro aberto.

*ML: Mas, a senhora chegava a ver a contabilidade?*

AS: Tudo, tudo. Sabia onde ele guardava o dinheiro, porque, naquele tempo só tinha o banco INCO. Então, eu me lembro que era tanto dinheiro que empurravam ...

LA: Eles pagavam a tropa, não é?

*ML: E, pessoalmente como tratavam do assunto, por exemplo, de quanto dos ganhos eram devidos à esposa?*

AS: Quando me casei, eu logo disse para meu marido: Quando eu pedir dinheiro, nunca me pergunte para quê.

*ML: E ele logo aceitou?*

AS: Claro, me dava dinheiro que só! Dava porque tinha.

*ML: Mas, vocês tinham, por exemplo, estabelecido o tanto que ele devia dar, ou a senhora pedia a cada vez?*

AS: Não, não. Eu sempre fui muito gastadeira. Ela não, a minha filha, a Lourdes, tu não fazes idéia como ela é econômica, ainda hoje em dia.

---

<sup>1</sup> As iniciais **LA** que vez por outra aparecem na entrevista referem-se a **LOURDES AMMANN**, filha da entrevistada e de Afonso Schroeder cujos comentários se acrescentarão aos da mãe.

Eu sou gastadeira! Agora, a Lourdes, ela mede o que compra, e cuida do dinheiro...

*ML: Mas, de onde ela tem essa idéia de fazer economia? Era mais do pai ou como surgiu?*

AS: Não sei, não sei como ela é tão econômica.

*ML: E a senhora gastava com o quê?*

AS: Eu sempre fui muito gastadeira: tudo que eu via, comprava.

*ML: Para si...*

AS: Para mim, para a casa, para tudo.

LA: Ainda hoje.

*ML: E agora fale de seus pais.*

AS: O meu pai era João Jacob Haendchen e a minha mãe era Leonor Cunha, da família Cunha, do Arraial dos Cunha.

*ML: Ah! Eu sei onde fica. A gente sempre passava em frente quando se ia passar férias em Cabeçadas e a casa ficava - e ainda fica - no caminho para Itajaí, no Km "12", como é chamado.*

AS: Antes de Itajaí, aquela fazenda bonita, dessa família descendia a minha mãe.

*ML: E os Cunha tinham muitas propriedades de terra, não é?*

AS: Muitas propriedades, família muito tradicional, todos eram maçons, eles eram maçons.

*ML: Itajaí era forte na maçonaria.*

AS: A maçonaria teve grande apoio do Gabriel Cunha, meu tio; foi o que fez a maçonaria em Itajaí - o sogro da Fanny, minha cunhada.

*ML: E, Dona América, o seu pai tinha que atividade em Brusque?*

AS: Olha, meu pai em Brusque trabalhou na firma Renaux, ali na Loja Renaux. Porque ele trabalhou, logo que casou, com engenho de serra comércio. Fez de tudo, mas o meu pai era uma pessoa que não dava para negócios.

LA: Ele não tinha “tino comercial”.

AS: Não tinha tino comercial. Ele não dava para negócios. Depois, quando nós já éramos moças, ele trabalhou na firma Schroeder, quer dizer, na firma Renaux, mas, naquele tempo, tu sabes, as moças não trabalhavam, não é?

*ML: Sobre isso é que eu quero ouvir.*

AS: Não, a gente não trabalhava. Só a Anita, a minha irmã mais velha era professora, mas eu nunca trabalhei fora.

*ML: Aí é que eu quero perguntar: Onde a senhora foi na escola?*

AS: Eu fui na escola em Brusque, ali no Grupo Escolar Feliciano Pires.

*ML: Meu pai também estudou lá.*

AS: Eu estudei ali no Feliciano Pires até o quarto ano; do quarto ano em diante fui para a Escola Complementar. Naquele tempo a Escola Normal ficava em Florianópolis e não tinha condições de a nossa mãe nos mandar para lá. Então, nenhuma de nós foi normalista. Eram muito poucas as moças da nossa família que estudaram em Florianópolis - que eu me lembre foi só a Ilna Neves. Naquele tempo a Ilna, que era mais nova do que eu, foi para Florianópolis.

*ML: Mas ela é Haendchen também?*

AS: A Ilna é filha da tia Gertrudes. A Ilna estudou e depois casou em Florianópolis.

*ML: E o Ensino Complementar era em Brusque mesmo?*



Batizado de Maria de Lourdes Schroeder Ammann no colo da avó, Anna Koprowsky Schroeder, tendo ao lado sentada, a avó materna, Leonor Cunha Haendchen. Na fileira de trás, à esquerda, os padrinhos João Schroeder e Natália Haendchen, ladeados pelos pais da criança, América H. e Afonso Schroeder. Indaial 1937.

## Entrevista

---

AS: Era em Brusque e era ótimo, era como o Normal. Tinha línguas, tinha tudo, tinha latim, tinha francês, tinha tudo.

*ML: Ah! Então vocês tiveram na escola uma formação bem firme, boa.*

AS: Muito boa; formação boa foi a nossa. Nossa mãe nos educou muito bem; esse negócio de etiqueta, tudo, tudo; ela sabia tudo, ela que nos ensinou tudo.

*ML: Ah é? Mas precisava de muita etiqueta na Brusque antiga?*

AS: Precisava; precisava sim; pelo menos nós tínhamos, porque nós éramos moças bonitas, que chamavam a atenção.

LA: Eu acho que se tinha mais etiqueta do que hoje em dia.

*ML: Dona América, de onde será que a sua mãe tinha toda essa etiqueta?*

AS: Ora, era da família Cunha, que era gente muito fina.

*ML: Eles viajavam até o Rio de Janeiro, por exemplo?*

AS: A roupa dos Cunha vinha do Rio de Janeiro: chapéus, roupa, tudo. Eles traziam tudo do Rio de Janeiro, da rua do Ouvidor de onde vinha em caixas. E moravam ali no Arraial dos Cunha.

*ML: Eu sei, naquela casa bonita. Mas, que tipo de etiqueta, de como sentar corretamente à mesa, e o que mais uma moça tinha que aprender?*

AS: Tudo, tudo: como sentar à mesa... meu Deus, o que eu sei aprendi com a minha mãe; até sentar, como sentar: nós não podíamos, por exemplo, cruzar as pernas; nós tínhamos que sentar assim...

LA: Isso é do colégio de freiras.

AS: A minha mãe não permitia que nós sentássemos de pernas cruzadas; então, desde as mínimas coisas ela tinha muita etiqueta.

*ML: Mas a sua mãe... ela preparou a senhora para o casamento?*

AS: A nossa mãe nos preparou para a vida inteira quando nós éramos moças.

*ML: E o que ela dizia?*

AS: Ah, ela explicava a vida todinha para nós, bem assim como ela é.

*ML: Também se falava em sexo, erotismo?*

AS: Não, não; isso não; nisso não se tocava.

*ML: Mas, ela não preparou vocês a respeito de maternidade, do que é ter filhos...*

AS: Não, também não; nem se esperava isso da mãe.

*ML: Menstruação...*

AS: Menstruação, sim; filho, não. Tanto que, quando eu tive esta aqui, a Lourdes, sabes quem deu o primeiro banho? Foi o meu marido! Ele que dava banho, ele que cuidava dela.

*ML: E, voltando a sua casa paterna, sua mãe tinha alguma ajuda, vocês tinham empregada?*

AS: Nunca, nunca; nós não tivemos empregada. Isso porque, quando o meu pai casou com a minha mãe, ele já era viúvo.

*ML: Ah! Ele já era viúvo?*

AS: Ele tinha sido casado com a Maria Kormann, da família Kormann da Guabiruba, que tinha cervejaria e tudo mais. E ele, ao casar-se novamente, já tinha dois filhos, a Bertília e o Aluísio.

*ML: O Aluísio Haendchen é do primeiro casamento?*

AS: O Aluísio é do primeiro casamento. Então, foi assim: quando a minha mãe casou, o Aluísio foi morar com a tia Paulina Kormann, da Guabiruba que não tinha filhos e que queria muito que ele fosse morar com ela e lhe deu muito apoio, entende?

## Entrevista

---

*ML: Que ótimo! E, Dona América, quanto ao seu meio irmão, o Aluísio Haendchen, ele veio a ser médico em Brusque, não é?*

AS: Sim, ele estudou medicina

*ML: Isso o pai pagou, ele fez um investimento no estudo do filho?*

AS: Não, meu pai não fez investimento, meu pai nunca foi rico.

*ML: Mas, como é que o filho pôde estudar?*

AS: Ele estudou da seguinte maneira, já vou te dizer. Quando ele era moço, ele era alfaiate.

*ML: É, o Dr. Haendchen? Alfaiate?*

AS: Ele era alfaiate em Curitiba. Foi lá que ele disse para si mesmo: “Eu vou estudar medicina”. Então, ele tinha essa tia Paulina que era muito rica, muito rica, a tia Paulina Kormann casada com um Belli. Ela tinha só uma filha de criação e morava na Guabiruba. Eu conheci muito a tia Paulina; foi ela quem custeou o estudo do Aluísio. Depois, ele teve clínica em Brusque e todo mundo gostava dele. Mas, a Bertília ficou conosco. Ela se casou aos 16 anos. Essa minha meio irmã foi morar em Itajaí e teve 10 filhos. Ela era tão capaz, tão capaz com todo o ensino que havia recebido da minha mãe que chegou a formar todos os filhos. A Bertília não tem um filho que não seja formado. Ela morreu não faz muito tempo.

*ML: A senhora quer dizer, formado para o exercício de alguma profissão?*

AS: Para alguma profissão, mesmo ao nível de doutorado. Enfim, ela colocou todos os filhos na faculdade e isso ela conseguiu porque eles moravam em Itajaí numa fazenda que era da família deles e com a renda dessa fazenda os filhos puderam estudar.

*ML: As moças também estudaram?*

AS: Todos, as moças também, todas elas, todas estudaram. Tem uma professora

na Univali ainda, a Carmen Lúcia, minha afilhada, Carmen Lúcia Sedrez. Todas são formadas; ela formou todos os filhos. Essa minha meio irmã era fora de série. E, depois teve também a minha irmã Anita – a Anita, casada com o Adriano Schaefer, de Brusque. Ela nunca teve filhos e adotou uma menina, a Desirée, que herdou o talento das donas-de-casa da nossa família.

*ML: Mas, quanto a esse dom para ser boa dona-de-casa, a senhora disse anteriormente que na casa dos seus pais não havia empregadas para ajudar sua mãe?*

*AS: Não. Era assim: Cada uma de nós tinha uma semana na cozinha, a outra, no serviço da casa. Então, nós tínhamos que saber fazer tudo. Sabíamos fazer desde o pão, que era feito em casa, até.... E, como eu tinha a minha semana de ir para a cozinha alternada com a arrumação da casa, eu sabia fazer de tudo. Nós tínhamos apenas uma mulher que vinha lavar roupa e fazer limpeza, mas, além dela, mais ninguém.*

*ML: Que bem organizado o serviço de casa?*

*AS: Bem organizado. E, quando era dia de festa... porque antigamente não era assim como hoje que todo dia tem doce na mesa. Não! Havia doce só nas festas. Então, quem vinha fazer os doces lá em casa era a Alvina Polaca, a Alvina Walendowsky, a mãe dos Walendowsky; ela era viúva e ela então fazia doces nas casas.*

*ML: E que tipo de doces?*

*AS: Que tipo? Nós tínhamos uma dispensa com prateleiras em que eram colocados os doces que ela fazia, aqueles bolos secos, 6,7,8 bolos por vez. Ela fazia as cucas e botava na prateleira; fazia aqueles pães de trigo também. Eu me lembro tão bem, era tudo arrumadinho. Já o meu pai, ele fazia cerveja, daquela cerveja feita em casa.*

*ML: Honigbier? Cerveja de mel fermentado?*

*AS: Honigbier! Então, era um outro tipo de vida, quando nós éramos moças. Para tu veres quantos anos faz isso.*

## Entrevista

---

*ML: E a distração, o lazer, como era naquela época? Um assunto que eu quase ia esquecendo de perguntar, mas que é importante: As moças costumavam ler? Que tipo de literatura ...*

AS: Esse foi o tempo em que eu mais li na minha vida.

*ML: E leu o que, por exemplo?*

AS: Olha, um livro de que eu nunca me esqueci foi daquele autor... ele era de Trier, ele escrevia muito sobre aventura, mas eu gostava de ler tudo quanto é tipo de livro.

*ML: Esse ao qual a senhora se refere era de aventura?*

AS: Não, não era de aventura, era sobre a... Europa. Ele escreveu muitos livros, só que eu não me lembro mais quais.

*ML: Liam em alemão também?*

AS: Não, porque era traduzido.

*ML: A senhora falava alemão?*

AS: Não, não falava alemão, porque minha mãe não falava, mas aprendíamos na aula de alemão.

*ML: Em separado, quer dizer, particularmente ou no “Grupo Escolar Feliciano Pires”?*

AS: Em separado. Mas, sabe, essa aqui, a minha filha Lourdes, estava bem na aula de alemão quando veio a guerra.

*ML: E revistas na sua juventude. Lá em Brusque havia a “Fon Fon”, havia o “Jornal das Moças”?*

AS: O “Jornal das Moças”, a “Fon Fon”; me lembro desses nomes, mas, esse negócio de revistas começou mais tarde quando o Germano era pequenininho; antes, no teu tempo ainda não havia, não é, Lourdes?

LA: A gente comprava revistas, mas não lembro o nome.

*ML: Lourdes, e você também lia na juventude em alemão, português... ?*

LA: Eu não sei falar alemão, mas todo jovem lê, não é ?

*ML: Você se lembra de algum autor?*

LA: Cronin.

*ML: Ah! Cronin, A.J. Cronin.*

AS: A. J. Cronin.

AS: Ah! Na minha casa havia de tudo, inclusive todos os livros foram guardados, só que, quando me mudei de lá para outra casa menor, eu tive que me desfazer de tudo, dos tapetes, dos guarda-roupas de quatro, cinco portas - desses eu dei cinco. Já os livros, eu os coloquei todos dentro de um saco e dei tudo para a biblioteca: livro em francês, em inglês - eu dei todos. Eu cheguei a guardar todos os cadernos das crianças enquanto tinha lugar, depois deixou de ter tanto lugar assim.

LA: É, em uma mudança você se sente obrigada a se desfazer de muita coisa.

AS: É, mais ainda quando se é obrigada a mudar de uma casa com 24 compartimentos.

*ML: Mas, eu acho que o conceito de morar é outro: hoje a gente já não investe mais tanto em móveis.*

AS: Mas, jamais! Eu dei a minha sala de jantar toda trabalhada pelo Ruoff de Blumenau, sabe para quem? Para a minha neta que se casou em Lages; dei graças a Deus quando ela levou e ela ficou a mais feliz do mundo! Lá em Indaial eu ainda tinha duas salas de jantar na minha casa, mas, agora, tudo o que tem lá dentro eu dei para o Germano. Ele vai levar para a fazenda.

LA: Se eu começasse a vida agora, como eu ia ter pouca coisa. É pôr num antiquário e mandar vender, só que ninguém quer isso.

AS: Móveis como essa aqui, a Lourdes tem no quarto dela... cada peça!

LA: Todos querem simplicidade hoje. Meus filhos disseram: “Isso aqui já não se usa mais, a madeira desta cor, mãe! Manda clarear”. Mas eu disse: Não! Madeira é madeira, não quero saber de moda.

*ML: E, voltando a sua juventude, Dona América, que diversões mais havia naquele tempo?*

AS: Como lazer, como diversão havia também os bailes, as festas. Então, vamos supor que hoje de noite, sábado, havia baile: aí começávamos por agradar o nosso pai para ele nos deixar ir; depois, a gente botava a roupa que ia usar em cima da cama, tudo arrumadinho; às oito horas a gente ia para o baile ali no clube dos Atiradores, ou no clube Bandeirante. Nós éramos muito, como se diz... nós éramos bonitas quando moças.

*ML: Acredito, pois ainda hoje são.*

AS: Nós convidávamos os moços de fora, me lembro: eu convidava de Itajaí, convidava de Blumenau e nós ficávamos olhando a porta de entrada do salão para ver se de vez em quando entrava um dos nossos convidados.

*ML: E como é que convidavam se não tinham telefone?*

AS: Não existia telefone, mas nós mandávamos avisar por carta.

*ML: Por carta? E os pais sabiam disso?*

AS: Não, não sabiam, era segredo entre nós, entre mim e a minha irmã Anjita e não era difícil atender ao convite porque nós éramos bonitas e andávamos muito bem vestidas.

*ML: E quem costurava os vestidos?*

AS: A minha mãe costurava os vestidos.

*ML: Ela sabia costurar?*

AS: Ela sabia costurar: nós andávamos tão bem vestidas!

ML: *A sua mãe tinha tempo para tudo isso?*

AS: Ela tinha tempo para tudo isso.

ML: *E o tecido compravam onde?*

AS: Nós comprávamos tudo em Brusque: havia a Loja Renaux, tinha a Loja Buettner.

ML: *Havia coisa de tanta qualidade assim, é?*

AS: Coisa finíssima! Naquele tempo tinha uma seda bem fininha que era a coisa mais linda! Eu me lembro ainda dos vestidos, dos chapéus. Nós íamos à missa de chapéu e de luvas.

ML: *De onde vinham os chapéus?*

AS: Era uma mulher em Brusque que fazia.

ML: *Era uma Belli?*

AS: Uma Belli! Alice Belli.

ML: *É, Alice, eu sei, a Lieschen Belli, não era?*

AS: Ela fazia os chapéus. Era tudo feito em Brusque e usava-se muito chapéu de aba larga. E o lazer era esse: passeio de bicicleta. É que quase não havia carro; naquele tempo meu marido era solteiro e já tinha carro, mas os outros moços não tinham, só ele. Então, ali no Sr. Graupner tinha bicicletas e a gente alugava as bicicletas e ia fazer os passeios. A tia Alvina tinha a sua própria bicicleta e quando chegava o domingo nós íamos passear. Eu ainda tenho o retrato - nós tínhamos roupa para andar de bicicleta, chapeuzinho etc.



América Haendchen frente ao portão da residência de sua tia Alvina H. Renaux, preparada para o passeio de bicicleta dominical. Brusque 1935.

*ML: E usavam bombacha ou saia?*

AS: Não, bombacha não, era saia. Eu tenho a fotografia. E, deixa eu te contar: sabes quem era o meu namorado? O Arthur Tietzmann.

*ML: Ah! O Arthur Tietzmann? Irmão do Julinho?*

AS: Irmão do Júlio; esse era o meu namorado.

*ML: E por que não deu certo?*

AS: Porque quem namorava o Arthur também era a Sophie Appel. Nunca ouviste falar na Sophie? A do cabelo branco, mas ela era bem mais velha do que eu. A Sophie gostava do Arthur e não deu certo. Sabes por que? Eu sei, porque eles tinham casa aqui na frente da nossa, bem aqui...

*ML: Onde, em Camboriú?*

AS: Em Camboriú. E ele veio para cá e namorou uma moça que depois se tornou sua mulher. Como era o nome dela? Aquele casamento não deu certo, eles se separaram logo. Eles se separaram e o Arthur foi muito infeliz. Ele tinha sido meu namorado em Brusque, o Arthur, o Filinga...

*ML: Filinga Krieger? Filho do Guilherme Krieger Jr.*

AS: É, esse mesmo.

*ML: Então as moças naquele tempo eram bem namoradeiras!*

AS: Nós éramos todas namoradeiras; nós éramos bem namoradeiras. Era assim: a gente dançava aos domingos de tarde, lá nos Atiradores, lá em cima no Bandeirante.

*ML: E, que tipo de ritmo, que músicas se tocava...*

AS: Ah, as músicas eram... ainda hoje em dia tem essas músicas antigas. O carnaval de Brusque era muito bom.

*ML: Muito, sim. E tinha banda de Brusque mesmo, não é?*

## Entrevista

---

AS: É, a banda era fora de série, era do velho Mattioli.

ML: *E depois não tinha também o “Jazz Band Amerika”?*

AS: O “Jazz Amerika” dos Krieger. E tinha a banda que era do velho Mattioli.

ML: *Era com violino e tudo?*

AS: Com violino, não; com violino era a do Victor Gevaerd. Aliás, havia dois clubes de futebol em Brusque, o Paisandu e o Brusquense. Era uma rivalidade muito grande, tanto que, em solteiro a gente não usava a cor vermelha porque nós éramos Paisandu...

ML: *Então não se podia nem usar as cores do outro clube?*

AS: Não, não podia não. Tinha torcida organizada, minha filha; Era a coisa mais linda!

ML: *Sim, e o Paulo Renaux, marido da tua tia Alvina Haendchen era Paisandu!*

AS: Foi um dos fundadores do Paisandu; o tio Paulo. Eu acompanhei todo o desfecho do casamento dele e da tia Alvina, acompanhei tudo.

ML: *O divórcio foi terrível na época, não? Porque não era costume, não é?*

AS: Foi triste, e ele veio a casar-se depois com a gerente da Loja Renaux. Tio Paulo era quem dirigia a “Loja” que ficava bem em frente à casa dele. Foi terrível!

ML: *O outro irmão de Paulo Renaux era médico em Brusque, o Luís Renaux, não é?*

AS: O Luís Renaux, casado com uma moça do Rio de Janeiro. Ele depois mudou-se para o Rio de Janeiro; eles foram morar lá.

ML: *Por causa da mulher que não se acostumou em Brusque.*

AS: Ela não se acostumou em Brusque, é verdade e foi junto com ele um irmão, o Júlio, advogado casado com uma Navarro Lins.

*ML: Isso, a Esther.*

AS: A Esther – a gente gostava muito dela, ela era muito bonita, muito boazinha. Já o Luís, o médico – toda tarde ele e a mulher, os dois iam passear de carro; eles tinham um carro e naquele tempo, quem tinha carro, passeava! Eles iam passear toda tarde.

*ML: Marido e mulher – mas aonde é que eles iam passear tanto?*

AS: Iam passear na cidade.

LA: Naquele tempo, decerto só tinha uma rua.



Fotografia de Luis Renaux na direção do carro. Sentada atrás, de chapéu escuro, sua esposa, Dagmar Legey; esquerda sua filha Gilda. No centro, o filho do casal, Adalberto Renaux, à direita Christina Renaux de Gasgon. Passeio em dia de Corso na avenida central da cidade. Brusque, Década de 1930.

## Entrevista

---

AS: Naquele tempo eles iam passear na cidade. Isso eu me lembro tão bem, eu era mocinha, era bem mocinha. Brusque foi uma cidade muito boa – eu tenho saudades de Brusque e gosto de tudo o que é de Brusque. Ah! Eu fiquei com uma lembrança boa de lá.

*ML: E, falando em lembranças, o seu dia-a-dia, com o que a senhora se ocupava antigamente? E hoje em dia?*

AS: Olha, só em casa, como dona-de-casa e a gente passa tão bem só se ocupando assim, não é? Eu ainda me ocupo hoje – não faço nada de definido, mas estou sempre ocupada.

*ML: A senhora depois ficou viúva e aí como surgiu a idéia de cuidar desse hotel?*

AS: Bom, esse hotel aqui quem construiu foi o meu genro, marido da Lourdes.

*ML: Ah, a senhora não tem nada a haver com a idéia de construir um hotel?*

AS: Não, não, não; foi uma decisão do marido dela. Tanto que, quando ele morreu, nós duas nunca tínhamos pisado aqui para fazer alguma coisa. Só que, ele chegou a ser dono do hotel durante muito pouco tempo, só durante uns seis meses.

LA: Meu marido era o Curt Ammann.

*ML: Ele era de Brusque?*

AS: De Brusque.

LA: Filho da Maria Amélia Haendchen Ammann.

*ML: Quer dizer, Lourdes, você é duas vezes Haendchen, não é? Ou melhor, os seus filhos são duas vezes Haendchen.*

AS: O marido era primo dela.

LA: Era meu primo. Então, quando ele morreu, nós duas viemos cuidar disto aqui.

## Entrevista

---

AS: Eu sempre fiz - na minha casa em Indaial tinha vinte quatro compartimentos e eu tinha oito salas de visita.

*ML: Mas vocês recebiam tanta visita assim?*

AS: Eu recebia tanta que tu não podes fazer idéia.

*ML: E quem a senhora convidava?*

AS: Havia a nossa família, havia a do meu marido, tínhamos muitos amigos.

*ML: Quais eram as famílias? Só para a gente ter idéia da sociedade local.*

AS: Lá em Indaial? Nós fazíamos o Natal, por exemplo, mais para a nossa família, mas tínhamos amigos também.

LA: Havia as amigas do lanche, não é?

AS: As amigas do lanche, nós tínhamos lanche.

LA: Há muitas delas vivas ainda.

*ML: Diga o nome das pessoas do lanche.*

AS/LA: As do lanche? A mulher do Dr. Cavalcanti, a Santa - ele era promotor em Indaial; e outra senhora, a mulher de um médico era nossa ajudante e mais outras: era a Luísa, era a Margarida casada com o Dr. Bugmann; nós éramos em oito ao todo. Havia a Agnes também e a Inge...

*ML: E esse lanche era só de se encontrar e comer bolo, ou de bordar ...*

AS: Não, não; bordado não, mas comíamos bolo, a mesa mais linda do mundo nós fazíamos.

*ML: Diga um bolo típico que vocês ofereciam?*

AS: O bolo que nós mais oferecíamos e que eu mais gostava de fazer era de queijo.

*ML: E vocês estavam preparadas para assumir?*

LA: Preparadas para tudo.

AS: Para tudo, eu sabia tudo, apesar de nunca ter ido a um banco. Nunca tinha ido a um banco antes. Quando ele morreu foi que eu assinei o 1<sup>a</sup> cheque; antes nunca fora preciso.

*ML: Mas vocês duas entendiam pelo menos um pouco de matemática para fazer a contabilidade?*

AS: Ah, de matemática nós entendíamos, só que não bastava porque o que não tínhamos naquele tempo era dinheiro.

*ML: E, Dona América, a vida de uma mulher na sua idade, o que pode ter graça, o que é bom hoje?*

AS: Tudo é bom! Tudo na minha idade é bom.

*ML: Já que acabamos de festejar mais um Natal, por exemplo, nessa ocasião qual o prato da ceia em sua casa e na casa da sua filha, da Lourdes?*

AS: Eu queria que você visse o nosso Natal como nós ainda o festejamos hoje! É a coisa mais linda, basta eu te dizer que na minha casa eu coloco vinte e quatro árvores de Natal! Depois, eu e a Lourdes preparamos um jantar de Natal, não na noite de Natal, mas antes: marcamos a data para quando começa o advento.

*ML: Que mês maravilhoso! E sobre as vinte e quatro árvores?*

AS: Vinte e quatro árvores de todos os tamanhos, todos diferentes. Então é assim: tomamos um aperitivo, depois fazemos o “amigo secreto” e são abertos os presentes; quando tudo isso termina, lá pelas 10:30, 11:00 horas, fica tudo bagunçado e então nós começamos o jantar no meu apartamento.

LA: Faz muitos anos é sempre na casa dela. Depois que eu fiquei viúva, eu não fiz mais nem pinheiro.

LA: E aquele bolo de coco também era maravilhoso!

AS: Eu tive uma empregada durante trinta e seis anos; eles hoje ainda falam - o assunto predileto é falar nela, na comida que ela fazia.

*ML: Era de família alemã?*

AS: Era de família polonesa. Ela morava na Estrada das Areias, quer dizer, ela ainda mora lá e está tão bem de vida - ela tem casa própria, ela tem tudo do melhor! Quando os pais dela morreram, ela assumiu a fábrica deles. Mas, antes eu tive uma que ficou durante dezesseis anos na minha casa para depois acompanhar a Lourdes quando esta e o marido se mudaram para Campinas onde meu genro foi trabalhar no laboratório de uma firma multinacional. Foi quando entrou essa que ficou trinta e seis anos comigo. Mas, quando o pai e a mãe dela morreram, ela não podia mais ficar comigo, e eu sem ela, não pude mais ficar em Indaial; foi quando eu mudei para Camboriú.

*ML: E na casa da Lourdes também era costume fazer lanche com as amigas?*

LA: Não; eu tenho lanche aqui agora. Antes, quando eu morava em Florianópolis, lá eu também tive o meu lanche.

*ML: De bordar também ou só de encontro?*

LA: Não, de conversar.

AS: Aqui é de bordar; elas são todas luteranas.

LA: Depois que nós entramos, dissemos: vamos conversar, chega de bordar.

AS: Somos em doze, e será agora na quarta-feira na minha casa. Estás convidada, se quiseres tomar um café...

*ML: Que convite simpático!*

AS: Se quiseres vir, há muitas pessoas simpáticas, as donas do “Hotel Camboriú Palace”, do “Hotel Blumenau ”... essas são nossas amigas .

## Entrevista

---

*ML: São novas amigas, não é?*

LA: Não, muitas são de Rio do Sul.

*ML: Ah! Muitas são de Rio do Sul?*

AS: Sim, quase todas.

*ML: Que tal então uns sobrenomes?*

AS/LA: A Leoni Bühl, a Ilse Bühl, a Siegrid Gevaerd, a Carmen Peters.

*ML: A Siegrid Gevaerd casada com o Celso Gevaerd, de Brusque. Ela de casa não era Odebrecht?*

AS: Odebrecht, sim.

AS/LA: A Débora Carrer (?). Ela tem 78 relógios na casa, todos trabalhando, quando um começa a tocar, tocam todos ...

*ML: Agradeço às entrevistadas pela contribuição ímpar de ter dado a conhecer todo um capítulo - e em diferentes épocas - da História do Vale do Itajaí - onde muitos se reconhecerão pelas lembranças em comum, reforçando nossa identidade sui generis dentro das múltiplas facetas da cultura nacional. A entrevista será guardada no CENTRO DE MEMÓRIA ORAL E PESQUISA - CEMOP, da FURB, coordenado pela entrevistadora e pela profa. Sueli Petry, ambas professoras do curso de História dessa universidade, devendo servir à consulta das gerações presentes e futuras interessadas nas raízes do Vale do Itajaí.*

# Encontro com a infância

*Urda Alice Klueger<sup>1</sup>*

Crônicas do  
Cotidiano

Faz dois dias que me encontrei com a minha Infância no Bairro Itoupava Seca, perto da Eletro-Aço, e eu ia em pé na garupa da bicicleta do meu pai! Como numa voragem, o coração me carregou no Tempo e retrocedeu até a época em que quem vivera aquilo fora eu, e embora quem fosse em pé na garupa da bicicleta de um pai de uns trinta e poucos anos fosse um garoto de uns dez, espadaúdo para a idade, bem alimentado e com o cabelo loiro espetado à escovinha, de repente era eu quem estava ali, e era mesmo meu pai, que também teria, na época, uns trinta e tantos anos.

Então, de repente, era como estar dentro de um filme real, a infância me cercando em girândolas, e eu, menina já de escola andando em pé no bagageiro da bicicleta do meu pai, segurando nele com toda aquela total confiança que crianças pequenas tem nos pais, os pés metidos em calçados “Sete Vidas”, os vestidinhos coloridos que minha mãe



<sup>1</sup> Escritora e Historiadora. Membro da Academia Catarinense de Letras. Blumenau, 22 de julho de 2006.

costurava voando ao vento, o cabelo curto cortado pelo barbeiro Schoenfelder, pois ninguém confiava que criança assim arteira como eu conseguisse manter em ordem cabelos compridos, e como eu queria ter as longas tranças da minha prima Lori Passold!

Andar em pé no bagageiro da bicicleta do meu pai era o meu orgulho, a minha marca, já que nenhuma outra criança andava assim! Ficava cheia de pose, arriscando passos de trapézio, sem o menor medo de cair. Aquele bagageiro de bicicleta era como se fosse um palco onde eu podia viver todas as fantasias, e respirando profundamente eu as vivia na imaginação, e penso que, naquela Blumenau da década de 1960, com seus 60.000 habitantes e suas ruas sem calçamento, não havia quem não prestasse atenção naquela menina corajosa que não temia andar em pé no bagageiro da bicicleta do seu pai!

Mais cedo ou mais tarde, naqueles tempos, alguém sempre acabava dizendo, quando me conhecia comportadamente ao lado da minha mãe, vindo da missa: “Ah! Mas esta é aquela menina que anda em pé na bicicleta!” – e eu fazia de conta que não, mas inchava de orgulho, por estar sendo reconhecida pela minha marca pessoal e por ter tanta coragem!

E então, nas segundas-feiras, que era o dia de folga do meu pai, andávamos por aí tudo, desde a buscar tangerinas no Garcia Alto até a ir comer algum maravilhoso doce com nata batida na Confeitaria Söcher, na cidade (ah! Até hoje chamamos o centro de Blumenau de cidade, como o fazíamos no passado, fazendo com que os novos moradores achem engraçado!), e para ir-se à cidade, era necessário calçar-se os sapatos brancos de Nugget e as meiazinhas coloridas, deixar de lado os “Sete vidas”! Nossa Rua XV já era calçada de paralelepípedos (guardei um lá em casa, quando fizeram o novo calçamento), e por aquela pista tão moderna meu pai disparava de bicicleta e o vento zunia nos meus ouvidos, enquanto, de pé, me apoiava com toda a confiança nos ombros dele!

Então, faz dois dias, encontrei-me com a minha infância na rua de asfalto lá perto da Eletro Aço! Aquele menino e o pai dele eram como eu e o meu pai, e apressei o carro, no movimento congestionado, para ver direito como era aquele pai, pois talvez fosse o meu! O menino eu via bem, e é claro que devíamos ter coisas em comum, e assim pelas costas aquele pai tinha a vitalidade e a idade que o meu teria quando eu era criança – mas o trânsito não me deixou emparelhar com aquela bicicleta que, em conluio com o Tempo, fizera com que eu fosse como que abduzida para o Passado! Acabei por ter que me contentar em me manter em harmonia com o fluxo de automóveis e ver a bicicleta com a minha infância disparar lá para a frente, quando a sinaleira fechou. Não consegui ver o rosto daquele ciclista que talvez fosse o meu pai!

Ficou a força das lembranças, no entanto, e toda a torrente de emoções que veio com elas! Como os canais de comunicação com o Tempo e o Espaço ficam livres e cheios de sensibilidade quando a gente é feliz!

✍

# Mestres da crítica catarinense

Enéas Athanázio<sup>1</sup>

Autores  
Catarinenses

Em minha biblioteca de Piçarras costumo encontrar raridades que me surpreendem. Como diria Quintana, aquilo é um baú de espantos! Na visita de ontem, correndo os olhos por aquelas estantes, deparei com dois livros já antigos de dois dos maiores mestres da crítica catarinense, ambos com carinhosas dedicatórias de seus autores, datadas de 1975 e 1988. Como esses autores andam esquecidos, ocorreu-me relembrar essas obras em homenagem a quem tanto deu de si às nossas letras.

O mais antigo é “Sondagens Literárias”, de Altino Flores (Edeme – Florianópolis – 1973), com a dedicatória traçada em letra bonita e firme, reveladora da higidez de seu autor. Nesse volume ele reuniu dez ensaios, alguns longos e outros breves, abordando obras de autores catarinenses, como Gama Rosa, Delminda Silveira, Elisiário Quintanilha, Almeida Coelho, Juvêncio Martins Costa e outros, dedicando os mais longos a dois “novos”, cujas obras acabavam de ser lançadas: Almiro



<sup>1</sup> Escritor e Advogado.

Caldeira e seu romance “Rocamaranha”, e Osvaldo Ferreira de Melo (filho) e sua “Introdução à História da Literatura Catarinense.” Aborda ainda outros temas, todos ligados ao nosso mundo literário, denunciando a preocupação permanente com as coisas que aqui aconteciam.

Todos os ensaios são absorventes, escritos em linguagem de mestre e realizam verdadeiras sondagens das obras analisadas, como bem expressa o título do livro. Em pouco mais de oitenta páginas ele revela ao leitor os pontos altos e baixos daquelas obras, suas qualidades e seus defeitos, as contribuições que trazem, mantendo sempre elevado nível de consideração pelo trabalho intelectual alheio.

Crítico severo e justo, com ele a amizade, o apadrinhamento e o tráfico de influência não funcionavam. Colocava-se como julgador isento e imparcial, como, aliás, deve ser a verdadeira crítica literária. Como ele próprio dizia, “sempre nos pareceu mais decente e construtivo pôr em público a nossa opinião acerca de uma obra literária, do que depreciá-la, à puridade, no decurso de eventuais palestras, muito embora esse menoscabar quase nunca se origine de prevenção pessoal contra o autor, ou vise à gratuita demolição de seu trabalho” (p. 7). É verdade que tal atitude, nem sempre bem entendida, provocou antipatias e até incidentes inacreditáveis, como o desafio para um duelo a espada – como relatou Iaponan Soares. Mesmo com os eventuais reparos, a crítica de Altino Flores engrandecia a obra analisada e contribuía para sua compreensão e divulgação. Obra literária sem fortuna crítica é obra morta; são faces da mesma moeda.

O livro foi patrocinado pela UDESC, na época em que foi seu reitor o escritor e também crítico Celestino Sachet, constituindo-se em mais um dos serviços por ele prestado às nossas letras.

Conheci Altino Flores apenas de vista, nos meus tempos de acadêmico, em Florianópolis, mas nunca tive ocasião de falar com ele, fato que deveras lamento. Naquela época eu só me interessava pela literatura como simples leitor, nem sequer imaginando que um dia gastaria meu tempo envolvido em atividades literárias. Mais tarde ele revelaria apreço pelo meu

trabalho e fazia diversas demonstrações de simpatia. Quando este livro foi lançado eu o comentei na imprensa.

O segundo livro é “No Tempo da Calça Curta”, memórias e confissões de Nereu Corrêa (Lunardelli – Florianópolis – 1988). Aqui a dedicatória está tremida e insegura, feita por mão enfraquecida. Outro ás de nossa interpretação crítica, foi um homem comedido e modesto, que não gostava de elogios e os recusava sempre, dizendo não ser merecedor. E no entanto, foi dos poucos escritores conterrâneos conhecido de fato em todo o país, homenageado pela Academia Brasileira e por todos aclamado como crítico sério e competente. Autodidata, adquiriu notável cultura e amalhou indiscutível arsenal de conhecimento literário.

Nascido em Tubarão, filho de sitiantes, estudou com dificuldade e conquistou seus postos à custa de esforço e trabalho. Lecionou por longos anos, ocupou cargos de destaque e encerrou a vida pública como ministro do Tribunal de Contas do Estado. Estive com ele diversas vezes, em longas palestras, a última delas pouco antes de seu falecimento. Muito doente, não havia perdido a lucidez e o humor, contando-me fatos de sua vida, quase sempre aqueles mais antigos, distanciados no tempo. Tinha planos de realizar ensaios sobre Cassiano Ricardo e Humberto Campos, dois de seus autores favoritos. Creio que não teve tempo; nem sei se chegou a dar início. Trocamos muitas cartas e ele escreveu na imprensa sobre meus contos em artigo abrangente e justo que foi publicado em diversos lugares.

Para Nereu, “o crítico é aquele **leitor** diferenciado que, além de se empenhar na função descritivo/interpretativa de sua leitura reflexiva, assume-a como **mediadora** entre a obra e o leitor, e procura ser **comunicativa**, isto é, procura dizer algo essencial sobre o texto a fim de atrair o possível leitor que, por sua vez, a descobrirá a seu modo” (p. 10). Como se vê, uma concepção didática dos objetivos da crítica, pondo à mostra o professor que sempre foi.

Neste livro de raro conteúdo humano, ele relembra passagens, lugares e figuras que pontilharam sua existência, quando atingiu a casa dos

setenta anos, “a idade das evocações, em que o homem vive mais do passado que do presente” (p. 17). E assim, naquela beleza de estilo puro e límpido que caracterizava sua escrita, vai desfiando as lembranças a respeito das imagens da terra natal, aquele visgo de que ninguém jamais se liberta, tipos curiosos que a habitavam, o cinema mudo, o futebol, o primeiro avião, o carnaval, dramas e comédias, circos, brinquedos, viagens em rangentes carros de boi, os engenhos, as descobertas da infância e da juventude, a primeira namorada, as pessoas da família e mil outros assuntos, não faltando os verdadeiros “porres” de leituras que costumava tomar. È admirável a sinceridade e a liberdade com que homem de aparência tão séria e austera se desveste em público e tudo revela sem qualquer censura. Confessa, inclusive, que “as más lembranças grudaram no meu espírito e das quais não consigo desvencilhar-me senão através deste exercício de catarse” (p. 21). Homem de setenta anos, vivido e experimentado, ainda se debatia com as más lembranças, aquelas que perseguem as pessoas e avultam em sua memória muito mais que as boas.

Quanto à formação literária, afirma sua preferência pelas obras de lingüística e filologia, ainda que “lesse de um tudo.” E repete, com visível gratidão, seu débito intelectual para com Humberto de Campos, o maior responsável pela sua formação literária e como mestre de vida. “Fui sempre um grande admirador da linguagem límpida e transparente do escritor maranhense. Foi com ele que eu aprendi a escrever...” (p. 22). Essa admiração não se resumia ao escritor, mas também se estendia ao homem, seu **modus vivendi**, sua independência intelectual e sua coragem. E, no final, acometido de terrível moléstia, deformadora e cruel, contemplava o fim próximo com inacreditável força moral e estoicismo, escrevendo, já nos últimos dias, uma de suas mais belas crônicas – “A música de Strauss” – que Nereu Corrêa transcreve no fecho de seu livro, homenageando o ídolo da juventude e responsável maior por sua formação (pp. 92 e 93).

È curioso notar que ele considerava Josué Montello, há pouco falecido, o maior romancista brasileiro do Século XX. Suas admirações maiores

nos gêneros do romance e da crônica foram ambas maranhenses.

Dentre as obras de Nereu, tenho especial admiração pelo ensaio “A Tapeçaria Lingüística de Os Sertões”, trabalho meticuloso, sério e que só poderia ser feito por quem aliasse o conhecimento da língua ao da obra de Euclides da Cunha. Também admiro o livro “Paulo Setúbal em Santa Catarina”, trabalho de pesquisa e erudição em que ele analisa toda a poesia do vate paulista, poema por poema, verso por verso, para tentar nela descobrir influências de sua permanência no chão catarinense. Busca paciente, minuciosa, estafante, dessas que hoje ninguém faz e que lembra Agripino Grieco espiolhando a obra de Machado. É livro muitíssimo valorizado por estudiosos do poeta paulista, entre eles Fernando Jorge em sua excelente biografia “Vida, obra e época de Paulo Setúbal” (Geração Editorial – S. Paulo – 2003). Por ocasião de seus lançamentos, comentei na imprensa ambos os livros.

As memórias de Nereu Corrêa são tocantes, proporcionando momentos de excelente convívio com as boas letras e desvendando um homem imenso, no sentido intelectual, tão modesto e discreto que seus conterrâneos parecem tê-lo esquecido.

B. Camboriú, 17 de julho de 2006.

### QUEM ESCREVE O QUÊ E ONDE

“Pinceladas de Luz”, volume-álbum que reúne fotografias de Lair Leoni Bernardoni, foi lançado no dia 20 de dezembro no Espaço Cultural Celso Ramos, em Florianópolis. A autora é festejada pela crítica como fotógrafa sensível e ousada, aproveitando com extrema acuidade os momentos e as figuras, obtendo assim um resultado repleto de beleza. Algumas de suas obras correm mundo, apreciadas por incontáveis olhares.

Está circulando o número 99 do “Suplemento Literário A Ilha”, periódico impresso desse Grupo que é liderado pelo incansável Luiz Carlos Amorim. Também mantém a versão eletrônica, na Internet. Neste número, entre outros, escrevem Celestino Sachet, Tânia Melo, Aracely Braz, Teresinka Pereira, Irene Serra etc., além do próprio editor, um de nossos autores mais preocupados com a sorte do livro e sua difusão, num trabalho que já vem de 26 anos. Em março, o Grupo se prepara para o lançamento do número 100, fato que, sem dúvida, constituirá um evento digno de comemorações. Creio que é o único na história literária de nosso Estado a atingir esse número, sempre com o mesmo formato e a mesma qualidade, sem interrupções. Amorim também vem publicando trabalhos sobre as nossas letras na “Revista Discutindo Literatura” e no “site” “CooJornal Revista Rio Total.”

---

“A vida pelo cinema – Herbert Holetz entre a realidade e a ficção”, de Magali Moser (Nova Letra – Blumenau – 2006), narra a paixão do personagem pela chamada sétima arte e sua dedicação a ela ao longo de toda a existência. Para ele, “o cinema vai além de mero passatempo ou diversão”, tendo acompanhado a produção cinematográfica e sua evolução por várias décadas, armazenando, em consequência, um rol de informações a respeito do assunto como poucos. O Cine Busch, de Blumenau, foi por longos anos o seu reduto, ali viveu com intensidade as emoções projetadas na tela, desfrutando das grandes realizações do gênero com o conhecimento do verdadeiro “expert.” Mais tarde, ainda abraçado ao cinema, “depois de várias tentativas de dirigir espaços de exibição, idealizou iniciativas pioneiras de democratização do acesso ao cinema nas Fundações Culturais de Blumenau e Joinville.” É um livro bem feito, pesquisado, escrito com clareza e que revela um personagem diferente, incomum, distante da maioria dos seres convencionais com quem convivemos. Vale a leitura, inclusive por mostrar um conhecedor enciclopédico do assunto que circula em nosso meio, no

cotidiano da vida, sem que a maioria sequer suspeite de seus conhecimentos. Como afirmou a jornalista Marlise Groth, o personagem é um presente ao jornalismo catarinense.

---

Wilson Gelbcke publicou, em 2002, interessante livro que só agora chegou às minhas mãos. Trata-se de “Por um rio, você pode fazer milagres”, ilustrado pelo próprio autor, em que mostra a importância da água e as formas de defender nossos rios. É um livro que se dirige às crianças mas que contém lições para todos.

---

“Encantos & Desencantos” é o novo livro de Eliseu Oro. O volume contém uma summa de sua poesia produzida nestes últimos tempos e dá bem uma mostra de seu trabalho. Vivendo na pequena cidade de Descanso, no oeste catarinense, ele é mais um desses abnegados que produz em silêncio, acreditando na própria obra e esmerando-se na qualidade. O conjunto revela que ele põe tudo de si nos versos que cria, traçando-os com sentimento e sinceridade, condições sem as quais a obra literária não vinga, como já observava Monteiro Lobato. Autor de outros sete livros e partícipe de inúmeras coletâneas, recebeu vários prêmios e sua presença é constante nas publicações literárias. Está de parabéns o poeta oestino pelo belo livro. Desejamos que alcance grande sucesso.

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 80,00
- Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)  
R\$ 10,00 (anos 60)  
R\$ 10,00 (anos 50)
- Encadernação R\$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R\$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

( ) Sim, desejo assinar a revista *Blumenau em Cadernos* para o ano de 2007 (Tomo 48). Anexo a este cupom, a quantia de R\$ .....,00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

**Formas de pagamento:**

- ( ) Vale Postal – Fundação Cultural de Blumenau – Blumenau em Cadernos
- ( ) Depósito no BESC – conta 77.995-2 – Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.
- ( ) Cheque - Banco: ..... Número do Cheque: .....

**Dados do Assinante:**

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cx. Postal: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_ Fone para contato: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

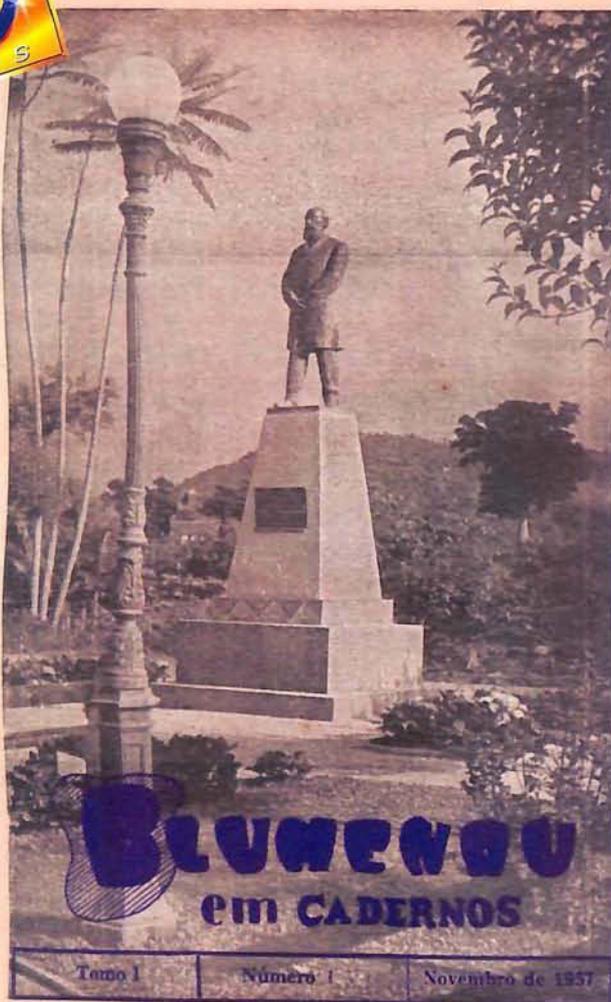
\_\_\_\_\_  
**Assinatura**

**Arquivo Histórico José Ferreira da Silva**  
Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - - Fone: (47) 3326-6990 – Fax (47) 3326-6874  
Blumenau (SC) – E-mail: [arquivohistorico@fcblu.com.br](mailto:arquivohistorico@fcblu.com.br)

ISSN 0006-5218

# BLUMENAU

*em Cadernos*



## BLUMENAU

*em Cadernos*

Janeiro / Fevereiro de 2007  
Nº 1/2

### Apoio Cultural:

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Hildegard Rossmark Schramm

43 S/A Gráfica e Editora

FUNDAÇÃO CULTURAL BLUMENAU  
TOMO XLVIII  
Jan./Fev. 2007  
NUMERO 1/2



## Unidades Culturais

Arquivo Histórico  
Prof. José Ferreira da Silva  
funcubl@terra.com.br

Mausoléu  
Dr. Blumenau

Museu  
da Família Colonial

Centro Cultural  
da Vila Itoupava

Escola nº 1

Vapor Blumenau

Biblioteca Pública  
Dr. Fritz Müller

Museu  
de Arte de Blumenau

Galeria  
Municipal de Arte

Centro de Publicação,  
Documentação e  
Referência em Leitura

Editora  
Cultura em Movimento  
ecmfcb@terra.com.br

[www.fundacaoculturaldeblumenau.com.br](http://www.fundacaoculturaldeblumenau.com.br)

